FUNDADOR — JOAQUIM MANSO | SÁBADO, 25 DE JULHO DE 1959 | ANO 39.º — NÚMERO 13 156

Diario de Lisbôa

DIRECTOR - NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO - MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 | REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO | PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA | EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D · B O A | RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA | ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2. | NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

POLITICA REALISTA

Na sua viagem pela Europa, o imperador da Etiópia — que ainda há pouco fora recebido na Inglaterra com as maiores provas de consideração e estima — visitou diversos países e, nomeadamente, a Russia, onde foi acolhido com todas as honras devidas a um chefe de Estado e, mais do que isso, ao soberano de um país amigo e quase aliado. Estranhar-se-á, porventura, que a Russia Soviética tenha dispensado ao soberano de um país cujas instituições políticas estão longe de oferecer afinidades com o sistema político-social que caracteriza o regime russo um acolhimento tão amigável e caloroso como aquele que Moscovo dispensou ao imperador da Etiópia. Uma política realista domina, porém, todos os actos dos senhores do Kremlin, que não hesitaram em concluir com Hailé Selassié I, cujas ideias sociais e crenças religiosas não oferecem o menor parentesco com as dos dirigentes russos, um acordo de auxílio técnico e económico, intercambio cultural e comercial, que permite o fornecimento de créditos a longo prazo á Etiópia e lhe proporciona os meios de aumentar o seu comércio e prover ao desenvolvi-

(Continua na página seguinte)

Sequestrou a família torturando-a durante quinze anos

CIDADE DO MÉXICO, 25.—A Polícia prendeu um chefe de família, por sequestro da mulher e dos filhos, durante quinze anos.

Pouco depois do casamento, em mico, que vivia modestamente do rendimento da venda de insecticidas, fechou a mulher em casa, proibindo-a de todo e qualquer contacto com o exterior, sob pena de morte.

Foram nascendo os filhos (seis), que tiveram igual sorte, e, até ontem, nada souberam praticamente do que ia pela sua própria terra. O pai nunca os autorizou a irem á escola e nem sequer o médico podia entrar naquela casa.

A mulher de Rafael Perez declara, mesmo, que dois filhos pequenos morreram por falta de assistência médica.

O dono da casa obrigava a família a trabalhar na cave e alimenta-1945, Rafael Perez Hernandez, quíva-a com farinha de aveia misturada a água e feijões. Por tudo e por nada, batia na mulher e nos filhos, e, de facalhão ou revólver em punho, ameaçava matá-los, se avisassem a Polícia. Finalmente, uma carta anónima enviada ás autoridades acabou com aquele calvário. — (F. P.).

Antes e depois, ou os resultados do progresso. Sessenta e três anos separam estas duas fardas, que pertencem aos correios britanicos. Ao centro, o sr. Ernest Narples, o correio-mor das Ilhas Britanicas, parece satisfeito com a evolução do trajo dos carteiros

Anuncia-se a adjudicação das obras exteriores do porto da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 25. — (Pelo telefone). — O ministro das Obras Publicas, que hoje inaugurou, acom-Publicas, que hoje inaugurou, diversos edifícios escolares nesta cidade, anunciou, numa sessão solene nos Paços do Concelho, a adjudicação das obras exteriores do porto da Figueira da Foz.

Na Freguesia de Marinha das Ondas, limite sul do concelho, aquele membro do Governo foi recebido, ao princípio da tarde, pelo presidente da Camara Municipal da Figueira da Foz, sr. dr. Adelino Pedrosa Veríssimo, e por toda a vereação, além de numerosas entidades representativas das actividades da cidade e do concelho. Depois da apresentação de cumprimentos, o sr. eng. Arantes e Oliveira seguiu para os lugares de Negrote, Sobral e Telhada, das fregue-

(Continua na 14.ª página)

Nota do dia

A MELHOR SOLUÇAO

O País tomou conhecimento, pelos nossos colegas da manhã, do diploma emanado da Presidência do Conselho que estabelece um vasto plano de construção de habitações de rendas acessiveis aos agregados familiares de mais fracos recursos. Esse diploma vem ao encontro de necessidades prementes que há muito se faziam sentir e por mais de uma vez têm sido postas em relevo pela Imprensa. Além dos benefícios de ordem material que desse plano, uma vez realizado em toda a sua ambiciosa extensão, resultam para as classes menos abastadas, não se lhe pode negar o mérito de encarar o problema sob um aspecto pelo qual temos terçado lanças, na medida em que nos é possível fazê-lo. «Prevê-se que as novas unidades urbanas a construir — diz o relatório que precede o decreto — incluam todas as categorias económicas, evitando segregações sociais inconvenientes e aliás alheias á tradição dos bairros lisboetas». Razões de ordem moral e social perfeitamente atendíveis aconselharam a seguir esta orientação, a mais justa, a mais humana e a menos anti-social que se podia desejar. Com efeito, não havia nenhuma vantagem em irradiar os pobres para bairros excêntricos, amontoando-os em «ghettos», embora providos de condições higiénicas, tal como acontecia na Idade Média, e acontece ainda hoje em certos países, com os judeus. Por um lado, criava-se-lhes um problema económico com a deslocação para os grandes centros onde exercem a sua actividade tornando-os vítimas da distancia e da dificuldade dos transportes. Por outro lado, concorria-se para acentuar neles o sentimento da desigualdade social que os ofende e da debilidade económica que os oprime. Com a publicação deste diploma, o problema está em vias de ser resolvido pela melhor forma e só temos de nos congratular por isso.

HAILÉ SELASSIÉ I

O imperador da Etiópia quis visitar o "Nuno Tristão" *e mostrou-se apaixonado* pela arte de navegar

(Do nosso enviado especial)

A BORDO DO CONTRATORPEDEIRO «LIMA», 25. — O imperador da Etiópia, que no escoltador oceanico «Nuno Tristão», ruma ás praias de Portugal, mostra-se encantado com a viagem e a todo o momento atraído pela vida do mar. Logo no momento do embarque, manifestou ao comodoro Paulo Viana o seu desejo de visitar o navio. Não só o espectáculo constante do mar atrai a sua atenção, como despertam o seu vivo interesse os problemas da navegação. Assim, na ponte, hóspede de honra, ele se debruça sobre as cartas de marear, segue a manobra com olhos fascinados, observa o radar, os centros de comunicações, os miudos pormenores dessa máquina perfeitamente sincronizada, corpo com alma, que é um navio de guerra. Expediu numerosos telegramas para diversos

(Continua na página central)

O DIÁLOGO LESTE-OESTE — 2

Um compromisso sobre Berlim *abriria o caminho* à conferência no mais alto nível

por ATTICUS

PARIS, Julho. — Ninguém se devia admirar de ver a questão de Berlim, que provocou a conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros, contribuir também para tornar possível a reunião da conferência no mais alto nível. Porque pode muito bem acontecer que um acordo de compromisso intervenha entre os Ocidentais e os Russos para resolver esta questão, acordo que aproximasse os pontos de vista americano e britanico sobre o problema desta conferência.

Por outras palavras: é bem possível que semelhante acordo, no caso de se obter, seja considerado em Washington como esse «progresso suficiente» de que falou sempre o presidente Eisenhower, justificando o encontro dos «Quatro Grandes» no mais alto nível.

Visado pela Comissão de Censura

Duas teses opostas

É certo que, acerca deste ponto também, como de tantos outros, os Ocidentais estão divididos entre duas teses opostas.

A tese alemã, sustentada igualmente pelos Franceses, é que a questão de Berlim não pode e não deve ser tratada separadamente, mas no quadro do conjunto do problema alemão, ou seja no quadro

(Continua na página seguinte)

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO..

Realidade da Nevrose (3)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

TODOS os nevróticos com acentuada oralidade fumam constantemente, mordidos pelo desespero, queimando cigarros uns após outros, dispensando fósforos e acendalhas.

No poema «Contrariedades», Cesário Verde, o poeta que directamente influenciou, em sua tragédia íntima, Fernando Pessoa, confessa: «Eu hoje estou cruel, frenético, exigente; / Nem posso tolerar os livros

(Continua na 13.ª página)

Diario de Lisbôa
publica hoje
32
páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Política realista

(Continuação da página anterior)

mento da sua incipiente industria.

O chefe do Governo soviético não deixou perder o ensejo que se lhe oferecia para pôr a girar, mais uma vez, o conhecido disco da coexistência pacífica, apontando as boas relações entre a Russia e a Etiópia «como um exemplo da possibilidade de compreensão entre dois paises de sistemas sociais divergentes». No comunicado final das conversações, o imperador etiope e o primeiro-ministro soviético «manifestaram o seu apoio aos principios de segurança colectiva, de não-intervenção e de coexistência, e concordaram em apoiar os princípios da Conferência Afro-asiática de Bandung, assim como os estabelecidos na Conferência de Accra entre os Estados africanos independentes».

Claro que a realidade é outra e os designios manifestados pelo Kremlin disfarçam, naturalmente, os verdadeiros propósitos que animam os dirigentes russos e que não podemos nem devemos ignorar, na defesa legítima que o Ocidente se propôs de outros valores e de outros princípios que falam mais alto á nossa inteligência, á nossa sensibilidade e ao nosso culto pelas liberdades individuais.

Estes factos, que precederam a visita do imperador da Etiópia a Portugal, poderiam porventura ter causado alguma desilusão em certos espíritos timoratos ou menos esclarecidos, que não compreendem a política com este sentido puramente realista, e áqueles que têm outra noção dos principios morais e espirituais que devem presidir ás relações entre os povos. Temos de compreender, todavia, as realidades e encarar os factos tal como eles se apresentam, com espírito sereno e grandeza de animo, procurando tirar deles não motivos de desanimo, mas a lição de realismo político que eles comportam.

*

Os interesses de Portugal em Africa não podem considerar-se iguais ou semelhantes aos de outras potências europeias que exercem tutela em vastos territórios do continente negro ou os administram com maior ou menor liberdade de acção, e que ali têm posto em prática uma política diferente daquela que nós prosseguimos tradicionalmente e que nos tem valido a adesão e o respeito das populações nativas. Essa política, seguida pelos outros, conduz em linha recta ao amadurecimento dos povos para a indepedência, e os seus resultados, valha a verdade, não têm sido inteiramente satisfatórios. As perturbações internas que em alguns desses territórios se têm produzido demonstram cabalmente que eles ainda não estavam preparados para tomar nas suas mãos os seus próprios destinos. Trata-se, porém, de um assunto que não nos diz respeito, a não ser pelos reflexos que essas perturbações possam ter em territórios e populações que vivem sob a protecção da nossa bandeira.

Portugal é uma nação africana, que procura elevar as populações autoctones ao nível social e cultural da população branca, não com o propósito de lhes conceder a independência política, que elas aliás não reclamam, mas sim de as integrar num sistema de vida evoluido que se aproxime o mais possível do padrão metropolitano, concedendo-lhes o estatuto de cidadania logo que se verifiquem as condições básicas em que ele assenta. Numa palavra, todos são considerados portugueses e é como portugueses que queremos elevá-los a um nível superior de civilização, integrando-os num vasto agregado nacional que implica a unidade dentro da diversidade de raças, de línguas e de religiões que o constituem. Pode acontecer, portanto, que alguns principios da Conferência de Accra ou mesmo aqueles que foram estabelecidos anteriormente na Conferência de Bandung, ressalvados os valores morais e tradicionais que informam a civilização ocidental, que é a nossa, não repugnem tanto como á primeira vista possa parecer á nossa consciência ou não estejam, até, em contradição com a política ultramarina de um país que se reparte por quatro continentes e engloba raças diferentes que vivem em diferentes estádios de civilização; de uma nação que é, depois da Etiópia, a mais antiga a usufruir direitos de soberania em Africa e que deu a mais importante e a mais decidida contribuição para a descoberta do Mundo.

Nesta ordem d. ideias, se a verdadeira posição de Portugal como nação africana for compreendida pela mais antiga nação africana independente com assento nos organismos internacionais que decidem do futuro de certos povos subdesenvolvidos ou irregularmente administrados, na opinião tendenciosa dos arautos de um anticolonialismo de fachada, se conseguir que uma voz se levante a favor das realidades tradicionais da Nação portuguesa, terá metido o que com propriedade se pode chamar uma lança em África, onde metemos tantas que contribuiram para prestigiar a nossa administração e conferir carácter universalista á nossa missão civilizadora. É de perar que a Etiópia acompanhe na defesa de uma soberania que perdura há mais de quatrocentos anos a nação europeia que primeiro com ela estabeleceu relações e que se prevalece, igualmente, dos seus direitos de antiguidade como nação africana.

A voz de Portugal já se ergueu, por mais de uma vez, na tribuna de um areópago internacional, a antiga Sociedade das Nações, para defender a Etiópia e conseguir que ela pudesse ser recebida no grémio das nações civilizadas em pé de igualdade com as potências europeias, apesar da resistência encarniçada dalgumas e dos protestos veementes daquela que invadira o seu território e contra a qual se haviam votado pesadas sanções económicas, a que fomos os primeiros a aderir. Seria lícito esperar que a voz da Etiópia se erguesse a nosso favor sempre que a hipocrisia pede a pele emprestada ao camaleão para invocar principios humanitários que ocultam propósitos bem diferentes daqueles com que na aparência se apresentam.

*

Por isso se nos afigura da maior importancia, neste momento, a visita do imperador Hailé Selassié I a Portugal, onde tudo lhe deve recordar, desde o perfil das caravelas cujos modelos se guardam nos museus de Lisboa até ao tumulo de Vasco da Gama, pai do herói que á independência da Etiópia sacrificou gloriosamente a vida, a própria história do seu país, que não pode dissociar-se da história de Portugal. Eis as razões por que entendemos que não se deve subestimar ou interpretar por um prisma diferente daquele que as realidades aconselham o pacto assinado entre o imperador da Etiópia e o primeiro-ministro soviético. Devemos, isso sim, conduzir a nossa política diplomática de modo a tirar as maiores vantagens e a colher os melhores frutos da oportunidade que nos oferece a visita do descendente de Salomão e da rainha de Sabá, que é para nós, sobretudo, o representante de uma dinastia gloriosa que manteve com os reis de Portugal relações da melhor amizade, e de um povo que com o nosso mantém afinidades espirituais, culturais e religiosas que não podem esquecer-se ou olhar-se com indiferença. Isso seria atraiçoar ou não atender aos nossos próprios interesses.

Em AGUEDA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por RAUL CONDE.

O diálogo Leste-Oeste

(Continuação da página anterior)

de um acordo geral com os Russos. O que, como se compreende, exclui todo o acordo sobre Berlim e assegura a eternização deste problema.

Em contrapartida, a tese britanica, da qual parecem aproximar-se gradualmente os Americanos, é que seria desejável uma solução parcial da questão de Berlim, que podia abrir o caminho para um acordo geral sobre o problema alemão.

No entanto, não se trata apenas de uma simples oposição entre duas teses. No pensamento dos Anglo-Americanos, um acordo parcial e mesmo limitado sobre a questão de Berlim constituiria um êxito da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros que justificava a reunião da conferência no mais alto nível.

Compreende-se, portanto, a emoção e a inquietação dos Alemães em presença de uma tal tendência e de uma tal perspectiva. Um acordo limitado sobre Berlim, separado do conjunto do problema alemão, não só se opunha á sua tese, mas iria ao encontro de toda a sua política, pois abriria o caminho á conferência no mais alto nível, a conferência que os Alemães querem a todo o custo evitar.

Desde o primeiro encontro dos quatro ministros ocidentais, em Genebra, no dia em que recomeçaram os trabalhos da conferência, Von Brentano declarou-se, em nome do Governo Federal, contrário a um acordo parcial e limitado sobre a questão de Berlim.

Um acordo em marcha

Ora, tudo parece indicar que a tendência geral, no decurso da segunda fase da conferência de Genebra, é de tratar a questão de Berlim separadamente e de procurar uma solução limitada de compromisso acerca dessa questão.

Esta tendência era já manifesta na primeira fase da conferência. Os ministros ocidentais tinham dado efectivamente, nessa altura, um grande passo em frente, que consistia em separar a questão de Berlim do conjunto do problema alemão e de a tratar á parte. O que alarmou justamente o Governo de Bonn.

As negociações entabuladas á porta fechada entre os «Quatro» ocupavam-se, sobretudo, da questão de Berlim. Afigurou-se mesmo, em determinada altura, que essas negociações tinham feito progressos e que estava á vista um «modus vivendi» sobre Berlim. A tal ponto que chegaram a ser comunicados á Imprensa os pormenores desse acordo.

Ninguém saberia dizer exactamente o que se passou então e a razão pela qual esse acordo se malogrou finalmente. Todavia, uma coisa é certa: esse malogro não impediu os «Quatro» de prosseguir a discussão acerca de Berlim durante as três semanas em que estiveram suspensos os trabalhos da conferência. E ver-se-á agora em Genebra se essas conversações por via diplomática foram verdadeiramente frutuosas, tal como se supõe, sobretudo em Londres.

Optimismo significativo

Este optimismo dos Ingleses é bastante significativo. Porque, mesmo sem estar no segredo dos deuses, pode dizer-se que a diplomacia britanica despendeu, no decurso do longo entreacto da conferência de Genebra, uma grande actividade para lançar as bases de um acordo limitado sobre Berlim. Do mesmo modo, o optimismo que se observa em Londres mostra que esses esforços da diplomacia britanica teriam dado resultados bastante satisfatórios.

O optimismo britanico traduziu-se numa declaração feita por Selwyn Lloyd em Londres na véspera do recomeço dos trabalhos da conferência de Genebra. Evocando esse acontecimento, o chefe do Foreign Office dizia que o Governo britanico estava resolvido a obter «um acordo mesmo limitado» susceptível de conduzir á conferência no mais alto nível.

Ora, um tal acordo diria, evidentemente, respeito á questão de Berlim, pois foi essa questão que constituiu o principal objectivo das conversações diplomáticas entre Washington, Londres e Moscovo durante as três semanas de tréguas da conferência de Genebra.

A evolução dos debates em Genebra mostrará se esse optimismo é justificado. De qualquer modo, uma coisa é certa: um acordo, mesmo limitado, sobre Berlim é a unica possibilidade de êxito da conferência dos ministros dos Negócios Estrangeiros e um tal acordo asseguraria a reunião da conferência no mais alto nível.

A possibilidade dum acordo

Quanto ás probabilidades de um acordo sobre Berlim, é assaz interessante verificar que elas parecem bastante sérias, graças aos Alemães de Oeste, isto é, os mesmos que se lhe opunham deliberadamente.

Com efeito, toda a discussão sobre este assunto tem por objecto, na realidade, a mudança do estatuto de Berlim, no qual os Ocidentais não querem tocar. Ora, foram os Alemães de Oeste que atacaram, e de uma maneira espectacular, esse estatuto, quando o assunto se debateu em Genebra.

Escolhendo Berlim para local da eleição, no dia 1 de Julho, do presidente da Republica Federal, os dirigentes de Bonn tiveram em vista sublinhar melhor que a cidade pertencia á Republica Federal. O presidente do Bundestag, dr. Gerstenmaier, disse-o sem rebuço no decurso da declaração feita na véspera da eleição presidencial. Berlim, proclamou, faz parte da Republica Federal.

Escusado será dizer que uma tal tomada de posição facilitou singularmente a acção dos Russos na Conferência de Genebra. Porque não se vê muito bem como se lhes poderia censurar que quisessem tocar no estatuto de Berlim, ou pedir á sua modificação, quando o Governo de Bonn é o primeiro a fazer o mesmo, a despeito dos acordos existentes que regulam o estatuto da cidade quadripartida e que interdizem formalmente ao Governo Federal tratar Berlim como fazendo parte da Republica da Alemanha de Oeste.

Era, aliás, por esta razão que os Ocidentais, assim como o chanceler Adenauer, eram contra a escolha de Berlim para local da eleição presidencial.

ATTICUS

Terra Santa 1959

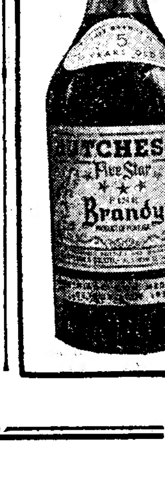
Maravilhosa viagem organizada em colaboração com a TRANS WORLD AIRLINES, e obsequiosamente acompanhada pelo Rev. Sr. Cónego Dr. Oliveira Rosa, visitando-se:

ROMA, CAIRO, JERUSALÉM, DAMASCO, BEIRUTE, ATENAS
Partida a 29 de Agosto — Chegada a 14 de Setembro

COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

Inscrições e Informações no

Turismo «SANTA MARIA»
(Agência da classe A)
RUA AUREA, 292, 1.º
Telefs: 21905 e 28686
LISBOA



Prefira
Brandy
HUTCHESON
Medalha de Ouro
1955
DEPOSITÁRIOS:
T. VILARINHOS, L.da
Rua do Benformoso, 145 a 151-B
TELEFONE, 843399
LISBOA-2

SAB-932

FEIRA DE AMOSTRAS DE PRODUTOS PORTUGUESES

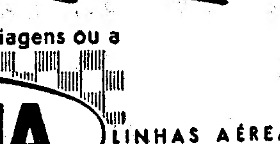
F A P P

LEOPOLDVILLE

DE 15 A 29 DE SETEMBRO DE 1959

Pela SABENA viajará com a maior rapidez e comodidade

EM SUPER DC-6
E SUPER DC-7C



Consulte o seu Agente de Viagens ou a

SABENA LINHAS AÉREAS BELGAS

Praça da Alegria, 58, 1.º — Lisboa — Telef. 33538-28401

A gare rodoviária da Empresa Setubalense é inaugurada esta tarde

SETUBAL, 25. — (Pelo telefone). — A' hora da saída do nosso jornal, está a realizar-se a cerimónia inaugural da Gare Rodoviária da Empresa Transportadora Setubalense e de João Candido Belo & C.ª, Lda. Esta gare faz parte da grande Estação Rodoviária, em construção no centro da cidade, com frente para a Avenida 5 de Outubro e confrontando com a Avenida Dr. Manuel de Arriaga e Ruas Capitão-Tenente Carvalho Araujo e do Antigo Matadouro.

A gare hoje inaugurada comportará um máximo de catorze viaturas, cujos movimentos serão dirigidos por um chefe de estação, através de um sistema de sinalização que permite tráfego eficiente e seguro, tanto no transporte de passageiros como de bagagens. Servirá as carreiras com origem ou paragem intermédia em Setubal e possui, anexas, várias instalações entre as quais avultam, pela sua boa concepção e utilidade, uma sala de espera e uma agência de Turismo.

A saída da primeira carreira está prevista para as 17 horas, devendo assistir ao acto o chefe do distrito, presidente da Camara Municipal e outras entidades.

Assim, o movimento de autocarros deixa, a partir de hoje de fazer-se na Praça du Bocage.

COMEMORAÇÃO do centenário

do nascimento do padre Cruz

O primeiro numero do programa das comemorações centenárias do bondoso padre Cruz efectuar-se-á no próximo dia 29.

Naquele dia, nasceu, há um século, em Alcochete o grande apóstolo da caridade. Para celebrar esta data haverá na igreja de S. Domingos ás 18 e 30, missa solenizada, celebrada pelo sr. D. Manuel Trindade Salgueiro, arcebispo de Evora, que fará uma alocução. Cantará o grupo coral dirigido pela sr.ª D. Olga Violante. Não se fazem convites. O clero tem lugares nos cadeirais da capela-mor.

Neste mesmo dia haverá missa, na capela do Cemitério de Benfica, ás 9 horas.

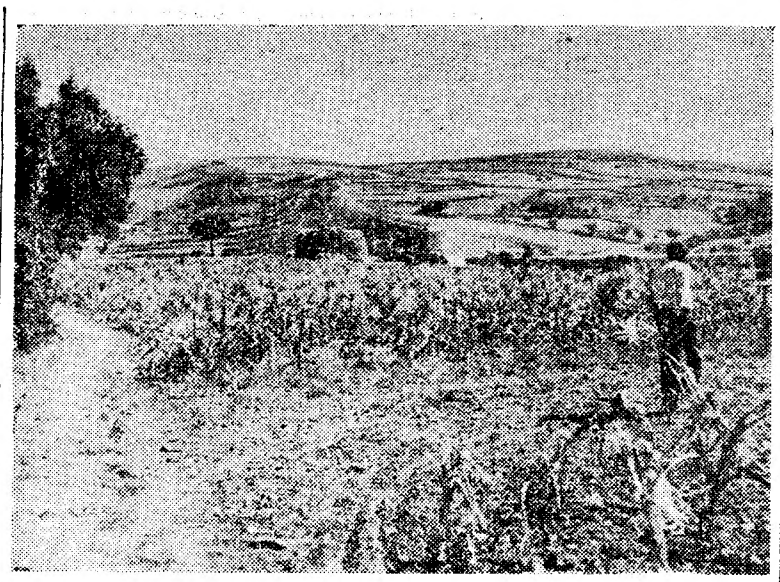
DOUTORAMENTO

em Medicina Veterinária

Na Escola Superior de Medicina Veterinária, principiou ás 15 horas, a ultima prova do doutoramento do licenciado sr. dr. António Martins Mendes, que defendeu a tese «Subsídio para o estudo da teripneumonia contagiosa dos bovinos em Angola». Foram arguentes os srs. profs. drs. Eugénio Tropa e Jacinto Fererira, daquele estabelecimento de ensino.

O juri era constituido pelo vice-reitor da Universidade Técnica, sr. prof. eng.º Belard da Fonseca, srs. profs. drs. Henrique de Oliveira e Candido de Oliveira, respectivamente das Faculdades de Medicina de Coimbra e de Lisboa, e todos os catedráticos da Escola Superior de Medicina Veterinária.

O resultado final deste doutoramento será tornado publico ainda hoje.



A região descampada onde se supõe que tenha caído a granada

Admite-se a hipótese de que tenha explodido a tempo a granada perdida em Manique

O pessoal técnico de Engenharia e Artilharia Ligeira, especialmente destacado para efectuar as pesquisas, ainda não conseguiu encontrar uma granada que se julga não ter chegado a explodir, quando dos exercícios de tiro real de artilharia da Escola de Recrutas, que se efectuaram no dia 21 do corrente, tendo por objectivo a encosta leste de Manique de Cima e de Baixo. O caso, a que ontem fizemos referência, a propósito de um comunicado do quartel-general do Governo Militar de Lisboa, despertava principalmente o interesse do pessoal técnico que tem feito as suas pesquisas na área do monte de Cabeça de Boi, que fica entre as estradas de Manique e dos Bernardos. Trata-se de terrenos escalvados, que servem para cultura de cereais e onde andam agora trabalhadores a cortar palha, vendo-se, em determinados pontos tratores e enfardadeiras. As habitações em volta destas estradas são em numero bastante reduzido e os seus moradores mostram-se quase alheios ao acontecimento. Alguns desconheciam o facto e outros não se preocupam com o caso.

Não está posta de parte a hipótese de que a referida granada tenha explodido na altura própria. Mas se tal não sucedeu, a população já ficou agora devidamente avisada e, se cumprir com rigor as instruções fornecidas, não haverá perigo para ninguém.

Atropelamento mortal

BARCELOS, 25 — (Pelo telefone) Hoje, cerca das 10 e 30, na freguesia de Fonte Coberta, deste concelho, na estrada Famalicão-Barcelos, deu-se um desastre, que causou a morte de um abastado proprietário, de nome António Rodrigues de 75 anos de idade. Dirigia-se a vítima, numa bicicleta, fora da mão, para a igreja da sua freguesia, quando lhe surgiu pela frente, um automóvel, guiado por José Lourenço Vinhas Carneiro, de Idanha-a-Nova, com o qual o ciclista embateu violentamente. O carro travou imediatamente, mas já tarde. O sinistrado faleceu pouco depois no hospital de Barcelos.

GRANDE TERRENO

PARA INDÚSTRIA

A 15 MINUTOS DE LISBOA, SERVIDO PELA ESTRADA DE VILA FRANCA. 150.000 M² TERRENO PLANO VENDE-SE. TEL. DIAS ÚTEIS DAS 10 ÀS 18 H. 782001

Tágide

UM EXTRAORDINÁRIO ESPECTÁCULO DE «MUSIC-HALL»

A Vedeta francesa
DENISE ANDRÉ

O fantasista francês
PIERRE DESCAMPS

O famoso ilusionista e manipulador
Vedeta do MOULIN ROUGE
JEAN DAVIS
e a sua «partenaire»

A elegante parelha de baile
LOS SEVILLANITOS

A grande Vedeta brasileira
DEO MAIA

nos seus «sketchs» de esfuziante alegria e plenos de espírito; com
WALTER MACHADO
e Irmãos Guarás
(Maiores de 17 anos)

*

Palm Beach

O famoso Conjunto
MAX MARINO
e
TODAS AS GRANDES ATRACÇÕES DA TÁGIDE

*

Concha

Piscina da Praia das Maçãs
RESTAURANTE — SALÃO DE CHÁ — DANCING
ESTA NOITE
APRESENTAÇÃO DAS ATRACÇÕES DA TÁGIDE

Concha — Palm Beach
DOMINGO
Chá Dançante
Tágide-Palm Beach-Concha

VISITE

as novas instalações do Restaurante «Imperial» — Nova gerência — Nova cozinha
CARREGADO — Telefone 36

A CIDADE

Caso do dia

Elas armam-se quando menos se espera. Vejam o que sucedeu ao pintor de construção civil Manuel Luís, quando passava na Praça Luís de Camões, abraçado a um marítimo inglês, seu amigo, que recentemente chegara ao nosso porto, no barco onde trabalha. Tudo corria normalmente, se não fosse a curiosidade de uma senhora que parou na rua à observar os dois amigos, precisamente no momento em que o pintor lhe metia a mão na algibeira das calças e dela retirava uma nota, segundo pareceu á referida senhora.

O pintor, segundo declarou, ia com uma pinguinha a mais e, por isso, ficou furioso ao ver que era observado. Largou o amigo, dirigiu-se á senhora e, sem mais nem menos, agrediu-a e rasgou-lhe o casaco. Nessa altura compareceu a Polícia, juntou-se gente e a agredida desapareceu, assim como o amigo inglês. O pintor, para ser conduzido á esquadra foi uma tragédia, tornando-se necessário amarrar-lhe os braços com uma corda.

No dia seguinte, entre lágrimas, desculpou-se com o vinho, e afirmou que, quando metera as mãos na algibeira do amigo, com quem era costume encontrar-se de três em três meses, não pretendia tirar-lhe dinheiro, mas sim o cartão de identidade que ele por brincadeira, lhe tirara e metera ao bolso.

O magistrado perguntou-lhe se ele sabia falar inglês ao que ele respondeu afirmativamente, dizendo que aprendera com seus pais que estiveram muitos anos na América.

Por fim, veio a sentença: condenado em 100 dias de prisão a 10$00 diários, 6 dias de multa a 10$00, 100$00 de imposto e 100$00 de indemnização a cada um dos guardas. O réu estava acusado de três crimes: ofensas corporais, desobediência e resistência ao captor.

Grandes prejuizos causados pelas trovoadas em Quintanilha

QUINTANILHA, 25. — Devido ás fortes trovoadas que têm pairado sobre esta localidade, as linhas telefónicas estão avariadas.

Tanto em Quintanilha, como em Veigos e na Befesa, a trovoada e as trombas de água e de granizo foram, ontem á tarde, tão fortes que provocaram a inundação do grande Vale de Canlelha, onde existia um depósito de água construído pelo povo. Com o grande peso da cheia, o depósito rebentou, levando as águas tudo o que apanharam na sua frente. Pode calcular-se a importancia dos danos sofridos, se dissermos que se trata do local onde toda a gente desta povoação tem as suas eiras para batatas, feijões, beterrabas e outros produtos hortícolas. Muita gente ficou na completa miséria.

Os sinistrados reuniram-se e, em conjunto, estão a procurar recolher os produtos espalhados por toda a veiga, que puderem ser aproveitados e que depois serão repartidos de harmonia com os terrenos que cada um possui.

Os prejuizos ascendem a cerca de mil contos, além de que as searas, preparadas para receber a sementeira do próximo ano, ficaram completamente arruinadas, devido á acção da chuva e do granizo.

APARECEU MORTO em Odivelas

Na sua casa de Odivelas, apareceu morto António da Costa Vieira, de 62 anos, jornaleiro, cujo corpo recolheu ao Instituto de Medicina Legal.

Pelos hospitais

ACOMETIDO DE DOENÇA SUBITA E MORTAL — Faleceu subitamente em casa, na Rua Sebastião Saraiva Lima, n.º 47, cubiculo, António da Graça, de 62 anos, pedreiro.

FRACTUROU A COLUNA VERTEBRAL — Recolheu á sala de observações do Hospital de S. José, o jornaleiro José Dias Pereira, de 35 anos, de Monsanto, Idanha-a-Nova, que caiu de um jumento, e fracturou a coluna vertebral.

CAIU DA BICICLETA — Por ter caído da bicicleta em que seguia, feriu-se no rosto e recolheu á sala de observações do Hospital de S. José, Emílio João Duque de Almeida, de 26 anos, motorista da Charneca da Caparica.

Pela Polícia

A 5.ª Secção da Polícia Judiciária identificou recentemente a autora de vários furtos de que foram vítimas diversas pessoas que iam ser radiografadas no posto do B. C. G., na Praça do Chile. Têm sido apreendidos vários objectos de ouro, cujos donos se desconhecem. A Polícia espera, por isso, que os lesados se dirijam áquela secção, ao agente Avelar, no caso de não terem apresentado queixa, para poderem verificar se lhes pertencem alguns dos objectos ali depositados.

Os recrutas do batalhão de Caminhos de Ferro juraram bandeira no Entroncamento

ENTRONCAMENTO, 25 (*Pelo telefone*) — No quartel do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro realizou-se hoje, de manhã, sob a presidência do ministro do Exército, o juramento de bandeira dos recrutas da unidade.

Assistiram á cerimónia altas patentes do Exército, o presidente da Camara Municipal do Entroncamento, sr. José Duarte Carvalho, funcionalismo superior da C. P., e outras individualidades. As cerimónias iniciaram-se ás 8 horas, com uma missa campal, rezada pelo rev. Adelino Gomes, pároco local. A's 10 e 30, com as tropas em formatura, sob o comando do sr. capitão Mesquita Borges, comandante do Centro de Instrução, realizou-se a cerimónia do juramento, sendo os deveres militares lidos pelo sr. tenente Artur Tição, e a fórmula do juramento pelo sr. major Machado de Sousa, 2.º comandante do Batalhão. Segue-se a apresentação de um pelotão auto-comandado e de uma classe de ginástica educativa, bem como provas de saltos e rebentamento de minas. Cerca das 13 horas realizou-se um almoço na messe dos oficiais.

A' hora a que telefonamos, está a efectuar-se uma récita, sendo intérpretes cabos e soldados.

TERMAS DE MONFORTINHO

Especialmente destinadas ao tratamento de afecções hepáticas, ginecológicas e doenças de pele e dos climas quentes
Abertas todo o Verão e até 30 de Novembro
HOSPEDE-SE NO
HOTEL FONTE SANTA — Telefs. 4 e 28

Construção de prédios (2)

Acerca do desprezo pela higiene habitacional, que mostram muitos dos nossos construtores civis, ficámos nós, no artigo passado, em matéria de *caves*, assunto muito importante, que merece mais algumas considerações.

Continuemos na enumeração dos abusos

8 — A cave é sempre má para habitação, porque, mesmo quando se adoptem todos os cuidados, ela terá humidade a mais, ar e luz a menos.

Por isso a higiene aconselha e a lei impõe: que a cave habitável não fique enterrada mais dum metro abaixo do nível do passeio, que uma fachada, pelo menos, fique totalmente desafrontada; que os peitoris das janelas sobre a rua fiquem pelo menos a sessenta centímetros de altura, que a construção das paredes obedeça a normas e materiais que impeçam a infiltração de águas superficiais e preservem da humidade telurica e das emanações subterraneas. Simplesmente... poucas vezes se observam estas normas, o que expõe os pobres moradores das caves a humidades, infiltrações, bolores, bafio, escuridão, reumatismo, bronquites, anomalias psiquicas e outros males. Na escuridão só devem viver as toupeiras, por gosto, e os pobres mineiros, por necessidade

9 — Outro abuso, ainda maior, consiste na construção de *caves não habitáveis*, que não estão expostas aos rigores de construção, acima mencionados. Então, os efeitos ainda são mais desastrados.

Tais caves, com 2,20 metros de pé direito, são por vezes abusivamente utilizadas para escritórios, onde a luz eléctrica está permanentemente acesa, sendo certo que a luz eléctrica só é boa depois do Sol posto. Outras vezes, servem de quartos de dormir e as consequências ainda são piores.

Poderá perguntar-se: que culpa têm os construtores de edificarem caves inabitáveis, que depois vêm a ser habitadas?

Têm muita. O legislador de 1951, suspeitando de sofismas e abusos, decretou que uma cave inabitável ficasse em ligação directa, por uma escada interior, com os restantes pisos do prédio Ora a verdade é que frequentemente aquela ilegal escada interior existe. E porquê? Porque os construtores querem, os arquitectos desenham, os peritos informam, os fiscais fiscalizam, mas só as Camaras mandam

10 — E agora vamos ás retretes. Estabeleceu, e muito bem, o decreto-lei n.º 38 382, de 7/8/1951, que todos os compartimentos, com excepção de corredores, despensas e arrecadações, tivessem um ou mais vãos «praticados nas paredes, em comunicação directa com o exterior»

E' de crer que, sendo necessárias as janelas em todos os compartimentos, é nas cozinhas e retretes que elas fazem mais falta. E não nos iludamos com tubos de ventilação que são geralmente falazes e enganadores!

O legislador brasileiro foi categórico: «As latrinas deverão ter, pelo menos, uma face exterior; serão bem iluminadas e ventiladas por meio de janelas de dimensões proporcionais á sua área» (Art. 42.º da lei n.º 1 561-A, de 29/12/1951). E mais nada do que isto, convindo dizer que, desde há muitas décadas, o Brasil é um dos países que, em matéria de higiene, dão leis ao Mundo.

Mas o legislador português foi menos avisado, permitindo que «em casos especiais» a ventilação das retretes pudesse ser feita pelos tais tubos.

E que se está entendendo, na hora actual, por «casos especiais»? «Casos especiais» são todos aqueles em que o lápis do arquitecto desenhe uma retrete interior. De futuro, é possível, é natural, que cada prédio de rendimento tenha uma ou duas duzias de retretes interiores e só interiores.

E assim vamos vivendo neste vale de lágrimas!

11 — Toda a gente pode construir casas de quatro andares sem elevador, mas é desumano para os moradores, sobretudo quando são velhos ou doentes, que o angulo de ascensão das escadas seja superior a 38 graus. Também é o que dispõe a nossa lei, quando estabelece que, á altura máxima de 18 centímetros de cada degrau, corresponda um fundo mínimo de 23 centímetros para o mesmo degrau.

Infelizmente, quem anda todos os dias a ver casas, já construidas ou a construir topa com escadas, cujos angulos de ascensão sobem a 45, a 50 e a pais graus. Pogres corações e pulmões de aqueles que houverem de trilhá-las!

12 — Acerca ainda de logradouros posteriores, estabeleceu o legislador que nos prédios de gaveto ou esquina, o logradouro posterior podia vir abaixo dos 40 metros quadrados regulamentares. Até onde levaram os construtores a interpretação de aquela liberalidade? Até ao ponto de deixarem logradouros de 5 ou 10 metros quadrados, assim fazendo uma reconstituição histórica dos velhos saguões, de tão pestilenta memória, que ficaram a assinalar a falta de higiene das gentes medievas.

13 — Não raro e sobretudo á beira das estradas, na proximidade de cidades e vilas, costumam alguns proprietários furtar as suas casas e jardins á vista dos passeantes, para o que levantam muros a uma altura de dois metros. Isto patenteia um egoismo pouco recomendável, porque assim ficam as ruas e estradas absolutamente insipidas, tristes e monótonas. Há trechos de estrada, como por exemplo entre o Porto e Espinho, onde tais muros roubam toda a beleza de paisagens, que de outra forma deliciariam os olhos dos passeantes.

Ora, não era isto certamente o que estava no espírito do legislador, quando redigiu a parte final do Art. 121.º do diploma vigente.

14 — Tanto o Regulamento Geral das Edificações Urbanas, como o Regulamento Geral de Abastecimentos de Água e o Regulamento Geral das Canalizações de Esgoto advertem os construtores civis de que nenhum projecto de edificação deve ser apresentado a uma Camara Municipal, sem que se faça acompanhar duma memória descritiva e peças desenhadas uma e outras exclusivamente reservadas ás redes internas de água e saneamento, claramente expostas em plantas e alçados.

E compreende-se que assim seja, porque, sobretudo nos prédios multifamiliares, a rede interna de esgotos constitui a parte mais melindrosa da salubridade duma casa.

Porém, em muitos concelhos e na maior parte dos projectos apresentados, ou não se faz referência a nenhuma daquelas redes internas ou se desenham uns risquitos, para inglês ver. Não se fazem as *provas das canalizações*, ultimam-se as obras e ninguém sabe o que ali fica escondido, em tubos de queda e ramais de descarga, em sifões e calibres, em camaras de visita e tubos de ventilação. Tudo mistério! Uma só coisa fica de pé, que é *quase* gagantia bastante: a honorabilidade dos construtores. Mas é só *quase* uma garantia, porque não é raro verificar que casas novas, acabadas de construir, já cheiram mal!...

E por aqui nos ficamos. Focámos 14 pontos concretos de desprezo pela boa construção e pela salubridade habitacional, mas ainda ficam de fora muitos e muitos mais, porque também tem limites a paciência dos leitores.

Para muitos, a salubridade das casas não é asisunto de grande importancia, que mereça a atenção de governantes e governados; para outros, constitui matéria do mais alto interesse, porque é afinal dentro de casa que passamos metade ou três quartos da nossa existência.

Nem todos podem ter uma mesa requintada, nem tão-pouco mobiliários de alto luxo. Mas parece que todos, absolutamente todos, devíamos ter direito a morar numa casa que não cheirasse mal, dotada duma indispensável dose de higiene, asseio e conforto.

Todos os dias se cantam hinos á Higiene com um H maiusculo, melhor seria que todos os dias se realizassem obras e tomassem medidas higiénicas com um h minusculo.

Por enquanto, ainda só é criminoso vender bifes de burro desconhecido; mas é possível que ainda venha um dia em que se descubram os inconvenientes de morar em casas mal cheirosas.

J. T. MONTALVÃO MACHADO

Concurso para internos dos Hospitais Civis

Está aberto concurso para o provimento de 32 lugares de internos dos Hospitais Civis, aos quais podem concorrer médicos e os finalistas de Medicina, que serão admitidos definitivamente se, até cinco dias antes do começo da primeira prova do concurso, provarem ter terminado o curso e tiverem a sua documentação completa.

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

O actor Luís de Lima, que no Trindade nos apresentou o «Teatro de Jonesco», ficará algum tempo no Porto, onde orientará a direcção artística do Teatro Moderno, que funciona no Clube dos Fenianos Portuenses.

— De segunda a sexta-feira, da próxima semana, a companhia do Teatro Monumental, de que faz parte a actriz Irene Isidro, realiza espectáculos em Vila Real de Santo António, Tavira, Loulé, Portimão, Faro e Lagos, com a comédia «Eles, elas... e os meninos».

— Na próxima terça-feira, á noite, é esperado, vindo de Luanda, o empresário Giuseppe Bastos, que vem assistir á estreia da revista «Há feira no Coliseu».

— Depois de amanhã deve efectuar-se no Teatro Monumental o ensaio geral da peça «O baile», em cujo desempenho apenas intervem os artistas Laura Alves, Paulo Renato e Rui de Carvalho.

— «Rita e Manuel» é um dueto da revista «Há feira no Coliseu», que vai ser desempenhado pelos artistas cantores Maria Adelina e Domingos Marques.

— Consta que, no próximo ano, a companhia do Teatro Maria Vitória fará uma digressão ás nossas provincias ultramarinas.

— Está assente que a inauguração da época de Inverno no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, se faça com a companhia do Teatro Monumental, actualmente em digressão pelo País.

— Encontra-se ainda no Lobito o ilusionista Conde de Aguilar, que anda em digressão artística pela provincia de Angola.

— Na T V. está marcada para 4 de Agosto a representação da peça de Shakespeare «As alegres comadres de Windsor».

GRANDES FESTIVAIS na praia da Quarteira

QUARTEIRA, 25 — (Pelo telefone) — A Junta de Turismo desta linda praia algarvia elaborou um interessante programa de festivais, para esta época balnear, e com a colaboração do sr. Arnaldo Martins de Brito, vice-presidente da comissão de festas da Casa do Algarve em Lisboa, está empregando os melhores esforços de forma a apresentar na sua Esplanada-Dancing, atracções de carácter fol clórico, teatral e cultural, proporcionando aos veraneantes espectáculos de variedades com os melhores artistas. Além disso, promover-se-ão conferências de interesse local e terá lugar um concurso de fotografias, assim como se efectuarão a noite dos poetas algarvios, concursos de danças, uma grande festa algarvia, quermesses, tômbolas, musica, cantares e bailados, com serviço de guloseimas de sabor regional.

Pensa-se também organizar uma grande verbena, em honra dos turistas estrangeiros, sobretudo franceses aqui veraneando, a Noite Portuguesa dedicada ás várias províncias, com a originalidade dos seus trajos, cantos e danças.

E' também intenção da Junta de Turismo organizar várias provas desportivas

Alguns destes espectáculos terão carácter beneficente.

Foi contratada a famosa Orquestra Pax-Julia, uma das melhores orquestras do Sul do País, que inaugurará os bailes na Esplanada-Dancing, no dia 1 de Agosto.

HOMENAGEM a um diplomata

A direcção da Camara do Comércio dos Estados Unidos da América do Norte promove, no dia 30, das 18 e 30 ás 20 horas, no Hotel Tivoli, um «cocktail» em honra do eng. Manuel Bramão adido comercial á Embaixada de Portugal em Washington.

Amélia Rey Colaço

Convidada por Jean Villar, director do Teatro Nacional Popular de França, partiu para Paris a actriz-empresária Amélia Rey Colaço, que vai assistir aos três espectáculos do Festival de Teatro em Avinhão, dentro do plano de preparação da nova temporada do Teatro Nacional D. Maria II.

No Teatro ABC

Últimas exibições de «Mulheres à vista!»

«Mulheres á vista!», o êxito de gargalhada que o publico consagrou, esgotando as lotações do ABC, durante lois meses, sairá em breve do cartaz. Do elenco, destacam-se além das atracções internacionais Berta Loran, Lina Belmonte e Max, os artistas Leónia Mendes, Aida Baptista, José Viana, Raul Solnado e Carlos Coelho que comunicam á revista o ritmo da sua alegria e bom humor, num espectáculo valorizado ainda por um atraente friso de coristas e quadros imaginosos.

Primeiras exibições

«Lilli e os ladrões», no Condes

Um nome a fixar: Ann Smyrner. Ann é uma das mais belas alemãs que o cinema nos tem revelado. Parecida com Belinda Lee, mas muito mais insinuante e viva, menos estática Ann Smyrner conquistou imeditamente o publico português. Não se trata apenas de uma linda rapariga que convem conservar calada. Ann tem uma agilidade, uma vivacidade, uma agudeza que a tornam uma actriz excepcional De vastos olhos, cabelo louro, uma elegancia maravilhosa, Smyrner é todo o filme.

Lilli, a heroina de famosas histórias em quadradinhos, encontrou em Ann Smyrner, que uma publicidade bem montada poderia lançar ao lado das B. B., M M., S. L., etc., uma magnífica, insuperável intérprete. Aliás Ann Smyrner tem um encanto muito mais evidente e parece ser uma rapariga hábil. «Lilli e os ladrões», comédia deliciosa, vale fundamentalmente pela intérprete, que não podemos deixar de classificar de sensacional.

Lilli vai converter-se numa heroina do publico lisboeta Entre os ladrões desta suculenta comédia, invencível, combativa deslumbrante, Ann Smyrner conquistou a popularidade — *Visor 70*

«Quando o coração diz que sim». no Aviz

Do título original do filme evitou-se em Portugal o nome da protagonista. Piroschka, mas não havia perigo de má interpretação porque a figura é singela e Lilesotte Pulver lhe imprime simpática graça, isenta de pretensões. Localizado numa aldeia da Hungria, mostra os caracteres e os costumes das suas gentes, as suas festas e os seus bailes, e os vestidos das mulheres, tão semelhantes aos das nossas até nas cores que o filme reproduz perfeitamente. A história é enternecedoramente romantica e bem dada pelo realizador e pelos seus intérpretes, Lilesotte Pulver e um elenco de bons actores alemães, e bandos ciganos, e musicos, bailadores e cantores.

Entre os complementos figura uma evocação do sempre grato «Danubio Azul», quando da estreia em 1949, musica e baile. — *Visor 70*.

A FEIRA DA ESTRELA

As notas de arte e bom gosto são por si, uma lição de cultura na primeira Feira-Espectáculo, a que Lisboa assiste neste momento. Desde o monumental carro romano da cidade, de cristal, puchado a cavalos alados, ás decorações dos nucleos da Madeira, dos Açores, da India, do recinto dos negros de Angola, com as suas bailarinas e os seus cantares, ao pequeno e delicioso Restaurante de Macau, aos «shows» de amadores e profissionais, aos bailes populares, á grande zona das artes modernistas, ás caldeiradas vendidas num barco de beira-rio, aos «dancings», ao recanto da «Aguarelas do Brasil» com as suas feijoadas, aos doces regionais do Alentejo e do Algarve, ao Teatro de Ballet, ás peças de ensaio, tudo transformou o velho Jardim da Estrela numa «féerie» de ar livre, num animadissimo e unico espectáculo, em que o publico, por dois escudos e meio, goza uma revista monumental e alacre.

No dia 27, exibe-se na Feira a mais notável filarmónica particular do País: a célebre banda de São Gião, de Oliveira do Hospital.

II Retrospectiva

do Cinema Português

Apresentada pela Cinemateca Nacional, efectua-se, nos dias 27 e 28 do corrente ás 21 e 30, no salão le teatro do Palácio Foz, a 2.ª Retrospectiva do Cinema Português (1918-1923) em que serão exibidos os filmes «Os fidalgos da casa mourisca», de George Pallu; «Malmequer», de Leitão de Barros»; e «Os Lobos», de Rino.

«Music-hall»

Três estreias, hoje, no Tágide

O progresso da Tágide é esta noite enriquecido com a estreia de três categorizados artistas franceses: Denise André, jovem e elegante cançonetista; Pierre Desmamps, fantasista; e Jean Davis, ilusionista e manipulador, que foi atracção do «Moulin Rouge» durante um ano.

O «show» conta ainda com a presença de «Los Sevillanitos», Irmãos Guarás, Deo Maia e Walter Machado.

No Avenida

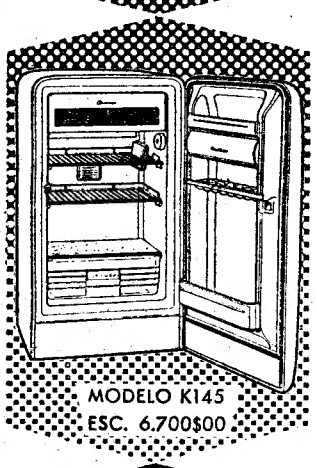
Cantarelli despede-se do publico lisboeta

Hoje e amanhã, ás 21 e 45, Candarelli apresenta os dois ultimos es-

(Continuação da página anterior)

RITZ CLUBE
EMPRESA RITZ CLUBE (ADULTOS — M. 17 ANOS)
TODAS AS NOITES: CASAS A CUNHA!
A MAIS FAMOSA «RUMBISTA» DA EUROPA
MARY MISTRAL
RUDDY and RODDY em bailados excêntricos
A ESCULTURAL BONECA DA CANÇÃO LILLY BATISTA
ANA MARIA RODRIGUEZ
EM VIBRANTES CANTARES FLAMENCOS
Musica de baile por VILAÇA E SUA ORQUESTRA
NO SALÃO TÍPICO Ceias com Fados e Guitarradas
MUITO EM BREVE:
10 FASCINANTES MULHERES
na sensacional e célebre atracção alemã
BALETT VISON
E AINDA:
10 ESTREIAS
QUE VÃO DAR BRADO EM LISBOA
O MAIOR ACONTECIMENTO DO ANO

O ovo de Colombo
Refrigeração regulável



MODELO K145
ESC. 6.700$00

Bauknecht
apresenta o seu modelo K145 que além do aproveitamento total do espaço e protecção contra aromas tem, graças a uma inovação técnica, a nova vantagem da congelação regulável. Esta vantagem tem dupla utilidade: — 1.ª Atingir temperaturas inferiores de 18º negativos. — 2.ª Variedade de refrigeração (intensa, rápida ou normal).
A VENDA EM TODO O PAIS NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE
VAP-B-F3

Teatros e Cinemas

(Continua na página seguinte)

pectáculos de «Abrakadabra», um autêntico festival de mistério, telapatia, ilusionismo e magia branca, que conta com a presença do «ballet» internacional de Paco de Lucio, cujo êxito confere á exibição do mago, com renome mundial, outros motivos de interesse e variedade.

No Monumental

reaparece Laura Alves

Após o êxito incontestável de «A Rainha do Ferro-Velho», que ficará como um marco da sua carreira no teatro ligeiro, Laura Alves reaparece na próxima semana, no Monumental, interpretando «O Baile», uma comédia romantica de Edgar du Neville que, em Madrid, já atingiu a 600.ª representação.

A encenação é de António Pedro, director do Teatro Experimental do Porto, e o cartaz inclui também os nomes de Rui de Carvalho e Paulo Renato, prometendo um notável espectáculo teatral.

No São Jorge

Continua «Quero Viver»

Albert Cannus, prémio Nobel de Literatura, escreveu a respeito de «Quero Viver» — «A história sem piedade que este filme nos conta, era preciso que fosse vista e escutada». O publico lisboeta entendeu a sua mensagem, esgotando diáriamente as lotações da vasta sala do S. Jorge, a fim de ver esta história, impregnada de vivo realismo, em que Susan Hayward tem uma interpretação notabilissima que lhe valeu o «Oscar» de 1959.

Cineclubismo

Uma sessão no Capitólio

A ultima sesão do ciclo do Cine Clube Imagem, dedicado ás novas correntes do cinema, efectua-se na segunda-feira, ás 18 e 30, no Cinema Capitólio, com a exibição do filme de Stanley Kubrick «Um roubo no hipódromo».

Também na segunda-feira, o Cine Clube Imagem efectua uma sessão de divulgação, ás 21 e 30, na Sociedade Portuguesa de Naturologia, na Rua Vítor Cordon, 14-2.º, com o seguinte programa: «Paysage du Silence», do comandante Cousteau, «Lumiere», biografia do inventor do cinema, realizada por Paul Paviot e «City of old», de Colin Low. A entrada é livre.

Morreu na América

a velha actriz Eleanor Burnham

LOS ANGELES, 25 — Morreu, com 90 anos, a actriz e autora teatral Eleanor Waring Burnham, que há cinquenta anos se tornou célebre nos Estados Unidos, por ter assinalado o seu casamento com o escultor Roger Noble Burnham fazendo a travessia do Estado Massachusetts em balão. — (A.N.I.).

PENSÃO MONUMENTAL
COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 - Tel P B X 29807

no AVENIDA As 21.45 h
SÓ HOJE e AMANHÃ!
EM PLENO TRIUNFO
CANTARELLI
o «Mago» de prestígio mundial no seu aluc i n a n t e espectáculo
ABRAKADABRA

em que intervem brilhantemente a grande atracção
BALLET PACO DE LUCIO
AMANHÃ, ás 16 horas
ULTIMO ESPECTÁCULO
À TARDE!
Maiores 12 anos

Esplanada do Rato
Unica no género em Lisboa
COZINHA A PORTUGUESA
R. S. FILIPE NERY, 23

ás 22 horas
NOITE DO TEJO
ás 23 horas
MÚSICA E LUZ
hoje, entradas desde 5$00
estudantes e soldados 2$50
O mesmo bilhete dá direito a assistir aos dois espectáculos
para 6 anos

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL 27173
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
O ÚLTIMO HURRAH
de John Ford na máxima interpretação de SPENCER TRACY

EDEN TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.45 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
PANDORA
Conhece-la era amá-la... Mas amá-la era morrer.
Ava Gardner e James Mason

ALVALADE Telefone 53080
15.15 (p. r.) e 21.45
2.ª SEMANA EM MEGASCOPE
(M/17 anos)
HÁ LODO NO CAIS
com Marlon Brando

ODEON Telefone 2628
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
2.ª SEMANA
Sarita Montiel no empolgante filme
MORENA DOS MEUS SONHOS

ROYAL TEL. 845037
21.00 (M/12 anos)
A MULHER MODELO QUESTÃO DE HONRA

CINEMA IDEAL
21.00 (M/17 anos)
Cinemascope
NASCIMENTO DUM IMPÉRIO
RETRATO DE MULHER

TERRASSE TEL 20917
21.00 (M/17 anos)
A LOIRA CIUMENTA MANUELA

CASINO ESTORIL
21.30 (M/17 anos)
O ESPIÃO DE DUAS CARAS
com Jack Hawkins

TIVOLI TEL. 50595
3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (M/12 anos)
2.ª SEMANA
da grande revelação SABINE SINJEN
e Carlos Thompson em
QUERIDA STEFANIE

POLITEAMA TEL. 26301
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Grande êxito
A extraordinária farsa, maliciosa e picante, sobre uma descoberta que torna os homens mais sedutores
TODAS O QUEREM
com Walter Chiari, Aldo Fabrizzi Dorian Grey, Peppino de Fillipo e Maria Fusari

CONDES TEL. 22592
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma rapariga sensacional no endiabrado filme
LILLI E OS LADRÕES
com Ann Smyrner

AVIS Tel 7715
15.30 e 21.45 (M/12 anos)
Eastmancolor
QUANDO O CORAÇÃO DIZ SIM
com Lisellote Pulver
Uma história de amor inesquecível nas estepes da Hungria.

RAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer)
21.30 (M/12 anos)
MOHAWK
com Scott Brady
O MAGNIFICO MATADOR
com Maureen O'Hara

ESPLANADA PORTUGÁLIA
21.30 (M/17 anos)
Em Cinemascope
MORRI MIL VEZES
A UM PASSO DA ESCRAVIDÃO

IMPÉRIO Tel 55134/5
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30
(M/6 anos)
Ingrid Bergman e Bing Crosby numa bela mensagem de ternura que ficou imperecível
OS SINOS DE SANTA MARIA

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54152
15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
Susan Hayward «Oscar» para a melhor interpretação do ano em
QUERO VIVER!
Terrivelmente chocante e sobretudo, verdadeiro
Ambiente refrigerado

ROMA Telef. 727778
15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Eastmancolor
A história dum garoto corajoso que sózinho desvendou um escandalo
TUDO MENOS A VERDADE
com Maureen O'Hara

RESTELO
As 21.15 (M/12 anos)
Cinemascope
MARUJOS DE ÁGUA DOCE
com Gleen Ford

S. LUIZ TEL. 48560
21.00 (M/12 anos)
OS BARQUEIROS DO VOLGA
SISI

CAPITÓLIO TEL. 27493
NO TERRAÇO:
21.30 (M/12 anos)
O REI DO LAÇO
com Jerri Lewis
A FORTALEZA DE JAMAICA
com John Payne

O INCOMPARÁVEL
TRIO LA CAVA
E A ESCULTURAL
MILY ZUÑIGA
Casapoga
TELEF 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

Não se fala noutra coisa!
Todos sabem que é verdade!
JACK KNIGHT
O MAIS ESPANTOSO IMITADOR DE CELEBRIDADES E INSTRUMENTOS MUSICAIS
DUAS MIL VOZES E RUIDOS POR UMA SÓ BOCA!
O «HOMEM-ESPECTÁCULO» MAIS FAMOSO NO MUNDO
Baile por ESTEVÃO e sua orquestra, com Manuel Serrano

MUITO BREVE:
ESTREIA
DO CÉLEBRE E ESCULTURAL
BALLET PANTERITA
E AINDA OUTRAS NOTÁVEIS ATRACÇÕES

Para maiores de 6 anos
TOUROS EM TOMAR
DOMINGO, 26 DE JULHO DE 1959 ÀS 17.30 H.
O MAIOR CARTEL DA ÉPOCA
com
JOÃO BRANCO NÚNCIO
SIMÃO DA VEIGA
PEDRO LOUCEIRO
ANTÓNIO DOS SANTOS
MANUEL DE OLIVEIRA
FORCADOS PROFISSIONAIS DE LISBOA
TOUROS DE:
J. NÚNCIO E OLIVEIRAS
Bilhetes á venda na bilheteira do costume, Rua Serpa Pinto, em Tomar
ESTA CORRIDA NÃO É TELEVISIONADA

CAMPO PEQUENO
Está aberta a bilheteira dos Restauradores, 7 para a Corrida de Grande Gala, à Portuguesa, em honra de S. M. Hailé Selassié, Imperador da Etiópia e Rei de Judá, na
4.ª FEIRA, 29, ÀS 22 HORAS
COM A ASSISTÊNCIA DE SUA EXCELÊNCIA O SENHOR PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Simão da Veiga — João Núncio
Manuel Conde e David Ribeiro Teles
FORCADOS AMADORES DE SANTARÉM
sob o comando do Ex.mo Sr. RHODES SÉRGIO
Abrilhanta o espectáculo a BANDA DA POLICIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
A Praça estará vistosamente engalanada
PREÇOS DESDE 15 ESCUDOS — MAIORES DE 12 ANOS

ABC
EMP. TEATRAL ABC, LDA. — Tel. 366745
Às 21 e às 23 horas
PARA MAIORES DE 17 ANOS
JOSÉ MIGUEL APRESENTA EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES a sensacional revista
MULHERES À VISTA!
AMANHÃ
ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

HIPISMO

Jornada de interesse

no começo do Concurso da Ericeira

O 2.º Concurso Hípico da Ericeira, iniciado ontem, sob os melhores auspícios, deu-nos, nesta sua «edição», a novidade de mais uma jornada, que, em boa verdade, terá sido a de ontem. Isto porque, hoje e amanhã, o certame veste pelo «figurino» de 1958, no melhor aproveitamente possível das duas jornadas (2.ª e 3.ª).

A «ronda inaugural» forneceu, portanto, a grande novidade do certame e isso é que importa salientar, porque a melhoria verificada, em relação á primeira «edição» tem de considerar-se bom sintoma. E o caminho que outros concursos seguiram e que os conduziram a plano de relevo no nosso hipismo.

Embora com um programa sem grandes pretensões em relação ao que se estabeleceu para hoje e para amanhã, a jornada de ontem teve motivos de agrado e deu mais uma confirmação de que é sempre possível promover reuniões de aspectos variados.

As duas gincanas infantis — uma para crianças até seis anos e outra para outras de seis a dez anos — não chegaram a fornecer competição porque todos foram classificados «primeiros». Boa maneira de deixar toda a miudagem satisfeita e satisfeito o publico que colheu a impressão de que o futuro do nosso hipismo está assegurado, pois não é crível que os cavaleiros de «palmo e meio», que ontem foram vistos no campo «Henrique Tomás Frade», como há um ano transformado em agradável hipodromo arrepiem caminho nem que os capitães Alvaro Sabbo e Jorge Matia deixem de ter continuadores da sua magnífica carreira hípica... As gincanas foram, pois, uma nota de graciosidade e ternura.

Uma prova para senhoras que actualmente não se apresentam em concursos, poderia considerar-se um convite para novas cavaleiras fazerem a sua estreia. A tentativa não alcançou o êxito desejado, porque só houve duas concorrentes — duas desafortunadas concorrentes, que o juri, mau grado seu, teve de desclassificar.

Na parte do programa mais de levar a sério, houve ainda quatro competições, a constituir bom aperitivo para a jornada que está a decorrer á hora de nosso jornal principiar a circular Não foram esquecidos os sargentos, os juniores, as senhoras e os «casacas encarnadas», o que só pode ter valorizado a reunião e justificado amplamente a criação de mais uma jornada.

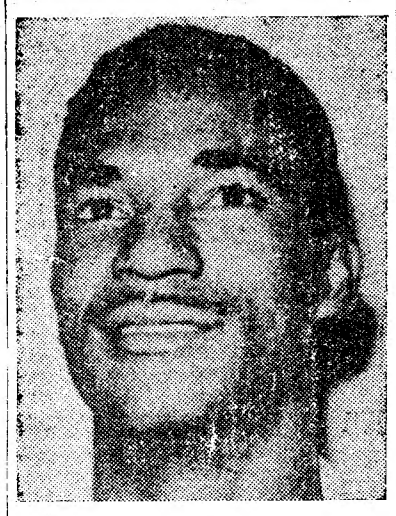
Não constituirá novidade a vitória do 1.º sargento Guerra, no «Quefoi», nem a do prometedor Emílio Malta da Costa, no «Yo-yo» entre os juniores, todos com percursos «limpos».

A prova «Escola de Equitação do Estoril» para senhoras que normalmente aparecem em concursos deu a vitória de Teresa Santa Iria, no «Prince Igor», para nós a cavaleira com mais possibilidades, depois de Ana Maria Ribeiro Ferreira, «Miss» June Hatherly foi a 2.ª classificada e um nome novo — o de «Miss» Chantal D'Arc — completou o trio das classificadas.

A prova «Eng.º Rodrigo de Castro Pereira» (merecida homenagem ao presidente da Federação Portuguesa de Hipismo) teve 28 concorrentes, a confirmar o interesse dos civis pelo hipismo. Venceu Lourenço Fernandes Tomás — um rapaz hábil — no mesmo «Yo-yo» que vencera em juniores; Mena e Silva, no «Wendover» Vicente Caldeira, no «Quiet Boy» e Diogo Sobral, no «Simar» (todos com percursos «limpos») classificaram-se a seguir. — *D. D.*

Didi no R. Madrid

A transferência movimenta mais de 4.000 contos



Didi

RIO DE JANEIRO, 25. — O dr. Paulo Azeredo, presidente do Botafogo, disse hoje aos jornalistas que foi completado o acordo para a transferência de Didi para o Real Madrid. O contrato será de três anos recebendo o jogador brasileiro quatro milhões e meio de cruzeiros de prémio, 36.000 cruzeiros mensais e um milhão por ano de gratificação.

Didi segue de avião na terça-feira, para Madrid acompanhado do técnico Fleitas Solich que foi contratado pelo Real Madrid. O dirigente do Botafogo Luís Dias vai também no mesmo avião a Madrid, onde receberá a parte do dinheiro correspondente ao seu clube e, simultaneamente, tratará, com os dirigentes do Atlético de Madrid, da transferência do avançado-centro Vavá, que joga na equipa daquele clube espanhol.

O Botafogo recebe agora pela transferência de Didi 50.000 dólares (1.450 contos) e mais 30.000 (870 contos) no prazo de quatro meses.

O dr. Paulo Azeredo acrescentou que, arrumado o assunto do futebolista Didi, o seu clube vai procurar obter um novo elemento para a linha de ataque e o primeiro a ser consultado será o Atlético de Madrid para a cedência de Vavá, que joga há um ano na Espanha.

Disse ainda o presidente do Botafogo estar em negociações para contratar o jogador francês Kopa, que recentemente deixou o Real Madrid e regressou á França. — (A. N. I.).

Sporting Club de Portugal

GRANDE FESTIVAL DE MOTORISMO NA PISTA DO ESTADIO JOSÉ ALVALADE, NA NOITE DE QUINTA-FEIRA, 30 de Julho pelas 21.30 horas

Os maiores nomes do automobilismo e motociclismo português em empolgante competição

SPORTING-BENFICA **BELENENSES-ARTE E SPORT**

CORRIDAS DE ESTAFETA E PERSEGUIÇÃO — MOTOS — CORRIDAS EM LINHA — VELOMOTORES — HOMOLOGAÇÃO DO «RECORD» EM PISTA

PREÇOS POPULARES

Bancada e Tribuna — 7$50 Bancada Lateral — 5$00

ESPECTÁCULO PARA MAIORES DE 12 ANOS

DESPORTOS

O III GRANDE PRÉMIO VILAR

Extraordinário entusiasmo no Porto

assinalou o termo da competição

que foi ganha por Artur Coelho e pelo F. C. Porto

As duas ultimas tiradas do 3.º Grande Prémio Vilar foram duas autênticas jornadas de propaganda para a modalidade velocipédica e a chegada dos estradistas ao Estádio do Lima foi de autêntica apoteose. Culminou, assim, da melhor maneira a importante competição, que teve como vencedor individual Artur Coelho e, colectivamente, o F. C. Porto. A equipa azul e branca revelou no decorrer da prova, nítida superioridade e o vencedor individual tinha, forçosamente, que sair desse conjunto. E ele veio a pertencer ao ciclista mais irrequieto e combativo.

A penultima tirada (Guarda-Tabuaço) foi rica de emoção e de combatividade. Sousa Santos tentou, novamente, a sua «chance», e teve como companheiro de fuga Alves Barbosa. Os dois categorizados estradistas colaboraram na escapada, com a intenção de angariarem tempo, que lhes permitisse subir na tabela classificativa. Foram felizes, em parte, pois o portista do 4.º lugar passou para o 2.º e o sangalhense passou do 6.º lugar para o 4.º.

Da sua fuga, resultou o fraccionamento do pelotão, que ficou dividido em vários grupos e provocou algumas mutações na classificação geral e ainda um erro táctico da equipa do Benfica, que ditou a desistência de quatro dos seus representantes.

Mais uma vez os ciclistas do F. C. Porto comandaram a tirada. Sousa Santos desalojou Pedro Junior, do segundo lugar. E, caso curioso, o sportinguista integrado no pelotão perseguidor, raramente tomou o seu comando. E teve ainda uma grande oportunidade de jogar a sua sorte para a conquista do primeiro lugar. Artur Coelho foi vítima de um furo e Pedro Junior não teve um rasgo de audácia, pois tudo indicava, que impusesse um andamento que não permitisse a recolagem do corredor portista. Como não o fez, Artur Coelho acabou por recolar.

A equipa do Benfica sacrificou quatro ciclistas—Fernando Maltês, José Anastácio, António Candido e Armando Ramos, que esperaram por Henrique Castro, quando este se atrasou em virtude da sua máquina se ter partido. Dessa manobra táctica resultou, pura e simplesmente a desistência dos quatro ciclistas.

À chegada a Tabuaço, Alves Barbosa não teve dificuldade em bater Sousa Santos no lançamento final.

A última tirada teve vencedor imprevisto

A tirada da tarde foi de verdadeira consagração e apoteose. Há muito que não assistiamos a uma chegada, mesmo da Volta a Portugal que tivesse despertado tamanho entusiasmo. Desde o Alto da Maia á pista do Lima, que o publico, em grande, assistia á passagem dos ciclistas.

No estádio, com uma assistência «record» com o publico a vibrar intensamente, a ponto de invadir a pista para levar em triunfo os corredores do F. C. Porto.

A tirada proporcionou ao jovem amador-senior do Académico, Fernando Marinho, triunfo inesperado. Escapou-se do pelotão, na cidade da Régua e pedalou isolado, até ao Estádio do Lima, aonde chegou com a vantagem de 17 m. e 47 s., sobre o pelotão, que pedalou, no decorrer da tirada, sem se preocupar, com a fuga do ciclista do Académico.

Foi, como de costume, a etapa de consagração dos ciclistas, ultrapassando assim o êxito desejado deste 3.º Grande Prémio Vilar, que no ano passado foi ganho por Emídio Pinto.

FRANKLIN CARDOSO

VOLEIBOL

O Lisboa Ginásio ficou apurado

para a final do "Nacional" da 2.ª Divisão

Quando há dias, nestas colunas, verberamos um tanto ásperamente o comportamento incorrecto dos voleibolistas lisboetas tinhamos a certeza de que essa atitude era mais consequência das circunstancias do momento que da própria índole dos atletas. E a prova tivemo-la ontem, á noite, no decorrer do jogo Belenenses-Lisboa Ginásio, a contar para o «Nacional» da 2.ª Divisão. Bastou que o novo presidente da Federação, sr. Flores de Azevedo, antes do encontro, fizesse ver aos atletas o erro que estavam cometendo. As suas palavras, ditas com a maior oportunidade e sensatez, foram o suficiente para que o voleibol voltasse ao mesmo ambiente de outrora, isto é, disputado com o maior ardor mas também com a maior correcção e com os jogadores a acusarem todas as suas faltas. As nossas primeiras palavras devem ser, pois, para os atletas que ontem na pista do Técnico tão belo exemplo souberam dar. E note-se que continuou a faltar o juiz indicado...

Pròpriamente sobre o encontro, há que referir que ele atingiu excelente nível e terminou com o triunfo dos «ginasistas» por 3-2 (13-15, 14-16, 15-6, 15-5 e 15-11). Os belenenses, nos dois primeiros «sets», atingiram um rendimento ainda não alcançado e venceram-nos merecidamente; depois, a maior experiência dos seus antagonistas imperou para no derradeiro «set» o equilibrio se voltar a dar, acabando a vitória por sorrir ao grupo mais feliz. Excelentes actuações de Jaime Duarte e Cunha Reis, nos vencedores; e de Mário Miranda e Alvaro Inácio, nos vencidos.

Arbitrou o sr. Nuno Oliveira e os grupos alinharam:

LISBOA GINASIO — José Borges, Jaime Duarte, Cunha Reis, Coelho Ferreira, Fernando Dias, José Salvador, Helder Fagulha e Amarilio Ramalho.

BELENENSES — Nuno Mota, Mário Mayer, Rui Matias, Alvaro Inácio, José Sá, Manuel Ribeiro, Mário Miranda, José Simões e Jorge Santos.

Com esta vitória, a segunda da «poule», o Lisboa Ginásio qualificou-se para a final.

NUNO MOTA

FUTEBOL

Os ultimos jogos da época

A temporada oficial de futebol encerra-se amanhã com os encontros da 6.ª e ultima jornada dos jogos de competência da 3.ª/2.ª Divisões.

Os encontros são os seguintes, a realizar nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar

Paredes-Gil Vicente
Vianense-Académico de Viseu
Casa Pia-Desportivo de Beja
Serpa-União de Montemor.

Todos os desafios principiam ás 18 horas, excepto o de Viana do Castelo, que é ás 10 e 30 horas.

TÉNIS

No "Nacional" inter-clubes

o C. D. U. L. eliminou o C. I. F.

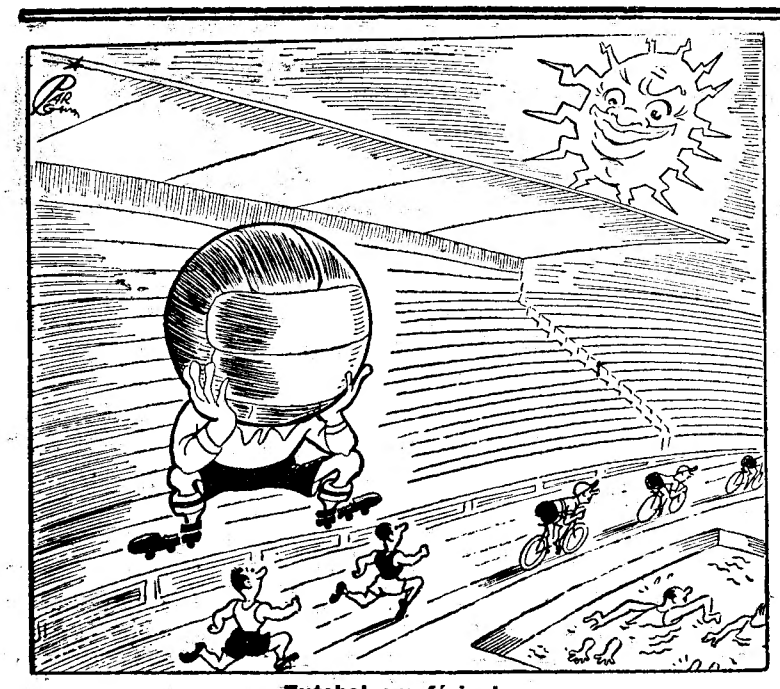
Decididamente o «panorama» do nosso ténis não se apresenta animador, mormente quando se trata de competições para jogadores mais categorizados. A eliminatória da Zona Sul, do campeonato nacional inter-clubes (2. categoria) — um certame que o meio tenístico mais vulgarmente designa por Taça «Castro Pereira» — forneceu mais uma demonstração de que assim é.

A prova de 1959 começou ontem, á mesma hora, que na Ericeira se disputava outro trofeu com o mesmo nome — sinal do muito apreço em que este desportista é tido nos meios afectos ao ténis e ao hipismo.

Se não se acentuou o desinteresse dos clubes por esta competição, manteve-se, pelo menos, em relação aos ultimos anos. A inscrição não reuniu mais do que três clubes (Benfica, C. D. U. L e Clube Internacional de Futebol) e sabe-se que a Zona Sul tem nada menos de 17 clubes filiados. Não vamos ao ponto de pretender que entre os concorrentes estivesse o Desportivo da C. U. F. ou o Clube de Ténis de Setubal, ou o Clube de Ténis das Caldas da Rainha, para não citar outros. Mas, francamente, não pode deixar de merecer um reparo a ausência do Sporting, do Clube Internacional de Ténis ou do Clube de Ténis do Estoril, como sendo os que mais poderiam contribuir para a valorização da prova. Que o facto dos «leões» não disporem actualmente de «courts», não é razão. Também o Benfica os não tem.

Desta maneira, com dois encontros fica apurado o finalista da Zona Sul, que na próxima semana terá de apresentar-se na Figueira da Foz, para enfrentar o vencedor da Zona Norte. O C. D. U. L. venceu ontem o C. I. F. e agora vai medir forças com o Benfica. O que levar a melhor será o finalista.

A vitória do C. D. U. L. tem de aceitar-se, mas a expressão do resultado (4-1) afigura-se exagerada, considerando os elementos que as duas equipas apresentaram. Tem, portanto, de admitir-se que os jogadores do C. I. F não renderam o habitual, ou por se encontrarem em má forma ou por outra qualquer circunstancia fortuita. Uma equipa — a do Cif — que dispõe de João Caetano e de Pedro de Vasconcelos para os «singulares» e com eles forma um par, pode muito bem levar a melhor sobre outra que utiliza Douglas Rawes e Costa Santos (a sua inclusão no grupo do C. D. U. L. surpreende... porque noutros tempos não muito recuados ambos representavam o Sporting) nos dois singulares. Que já não diremos o mesmo do par «cedulista» D. Rawes-José Galo. O certo é que o C. D. U. L. ganhou folgadamente, ficando o velho Internacional a dever a sua unica vitória a Pedro de Vasconcelos (no 2.º singular).



Futebol em férias!...

Várias provas de amanhã

ATLETISMO—No Estádio de Alvalade continuam os campeonatos regionais de seniores e senhoras. As provas principiam ás 16 horas e o programa apresenta-se assim:

El. 110 m. b., altura, disco, el. 80 m. b. (senhoras), el. 400 m., triplo, peso (senhoras), el. 100 m., el. 100 m. (senhoras), 1.500 m., altura (senhoras), dardo, 10.000 m., f. 110 m. b. f. 80 m. b. (senhoras), dardo (senhoras), f. 100 m., f. 400 m., f. 100 m. (senhoras) e 4×100 m.

—O Benfica promove, na sua pista do Campo Grande, ás 9 e 30 h. um torneio para sócios e simpatizantes dos 16 aos 19 anos, com provas de 80, 250, 700 e 2.000 metros, altura, comprimento e peso.

AUTOMOBILISMO — Disputa-se, sob a organização do «100 á Hora» o «Rallye» de S. João de Deus, com uma prova de estrada entre Lisboa e Caldas da Rainha e as seguintes quatro provas complementares:

Arranque e perícia, na E. N. n.º 115-4 entre o km. 10 e km. 21,2; Arranque em rampa e perícia (Santarém); Arranque e lançamento (Cartaxo); Velocidade em perícia (Caldas da Rainha).

A partida é ás 8 horas.

CAÇA SUBMARINA — O 5.º Campeonato Nacional principia amanhã, desta vez organizado pelo Ginásio Clube Português, na zona entre as «Três Irmãs» (próximo do Portinho da Arrábida) e as «Pedras Negras» (ao norte do Cabo Espichel).

A prova começa ás 9 horas.

CICLISMO — O já tradicional circuito da Curia disputa-se, ás 16 e 30 h., com a participação dos melhores corredores da actualidade.

DESPORTO CORPORATIVO — Em Belém, prossegue o campeonato de handebol de 11, com o encontro S. C. Cervejas-Celcat, ás 9 e 30 h.

—Em Coimbra, começa o campeonato nacional de andebol de 7, com o jogo Guerin (Coimbra)-Robbialac (Lisboa), ás 10 e 30 h., nos Olivais.

—Em Santarém prossegue o campeonato nacional de voleibol (eliminatória da 3.ª Zona, com o encontro Porto de Lisboa-F. P. Matrena.

FUTEBOL (A. F. L.) — As equipas do Vialonga e do Amoreiras disputam a 2.ª mão dos jogos de passagem da 3.ª á 2.ª Divisão, no campo do Vialonga, ás 17 e 30 h.

HANDEBOL DE 7 — Conclui-se a primeira fase do campeonato regional de juniores, com os encontros seguintes:

Na Madre de Deus — Benfica-Glória, Mouraria-Belenenses e Almada-C. Ourique, a partir das 9 horas.

Em Campo de Ourique—Oriental-M. Pedral (A), Liberdade F. C.-M. Pedral (B) e Sporting-Madre de Deus, a partir das 9 horas.

HIPISMO — Termina o 2.º Concurso Hipico da Ericeira. As provas principiam ás 16 horas, pela seguinte ordem: «Camara Municipal de Mafra», «Maria Clara Lobo da Silva e Cunha» e «Junta de Turismo da Ericeira» — respectivamente, «Caça» (com handicap), «Grande Prémio de Juniores» e «Grande Prémio».

Á noite, na «boite» do Hotel de Turismo da Ericeira, haverá distribuição de prémios seguida de baile.

NATAÇÃO — Começam amanhã, ás 16 horas, na piscina de S. Bento, os campeonatos regionais de natação. O programa da 1.ª das 4 jornadas está assim elaborado: 1—800 metros livres, aspirantes, masculinos; 2—100 metros mariposa, aspirantes, femininos. 3—100 metros livres, aspirantes masculinos; 4—200 metros livres iniciados, femininos; 5—200 metros bruços, juniores e seniores, masculinos; 6—100 metros livres, juniores e seniores femininos. 7—100 metros costas, aspirantes, masculinos; 8—100 metros bruços, aspirantes, femininos; 9—200 metros livres, juniores e seniores, masculinos; 10—4×200 metros livres iniciados, masculinos; 11—4×100 metros livres, juniores e seniores femininos; 12—4×100 metros livres, iniciados, femininos.

TIRO AO ALVO — Na carreira de tiro do Sport Lisboa e Benfica, no Campo Grande disputa-se por incumbência da F. P. T., de manhã, a prova dos campeonatos distritais de 1959, de 40 tiros, de pé, á distancia de 12 metros.

VELA — Em Setubal, com a participação de tripulações portuguesas, francesas e espanholas, disputa-se a ultima das três Regatas Internacionais Mistas, com largada ás 10 e 30 horas.

TAUROMAQUIA

Espectáculos de amanhã

Em Setubal efectua-se amanhã, ás 18 horas, a 1.ª tourada da Feira de Sant'Iago, com touros de Castro (Cabrela) e de Santos Jorge (Rio Frio), para os cavaleiros D. Francisco de Mascarenhas e Manuel Conde, com os forcado-amadores de Montemor, e para os «espadas» Diamantino Viseu e Armando Soares.

Em Tomar, ás 17 e 30, touros de Nuncio (Alcácer do Sal) e de Oliveiras (Samora Correia) para os cavaleiros João Nuncio, Simão da Veiga e Pedro Louceiro, com os forcados profissionais de Lisboa, e para os «espadas» António dos Santos e Manuel Oliveira.

E o «Sector 1» faz a despedida do seu «tentadero» de Sete Casas (Loures) com profissionais e amadores. A inscrição faz-se na sede, Rua 1.º de Dezembro, 85.

Trincheira em Espanha

O matador de touros José Trincheira partiu para Espanha onde tem contratadas várias corridas a partir do dia 2 de Agosto em Manzanares.

Amadeu triunfante

LOURENÇO MARQUES, 25 — Amadeu dos Anjos voltou a triunfar na sua segunda corrida, na qual foram também aplaudidos Brilha de Matos e Artur Cardoso. Amadeu conquistou Lourenço Marques — diz-se aqui. — (E.).

A corrida de 25 de Junho em Badajoz

BADAJOZ, 25.—A Direcção-Geral de Segurança impôs multas de 21.400 pesetas ao Marquês de Domecq e de 13.600 a Cobaleda, por falta de peso e idade nos touros lidados na corrida do dia 25 de Junho nesta cidade, anunciada com Luís Miguel, Ordoñez e Ostos, o segundo substituido por António Gonzalez, «Estas danças de touros e as exigências das primeiras figuras, são as que desorientam a «aficion» e fazem que em muitas praças se dêem corridas com exame publico» — comenta o diário «Hoy» desta cidade.—(E.).

Vai ter duas piscinas

e campos de jogos o parque infantil de Monsanto

Um dos mais lindos e agradáveis parques infantis da cidade está situado no Parque Florestal de Monsanto, em ambiente sossegado e no desejável isolamento duma zona totalmente arborizada. E' servido por autocarros de carreira e fica, portanto, a poucos minutos de qualquer ponto da cidade; por outro lado a localização torna-se facílima, devido aos disticos esclarecedores, espalhados pelas vias de circulação no Parque Florestal. Para tornar ainda mais aprazíevl o recinto, o brigadeiro França Borges, presidente da Camara Municipal, mandou elaborar o estatuto e projecto de duas piscinas e de vários campos de jogos, no intuito de valorizar o parque infantil. Proximamente, as crianças encontrarão ali um conjunto que lhes proporcionará o recreio mais aconselhável e mais indicado para as suas idades.

PORTUGAL

no Campeonato Europeu de «Fins»

A fim de participar no Campeonato Europeu de «Fins», que se realiza em Copenhague, de 3 a 9 do próximo mês, e em que participarão mais de cento e vinte velejadores, partiu hoje, de automóvel, para a capital dinamarquesa, o sr. arquitecto José Pedro Teixeira da Fonseca.

O «fin» em que correrão os dois representantes de Portugal foi transportado até Hamburgo num navio da empresa Carregadores Açorianos. De Hamburgo a Copenhague, irá a reboque do automóvel do sr. arquitecto Teixeira da Fonseca.

OS ESPANHÓIS

não participam na Volta a Portugal em bicicleta

MADRID, 25.—A equipa de corredores do «Licor 43» não disputará a «Volta a Portugal» em bicicleta, — anuncia-se nesta cidade.

O comunicado foi publicado depois que três dos primeiros elementos da equipa, António Suarez, Fernando Manzaneque e Miguel Bover, foram seleccionados para representar a Espanha no campeonato mundial de ciclismo, na Holanda, em 16 de Agosto.—(A. N. I.).

HOJE À NOITE

HANDEBOL — Campeonato Regional da Divisão de Honra (equipas de 7). Em Campo de Ourique, a partir das 21,15 horas: Belenenses-Glória e Sporting-Almada.

ATLETISMO — No Estádio do Restelo, ás 21,30 horas, torneio organizado pelo Belenenses para sócios e simpatizantes.

HOQUEI EM PATINS — Sécil-Belenenses, em Setubal, ás 22 horas, para o Campeonato da 2.ª Divisão.

Juniores: Azeitonense - Maristas, em U. N. Azeitão, ás 21,30 horas e Vila-franquense-Parede, em Vila Franca de Xira, ás 22 horas.

Em Lourenço Marques, início do Torneio Internacional, com os encontros selecção «A»-selecção «B» (de Lourenço Marques) e selecção de Lisboa-Montreux H. C.

Mocidade Portuguesa

Reunião dos assistentes religiosos

Sob a presidência do assistente nacional da M. P., rev. dr. Alves de Campos, está a decorrer em Fátima, os trabalhos da reunião anual dos assistentes religiosos daquela organização em que tomam parte os assistentes distritais, bem como os das Escolas de Graduados, Centros de Milícia e Casas Universitárias.

Durante a sessão de ontem, o rev. dr. Alves de Campos fez uma exposição sobre as actividades actuais dos serviços de Assistência Moral e Religiosa e foram lidos e apreciados os relatórios referentes á cada divisão distrital.

A reunião encerra-se depois de amanhã, com uma sessão em que serão apresentados os respectivos votos e conclusões.

Abastecimento de água

à Malveira e Ericeira

A Camara Municipal de Mafra foi autorizada a contrair um empréstimo de 750 contos, para a obra de abastecimento de água á sede do concelho, á Malveira e á Ericeira.

A caça às rolas

na área da Regional do Sul

A Comissão Venatória Regional do Sul tornou conhecidos os concelhos, locais e datas onde, na presente época venatória, é permitida a caça das rolas e das outras espécies não indígenas a partir dos dias 1 e 15 de Agosto.

Assim, a partir de 1 de Agosto, inclusive, é permitida nos concelhos de:

1) — Alandroal; Arronches; Barrancos; Borba; Campo Maior; Elvas; Estremoz; Monforte; Moura; Mourão, Redondo; Reguengos de Monsaraz; Serpa; Sousel e Vila Viçosa.

2) — Albufeira; Alcoutim; Aljezur; Alportel; Castro Marim; Faro; Lagoa; Lagos; Loulé; Mértola; Monchique; Olhão; Portimão; Silves; Tavira; Vila do Bispo e Vila Real de Santo António.

A partir de 15 de Agosto, inclusive, nos concelhos de:

1) — Alcácer do Sal; Aljustrel; Almodovar; Alter do Chão; Alvito; Arraiolos; Avis; Beja; Benavente; Castelo de Vide; Castro Verde; Coruche; Crato; Cuba; Évora; Ferreira do Alentejo; Fronteira; Grandola; Marvão; Montemor-o-Novo; Mora; Nisa; Odemira; Ourique; Ponte de Sor; Portalegre; Portel; Salvaterra de Magos; Setubal; Sines; Viana do Alentejo e Vidigueira.

2) — Alcanena; Alcobaça; Alcochete; Alenquer; Almada; Almeirim; Alpiarça; Arruda dos Vinhos; Azambuja; Barreiro; Bombarral; Cadaval; Caldas da Rainha; Cartaxo; Cascais; Entroncamento; Gavião; Golegã; Leiria; Lisboa; Loures; Lourinhã; Mafra; Marinha Grande; Moita; Montijo; Nazaré; Óbidos, Oeiras; Palmela; Peniche; Porto de mós; Rio Maior; Santarém; Santiago de Cacém; Seixal; Sesimbra; Sintra; Sobral de Monte Agraço; Torres Novas; Torres Vedras e Vila Franca de Xira.

1) — Nestes concelhos pode caçar-se em todos os terrenos compreendidos numa faixa de largura máxima de 200 passos a contar da orla para o interior dos montados, pinhais ou quaisquer outras matas; numa faixa da largura máxima de 200 passos ao longo de cada um dos lados dos caminhos publicos; em todos os terrenos de restolho e ainda nos rios, ribeiras e lagoas, suas ilhotas ou partes secas do leito e numa faixa também da largura máxima de 200 passos ao longo de cada uma das margens destes cursos de água, assim como numa orla de 200 passos á volta das eiras.

2) — Nestes concelhos pode caçar-se apenas nas freguesias e locais indicados no respectivo edital.

Conforme determina a Lei, a caça, antes da abertura geral e nos terrenos onde não é permitida a caça das codornizes, antes das datas fixadas para o início da mesma, só se pode efectuar nos locais designados no edital respectivo e, unicamente á espera sem rede e sem cão, não podendo os caçadores deslocar-se dos locais das esperas com as armas carregadas ou escorvadas. Os infractores incorrem na multa de 300$00 acrescida dos respectivos adicionais. Todo aquele que, antes da abertura geral da caça (1 de Outubro), caçar rolas ou quaisquer outras espécies fora dos terrenos e locais expressamente designados para tal fim, no edital respectivo, será considerado como caçando em tempo de defeso, incorrendo na mesma multa.

As Festas de Meadela

estão a decorrer animadamente

VIANA DO CASTELO, 25 *(Pelo telefone)* — Conforme o programa que oportunamente anunciámos, iniciaram-se ontem as Festas da Meadela, na localidade vizinha desta cidade, com uma exposição de ceramica, de puados e artesanato, e um arraial popular.

Esta manhã efectuou-se o concurso pecuário; á tarde teve lugar um cortejo de lavradeiras, com prémios ás raparigas que mais a rigor se apresentaram; e á noite, haverá um arraial á moda de Viana.

Amanhã, as festas terão o seu dia maior. Seguidamente ao desfile dos agrupamentos folclóricos, em cortejo, nesta cidade, efectuar-se-á na praça de touros, ás 16 horas, o III Festival Folclórico Nacional e I Luso-Galaico e que tem o patrocínio do S. N. I. Colaboram os seguintes grupos: *Minho:* Grupo de Sargaceiros da Apulia, Rancho Folclórico Roconorte — Monção, Grupo Folclórico de Insalde — Paredes de Coura e Grupo Folclórico das Lavradeiras da Meadela; *Ribatejo:* Rancho Folclórico da Casa do Povo de Almeirim, Rancho dos Pescadores e Varinas de Vila Franca de Xira; *Ilha da Madeira:* Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha; *Galiza:* Grupo Regional da Dança «Vento d'as Cies» — Vigo, Agrupacion Coral Estradense — La Estrada — Pontevedra e Coral Polifonica «Follas Novas» — Corunha.

A' noite, com começo ás 22 e 15, haverá um sarau artístico, sob a direcção da declamadora vianense D. Maria Manuela Couto Viana, com a colaboração do Grupo Coral «Follas Novas», da Corunha.

Posto de socorros em Carcavelos

A Defesa Civil do Território, á semelhança do que fez o ano passado, vai abrir, ao serviço do publico, na praia de Carcavelos, um posto de socorros móvel, o qual funcionará todos os sábados e domingos, num período compreendido entre hoje e 26 de Setembro.

O posto, que é chefiado pela comandante de lança D. Maria Augusta Marques, tem assistência médica permanente, coadjuvada por pessoal de enfermagem de reconhecida competência, e está apetrechado com o mais moderno material, sendo os seus serviços inteiramente gratuitos.

Intensifica-se

a fiscalização sobre carnes e gorduras

Por graves abusos especulativos, foram processados ou presos alguns talhantes em vários pontos do País. Responderam em tribunais e foram condenados por especulação, entre outros, os seguintes talhantes ou cortadores: Bernardino Carvalho Higino, de Sintra, em um ano e 3 dias de prisão, não remíveis; com prisão remível: Mário Fernando Gonçalves, de Queluz em 7 meses; José Bernardino Cordeiro, da Rua Açores, em 90 dias; Francisco Maria Veloso, da Rua de Xabregas, e António Natário, da Estrada de Benfica, em 60 dias cada; Joaquim Santos Costa, da Avenida Guerra Junqueiro, Frederico Alves, da Rua Lopes, Artur Dias, do mercado de Alcantara, Manuel Pereira Lemos e Abílio José Gonçalves, ambos de Ponte de Lima, em 30 dias cada; José dos Santos Caetano, da Avenida Padre Manuel da Nóbrega, António Lima da Silva, da Ribeira de Santarém, José Silva Lopes, da Nazaré, e Joaquim Santos Teixeira, de Sesimbra, em 20 dias cada. Além da prisão, foram ainda todos condenados em multa e imposto de justiça.

Por outro lado continua uma activa vigilancia sobre os preços das gorduras animais. Como há notícia de abusos, designadamente na venda do toucinho alto, a Fiscalização da I. G. A. espera que os consumidores, sempre que tal verifiquem, o comuniquem a qualquer agente da autoridade ou áqueles serviços. As gorduras expostas á venda devem ter os preços, por quilograma, indicados em letreiros bem visíveis, e a sua falta implicará a autuação do vendedor.

AS COMEMORAÇÕES

do milenário de Aveiro

AVEIRO, 25 *(Pelo telefone)*.— Prosseguem com grande brilhantismo as festas do milenário de Aveiro e do bicentenário da cidade. Hoje, á noite, haverá uma «Marcha milanesa», numero que está destinado a um grande êxito e que é inédito em Aveiro. Amanhã o programa prevê, entre outros numeros, o «Cortejo Distrital», no qual tomam parte todos os concelhos, com as suas representações folclóricas e das várias actividades da região.

Na sé catedral celebrará um «Te Deum», com homília, o arcebispo de Évora, D. Manuel Trindade Salgueiro.

A Exposição Industrial do distrito que foi inaugurada pelo Chefe do Estado, quando da sua recente visita a esta cidade, continua patente ao publico e tem sido visitado por muitos milhares de pessoas de todo o País, constituindo uma das mais sensacionais manifestações destas comemorações.

Rosa dos Ventos

O Automóvel Clube de Londres, o Conselho da Cidade e o ministro dos Transportes estão a braços com a solução de uma pitoresca pendência, que levanta um problema jurídico: pode um homem instalar-se legalmente num parque de estacionamento para automóveis?

A questão surgiu quando o professor de Zoologia da Universidade de Londres George P. Welles procurava arrumar o seu carro e encontrou o unico lugar vago ocupado por um homem.

— O senhor é um homem, não é um automóvel e não tem o direito de estacionar aí.

— Lamento muito — respondeu o outro —, mas não saio daqui enquanto o meu irmão não chegar com o carro dele.

O professor acelerou e o indivíduo teve de saltar para o lado e deixar-lhe o campo livre. Mas depôs uma acção no tribunal.

*

A televisão já atingiu nos Estados Unidos o extremo de se tornar motivo de divórcio. A vedeta de Hollywood Caroline Van Dyke ganhou assim a acção de divórcio que intentou contra seu marido, Bernard Goetke, que ela acusa de estar literalmente hipnotizado pela televisão e de passar todo o seu tempo sentado diante do pequeno «écran» do receptor. O repudiado esposo mostra-se, entretanto, muito contente com a decisão judicial, pois lhe couberam, na reparação do casal, o apartamento em que vivia... e o aparelho de televisão.

*

Em Turim, foi prestada uma homenagem ao célebre novelista italiano Emilio Salgari. A casa onde viveu o criador do «Leão de Damasco» e de «Sondokan, o Tigre da Malásia», no numero 205, do Corso Casale, foi visitada por um grupo de escritores, que colocaram uma lápide na frontaria do edifício. Nessa casa, Emilio Salgari, que nunca saiu da sua pátria — e apenas uma vez com demora da sua cidade natal — imaginou fabulosas aventuras, que têm como cenário os mais remotos pontos do Globo.

*

Se quer deixar de fumar, arranje maneira de ser picado por um escorpião. Tal é, pelo menos, o remédio preconizado como infalível por um lavrador norte-americano que o experimentou e dele fez agora grande publicidade. Picado por um lacrau, teve de recolher a uma clínica e quando de lá saiu, duas semanas depois, perdera o vício do tabaco, com o que muito se congratula. Parece, entretanto, legítimo pôr em duvida se foi o veneno ou a simples pausa de quinze dias que curou o fumador do seu vício. E depois, não será pior o remédio do que a doença?

*

O pai da formosa donzela, muito conspícuo, pergunta ao pretendente:

— Você sente-se capaz de manter a minha filha tal como ela está habituada a viver?

— Sim, senhor. Tomo esse sagrado compromisso.

— Ainda bem... porque eu é que já não posso!

O interesse do Brasil
pelas doenças tropicais
—segundo o prof. Fraga de Azevedo

Do Brasil, onde permaneceu algumas semanas, regressou a Lisboa, no avião da Panair, o sr. prof. dr. João Fraga de Azevedo, director do Instituto de Medicina Tropical, que, a convite do Governo brasileiro, se deslocara ao Rio de Janeiro, a fim de participar nos trabalhos do Congresso Internacional sobre a Doença de Chagas, onde apresentou uma comunicação acerca da doença do sono nos territórios portugueses de África. Num rápido encontro, registamos as impressões do ilustre recém-chegado:

—Constituiu uma manifestação científica do mais alto significado e, por outro lado, foi mais uma demonstração do interesse permanente do Brasil pelos seus problemas sanitários, para a solução dos quais tem dado leis ao Mundo.

Depois de nos dizer que o congresso se realizou de 5 a 11 de Julho, justamente para comemorar o cinquentenário da descoberta do agente da doença, devida ao grande cientista brasileiro Carlos Chagas, — que lhe deu o nome — o prof. Fraga de Azevedo declarou-nos:

—Trata-se de uma afecção da maior importancia, já pela gravidade das manifestações, onde avultam processos de miocardite, já pela sua alta incidência, pois se avalia em, pelo menos, 3 milhões o numero de infectados do Brasil, já porque não há ainda um medicamento eficaz de que se possa dispor contra o flagelo.

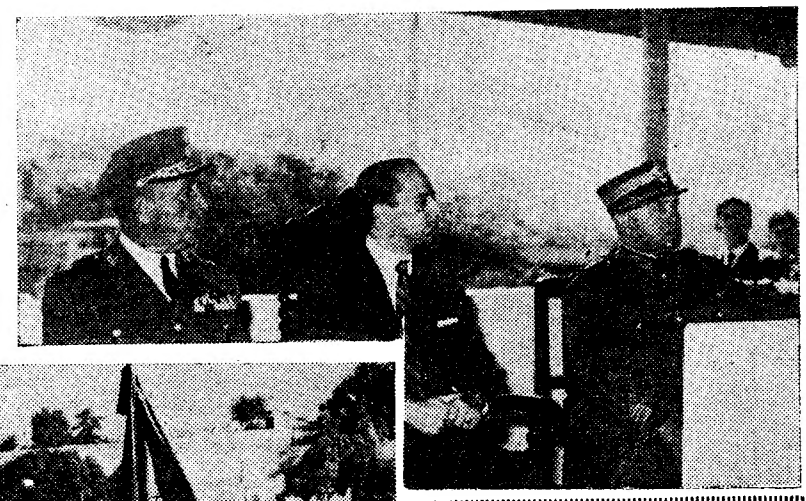
—Qual a caracteristica da doença?

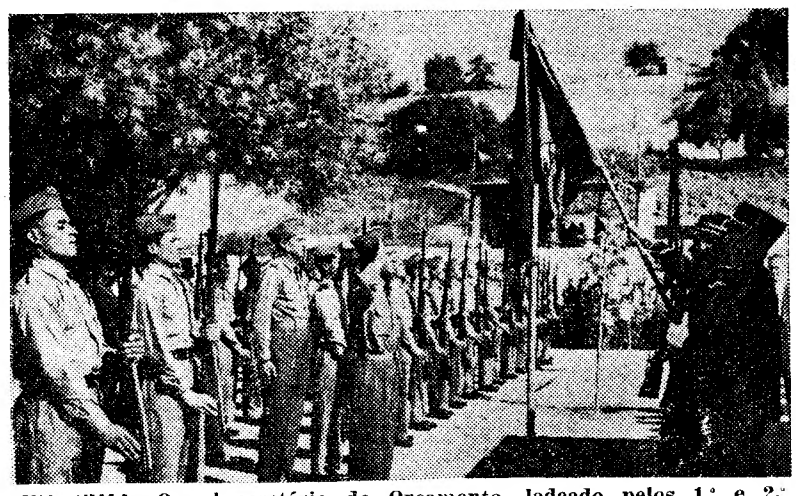
—A doença está circunscrita á América do Sul, á América Central e a certas áreas meridionais da América do Norte, mas, porque se trata de uma tripanosomíase humana, cujo equivalente em África é a doença do sono, o interesse do seu estudo para nós é grande, pela possibilidade de aproveitarmos alguns dos seus dados, para o conhecimento mais perfeito da tripanosomíase africana. A doença é transmitida por insectos, com hábitos semelhantes aos dos percevejos, os triatomideos, popularmente conhecidos no Brasil por «barbeiros», em virtude de deixarem a pele da face a sangrar depois de picarem.

Prosseguindo, o prof. Fraga de Azevedo afirma-nos:

—Compreende-se assim o interesse que tal endemia merece do Governo do Brasil e assim se justifica que este país tivesse tomado a iniciativa de promover um Congresso Internacional para dela se ocupar, congresso em que tomaram parte delegados de todos os países da América, a que a doença interessa, incluindo os Estados Unidos, e bem assim delegados dalguns países da Europa, como Portugal, França, Inglaterra e Itália.

(Continua na 11.ª página)





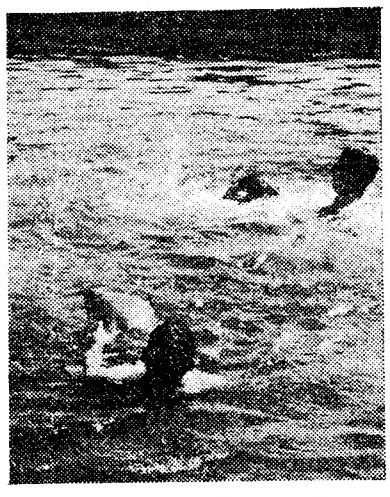
EM CIMA: O subsecretário do Orçamento, ladeado pelos 1.º e 2.º comandantes-gerais da G. F. EM BAIXO: Os novos guardas-fiscais prestam continência á bandeira

Os recrutas da Guarda-Fiscal
que terminaram o periodo de instrução mostraram o seu aproveitamento perante o subsecretário do Orçamento

Com a presença do dr. Beleza Pizarro, subsecretário de Estado do Orçamento, realizou-se, esta manhã, nas instalações do Clube Nacional de Natação, a festa de encerramento das actividades do 1.º Centro de Instrução de 1959 do 1.º Batalhão n.º 1, da Guarda Fiscal, constituído por 89 recrutas. Aquele membro do Governo, que era acompanhado pelos 1.º e 2.º comandantes gerais da Guarda Fiscal, respectivamente, general Valente de Carvalho e tenente-coronel Emauz Ribeiro, e pelo inspector dos serviços administrativos, coronel Almeida Amaral, foi recebido por uma guarda de honra formada por uma companhia a dois pelotões com fanfarra.

Antes da apresentação da bandeira aos novos alistados, usaram da palavra o comandante do batalhão, tenente-coronel Patricio Calado, e o chefe do centro de instrução, capitão Custódio Nunes, que enalteceram a função da Guarda Fiscal e evidenciaram a responsabilidade que cabe a cada um na defesa e na aplicação da lei.

Seguiu-se o desfile da companhia de instrução em continência ás altas individualidades presentes, após o que na piscina do Clube Nacional



Dois novos guardas-fiscais prenderam, na água um «contrabandista»

de Natação, começaram as demonstrações da eficiência do ensino ministrado. Seguindo um relato do major José Lemos, 2.º comandante do batalhão, os recrutas exibiram-se em provas de salvamento de um náufrago, e de captura a um contrabandista que tentasse atravessar a fronteira definida por um rio. A terminar as provas de natação, os recrutas, que tiveram apenas quinze lições, atravessaram a piscina.

As exibições continuaram no campo de basquetebol com a apresentação de uma lição de ginástica educativa e de uma classe de luta de defesa pessoal.

A terminar, o subsecretário do Orçamento entregou prémios aos recrutas que mais se distinguiram.

Importantes declarações
do ministro da Educação
sobre a reforma e renovação das Escolas do Magistério Primário

Terminaram na direcção-geral do Ensino Primário os trabalhos de uma reunião em que, sob a orientação do respectivo director-geral, sr. dr. Joaquim Gomes Belo, o reitor do Liceu Normal de Coimbra, sr. dr. Mário Guerra, e os directores das escolas de Magistério de todo o País apreciaram, conjuntamente, importantes assuntos respeitantes ao mesmo magistério, em especial os que se referem a alterações, de sentido reformador, a introduzir nos programas.

Concluídos os trabalhos dessa reunião, os seus participantes foram, hoje de manhã, apresentar cumprimentos aos srs. prof. Leite Pinto e dr. Baltasar Rebelo de Sousa, respectivamente ministro e subsecretário da Educação Nacional.

A audiência decorreu no gabinete do ministro, que aproveitou o ensejo dessa visita para fazer algumas considerações sobre o seu pensamento e o do subsecretário relativamente á renovação das escolas do Magistério Primário, tendo anunciado que vai ser criada em breve novas escolas do mesmo grau em Portalegre.

Salientou, a propósito, que é fundamental, para o ensino, de todos os graus, a formação dos professores, dadas as exigências cada vez maiores das populações escolares em acentuado crescimento. A criação da Escola do Magistério em Portalegre tornou-se possível—acentuou o sr. prof. Leite Pinto — devido á compreensão do seu colega da pasta das Finanças, sr. prof. Pinto Barbosa, que, não obstante as dificuldades de ordem orçamental a que tem sempre de atender, encontrou forma de pôr á disposição do Ministério da Educação Nacional os créditos indispensáveis para que pudesse criar aquele estabelecimento.

O sr. prof. Leite Pinto falou ainda de outros pontos que têm estado a ser apreciados no capitulo do ensino primário e da formação do seu professorado, tendo aludido aos trabalhos, já concluídos, da revisão dos programas, tornada indispensável, tanto mais que no próximo ano entrará já em vigor a obrigatoriedade da 4.ª classe para o sexo feminino. Referiu-se, por ultimo, ás vantagens de se montar uma inspecção para o ensino do Magistério Primário, que terá reflexos na habilitação do professorado; e, ainda, á necessidade de se preparar um regime transitório, antes do alargamento a seis anos da escola primária.

Em 3 linhas

Foi designado representante do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo na Comissão Municipal de Turismo da Nazaré, o dr. António Duarte Pimpão.

///

Para divulgar, como é necessário, os cuidados a ter, no combate á brucelose, a Direcção-Geral de Saude vai editar 50.000 exemplares de um folheto sobre o assunto.

///

Está aberto concurso documental para provimento de vagas de enfermeiros ou enfermeiras de 2.ª classe, contratados, do quadro privativo dos serviços de saude de S. Tomé e Príncipe.

///

Foi extinto o Centro de Assistência Social de Ladoeiro, revertendo todos os seus bens e valores para o Centro de Assistência Social de Idanha-a-Nova.

///

O dr. António Augusto Vilas Boas Carneiro de Moura foi contratado como director de serviço dos serviços gerais de clínica cirurgica dos Hospitais Civis de Lisboa.

///

Custará 280 contos a construção da Pousada de Bragança, pelo empreiteiro Viriato Alves Neiva.

///

No concurso para internos graduados de pediatria médica dos Hospitais Civis de Lisboa, foram aprovados os drs. Henrique Pinto Baldaia e António Varela Féria de Araujo Rocha.

///

Está orçada em 2.710 contos a obra de abastecimento de água ao sistema Vale de Lobos-Pero Pinheiro e Vale de Lobos-Sabugo, do concelho de Sintra.

///

Vai ser colocado na delegação da P. I. D. E. em Angola o chefe de brigada Carlos Fernandes Casaca Velez.

///

Foi nomeado membro da comissão administrativa do Albergue Distrital de Mendicidade de Coimbra o major Pedro Barcelos.

///

Foram aprovados os projectos, apresentados pelas Minas de Aljustrel, para a construção de um bairro operário, de 189 moradias, e dum edifício para habitação do seu pessoal superior no lugar de S. João do Deserto.

DENTES COMO ESTES SÓ COM PASTA MEDICINAL COUTO CONTRA AS DOENÇAS DA BOCA

O muito é feito poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 25

Capital aferrolha

PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A RENDER

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO

«DOMINGO FELIZ!»

oferece novas oportunidades

aos leitores do «Diário de Lisboa»

Estamos a poucas horas de mais m domingo de Verão — mais um Domingo Feliz» para os leitores » «Diário de Lisboa», graças ao ncurso semanal que promovemos. staremos novamente nos locais ade, habitualmente, se concentram s Lisboetas que partem para o mpo e para as praias dos arre-ores da capital, pois a unica con-ição para concorrer é, nada mais ada menos, sair da cidade ao do-ingo. Todos ficam habilitados, m necessidade de cumprir qual-uer formalidade, bastando apenas perar que a sorte esteja pelo seu do e reconhecer-se nas fotogra-as que publicaremos.

Amanhã, cada um dos nossos lei-res poderá ser contemplado com ualquer dos seguintes prémios:

Prémios Sintra

1.º — Viagem aérea, de ida e vol-, ao Porto, no excelente serviço a TAP, com estadia de um dia um dos melhores hoteis do Norte.

2.º — Um aparelho eléctrico para assagens, da conhecida marca VI-RETTE, de que é distribuidora a

) nosso leitor a quem coube o 4.º prémio da Costa do Sol

OCIEDADE DE REPRESENTA-ÕES LISBAFORO.

3.º — Produtos SCHWEPPES, no alor de 300 escudos.

4.º — Um bilhete inteiro para a otaria, da CASA CAMPIÃO.

Prémios Costa do Sol

1.º — Um lote de produtos da fir-a VILARINHO & SOBRINHO e, inda, um fogareiro CIDLA.

2.º — Um passe mensal para via-ar nos comboios da SOCIEDADE STORIL.

3.º — Produtos Schweppes.

4.º — Um bilhete inteiro para a otaria, da CASA CAMPIÃO.

Prémios Costa da Caparica

1.º — Estadia de um fim de sema-na, para casal, no magnifico Hotel do Guincho.

2.º — Uma ventoinha da acredita-da marca G. E., da GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA.

3.º — Produtos SCHWEPPES.

4.º — Um bilhete inteiro para a lotaria da CASA CAMPIÃO.

O 4.º prémio da Costa do Sol

O 4.º Prémio da Costa do Sol do nosso concurso «Domingo Feliz!», referente ao domingo passado, coube ao sr. João Pina, empregado no comércio, que hoje veio receber um bilhete inteiro da próxima lotaria da Santa Casa da Misericórdia, oferta da antiga e acreditada Casa Campião.

O sr. João Pina, que nos disse ser leitor assíduo do «Diário de Lisboa», contou-nos ter visto, na estação do Estoril, quando ia para Carcavelos, o fotógrafo do nosso jornal, ficando com a impressão de ter sido abrangido no grupo focado. No regresso, confirmou a sua impressão e teve a satisfação de se ver designado para o 4.º Prémio.

— Agora, veremos se a sorte é completa. E, se for a sorte grande, a coisa vai ser falada — concluiu o sr. João Pina, esperançoso e fazendo grandes projectos.

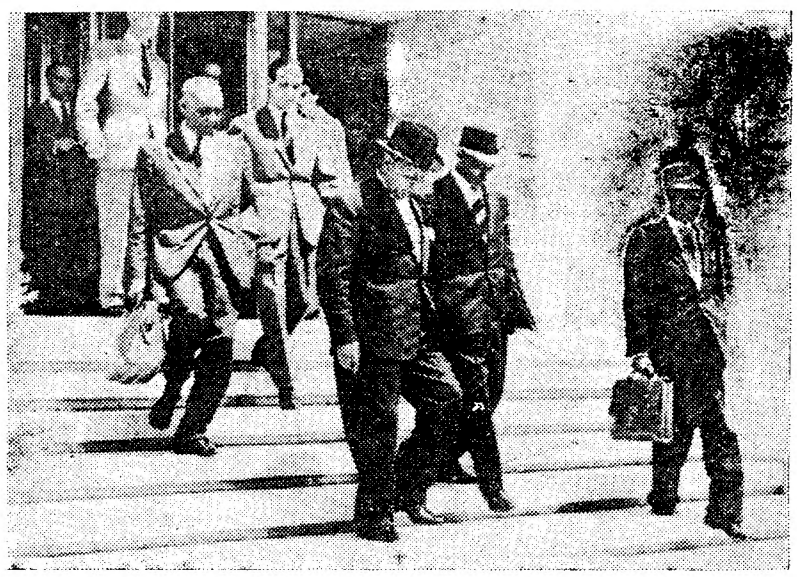
O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, predominando do Norte, e o céu estava muito nublado no litoral oeste, a norte do Cabo Mondego, e geralmente limpo nas outras regiões por acção de uma massa de ar transportada na circulação de uma depressão centrada a noroeste do Cabo Finisterra.

TEMPERATURAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto, 18°; Coimbra, 19°; Lisboa, 20°; Portalegre, 21°; Funchal, 22°; e Faro, 25°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — A norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela — Céu geralmente muito nublado, vento fraco, aguaceiros nas regiões montanhosas. Possibilidade de nevoeiro e chuvisco durante a madrugada no litoral oeste. A sul do referido sistema — Céu geralmente pouco nublado, vento moderado de Noroeste. Pequena subida de temperatura.



O vice-primeiro ministro da Etiópia (+), com os seus dois colegas, á saída do aeroporto

Chegaram hoje a Lisboa

três ministros que fazem parte da comitiva de Hailé Selassié I

No aeroporto da Portela, aterrou hoje, cerca do meio-dia, um avião militar francês, que veio expressamente a Portugal trazer três altas individualidades etiopes, componentes da comitiva do imperador Hailé Selassié: o vice-primeiro-ministro do Governo de Adis Abebba, Akhilou Habte Wold; o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ato Yilma Deressa; e o ministro da corte imperial, Tsaherfe Teezaz Tffarra Worq Kidane Wold.

Aguardavam aquelas individualidades os srs. dr. Henrique da Silva Martins, chefe de gabinete do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que lhes apresentou cumprimentos em nome do sr. dr. Marcelo Matias; pessoal do protocolo e o ministro e conselheiro da legação da Etiópia em Lisboa.

O imperador ficará instalado em Queluz, num quarto com mobílias portuguesas do século XVIII

Queluz prepara-se para receber amanhã o imperador da Etiópia Hailé Selassié I. O monarca etiope ficará instalado no palácio de Queluz, nos aposentos que já receberam a rainha Isabel II de Inglaterra e outros visitantes ilustres. Durante o dia de hoje estão a efectuar-se trabalhos no palácio, sob a direcção do conservador, dr. António Ventura Porfírio. Assim, estão a ser retocadas algumas decorações em mau estado de conservação. Foram retirados os leitos dos quartos conhecidos como os das Infantas.

Peças de mobiliário do Ministério dos Negócios Estrangeiros e do Palácio da Ajuda dos séculos XVIII e XIX foram transportados para Queluz. O imperador ficará instalado num quarto com mobilias portuguesas do século XVIII. Nas paredes dos aposentos reais estão colocadas telas romanticas. Entre os objectos de decoração destacam-se um admirável cofre de faiança da fábrica do Rato, uma preciosa placa de ceramica de Delf e harmoniosos tapetes de Arraiolos.

Ficarão ao servio do imperador cerca de quinze criados e um mordomo. As refeições íntimas do ilustre visitante são preparadas pela Cozinha Velha, que é dirigida pela sr.ª condessa de Almeida Araujo. O monarca etiope tem preferência pela cozinha francesa.

No almoço de amanhã são servidos um «cocktail aux crevettes et aux langoustines», um «creme spirituele de Morne», um prato português afrancesado «escalopes de veau sutrene», pomes de terres a polette Choux de Brouxels», «ananasaux flocous de neige», «corbeilles de fruits» e café de Timor.

A guarda do palácio durante a permanência em Portugal do imperador Hailé Selasié está a cargo de uma força da G. N. R.

O trânsito em Lisboa e os transportes para a Outra Banda

Em virtude das cerimónias de recepção ao imperador da Etiópia que amanhã chega a Lisboa, a P. S. P. tomou as seguintes disposições relativas ao transito na capital: E' proibido o estacionamento nos parques do Corpo Santo, da Praça do Comércio e da Alfandega; nas Praças da Ribeira Nova, do Duque da Terceira, do Comércio, de

(Continua na 14.ª página)

O ministro do Interior etíope

herói da resistência da sua pátria fala ao "Diário de Lisboa"

(Continuação da 1.ª página)

pontos do Mundo e em especial, para Addis Abeba. A todos os oficiais, que lhe foram apresentados, dispensa palavras de simpatia corteses.

Ás nove horas de hoje eram percorridas 377 milhas, a uma média horária de quinze nós, navegando a escolta portuguesa a dezasseis milhas de terra, defronte de Ponta Carreiro, já em direcção ao Sul.

No Golfo da Biscaia, com vento pela ré, os três navios tinham sulcado um mar um tanto agitado, chamado, em linguagem náutica, «de pequena vaga». Mantiveram-se, coisa de 3 horas, com o céu forrado e o vento de força moderada, até que finalmente a superfície das águas se acalmou, o firmamento abriu-se num azul puríssimo e o Sol passou a espelhar-se num mar chão, onde era uma delicia navegar.

Durante o período em que se agravaram as condições de visibilidade, decidiu o navio-chefe reduzir a sua velocidade para cinco nós, a fim de assim se conseguir maior segurança e reduzir o avanço alcançado sobre a hora de chegada.

Após o cabo Ortegal, surgiram no oceano inumeros cargueiros e começaram a aparecer no radar ecos dos grandes navios que habitualmente cruzam estas paragens, rumo ao Canal da Mancha.

Durante todo o percurso registaram-se vários contactos e não cessaram de decorar os horizontes marinhos as frotas de pesca, que aproveitavam a óptima sota, propícia á sua faina.

O mar estanhado mantém-se, admirável de luz e de tranquilidade.

O ministro do Interior etíope, embarcado neste contratorpedeiro e com o qual temos trocado impressões, foi chefe de um grupo de resistência na guerra da Etiópia, contra o invasor italiano. Cinco vezes ferido em campanha, tomou parte em inumeras batalhas e recontros, onde todos os seus soldados arduamente pelejaram pela independência da sua pátria. Em conversa com o comandante Cabral Metzner e connosco fez alusões ao estreitamento das relações económicas entre Portugal e a Etiópia, salientando a exportação de café e peles.

Esta manhã, o imperador Hailé Selassié ocupou-se de problemas da vida portuguesa. Tem tomado todas as suas refeições juntamente com a princesa Aida, que igualmente aparenta boa disposição, embora as primeiras horas de navegação, com mar picado, a hajam deixado um pouco combalida.

Se o tempo assim o permitir, o imperador assistirá da ponte a uma série de espectaculares exercícios. Para o jantar desta ultima noite a bordo, Hailé Selassié 1 convidou para a sua mesa o comodoro Paulo Viana, o comandante Melo e Alvim e mais dois oficiais. Aos brindes, o comodoro Paulo Viana pronunciará breves palavras de despedida. O uniforme para este jantar é de gala: jaqueta azul, com condecorações, e calça da mesma cor. A camara imperial está já decorada para tal efeito.

A fim de permitir que o imperador Hailé Selassié e a princesa Aida possam repousar serenamente, os três navios pairarão no Oceano algumas horas antes da passagem por Cascais.

O comodoro Paulo Viana enviou telegramas, a agradecer a recepção dispensada, ás entidades oficiais de Baiona, e ao embaixador de Portugal em França pela sua presença a bordo.

SILVA RAMOS

O chefe do distrito

visita o concelho de Loures

LOURES, 25 — *(Pelo telefone)* — O dr. Osório Vaz, governador civil de Lisboa, visita oficialmente esta vila no próximo dia 29, sendo recebido oficialmente, ás 10 horas, nos Paços do Concelho, pelo presidente da Camara Municipal, capitão António Eduardo de Oliveira Mata, pelos vereadores, pelas outras autoridades e pelas pessoas mais importantes da região.

O prof. Moreira de Sá

foi aprovado catedrático da Faculdade de Letras

Efectuou-se esta manhã na Faculdade de Letras a prova de concurso de professor extraordinário, dr. Artur Moreira de Sá para catedrático de Filosofia daquele estabelecimento de ensino.

O sr. prof. Marcelo Caetano, reitor da Universidade Clássica, presidiu ao juri, constituido por todos os professores catedráticos da Faculdade de Letras.

A lição do prof. Moreira de Sá tratou de «Fundamentação do Imaterialismo de Berkeley» e foi criticada pelo arguente, prof. Miranda Barbosa.

O candidato foi aprovado.

Colegas e amigos felicitaram-no no final da prova. Muitos alunos da Faculdade assistiram ao acto.

Prof. A. Palma Carlos

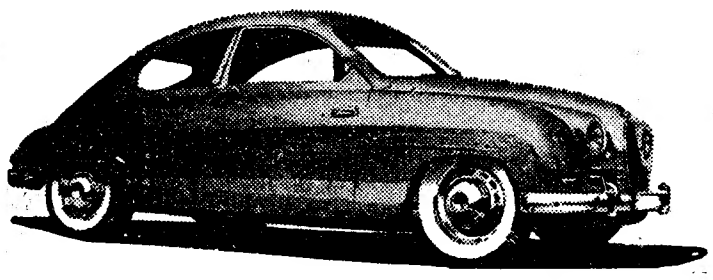
O prof. dr. Adelino Palma Carlos, que está internado no hospital da C. U. F., onde foi submetido a uma operação cirurgica, encontra-se em franco restabelecimento.

TERMAS DE CALDELAS
tratamento do aparelho digestivo, especialmente intestinos
Abertas de 1 de Junho a 10 de Outubro

CAMISAS RW
130$00
4 MODELOS
UM EXCLUSIVO DE
JOQUEI CAMISEIROS
R NOVA DO ALMADA, 60
LISBOA

ESTIMULE A INTELIGÊNCIA
TONIFIQUE OS NERVOS
FORTALEÇA O ORGANISMO
Tomando
FOSGLUTÉN
ÁCIDO GLUTÂMICO
VITAMINA B - FOSFORO

SAAB 93 B



CONSTRUÍDOS NA SUÉCIA

PELA

SAAB AIRCRAFT COMPANY

TURISMO E GRANDE TURISMO

OS CARROS DE GRANDE ESTABILIDADE

EM EXPOSIÇÃO NOS AGENTES GERAIS

GARRIDO & FILHO, L.DA

LISBOA
AV. DA LIBERDADE, 165 a 171
Telef. 41945

PORTO
RUA DA PIEDADE, 37
Telef. 63147

TRIBUNAIS

Foi condenado o autor de um homicidio frustrado

EORA, 25. — Em audiência do círculo judicial de Evora, presidida pelo corregedor sr. dr. António Pedro Sameiro, foi julgado o jornaleiro Joaquim Manuel Arcranhado, de 37 anos, casado, natural de Viana do Alentejo e ali residente.

O réu era acusado de, na noite de 26 de Abril, durante um baile de festa de casamento, ter vibrado duas navalhadas em Luís Pão-Mole, que foi atingido no peito.

O agressor foi condenado em 4 meses de prisão correccional, 20 dias de multa a 10$00 diários, 1.000$00 de imposto de justiça e legais acréscimos e 1.000$00 de indemnização ao ofendido.

Que mãe sensata! Os seus afazeres não lhe permitem perder tempo com esferográficas renitentes que não comecem logo a escrever. É por isso que prefere a maravilhosa Parker T-Ball... a nova esferográfica que funciona instantâneamente, escreve com suavidade em todas as superfícies normais, e tem cinco vezes mais tinta do que qualquer outra.

A PONTA POROSA EXCLUSIVA DA PARKER
A tinta gira em torno da esfera penetrando em milhares de minúsculas células... assegurando assim um fornecimento contínuo de tinta.

Parker T-Ball Esferográfica

UM PRODUTO DE THE PARKER PEN COMPANY

9-8114

TERRENOS NA TRAVESSA DAS RECOLHIDAS, 14

ÁREA TOTAL: 358,30 M2 — FRENTE: 18 METROS

LEILÃO JUDICIAL

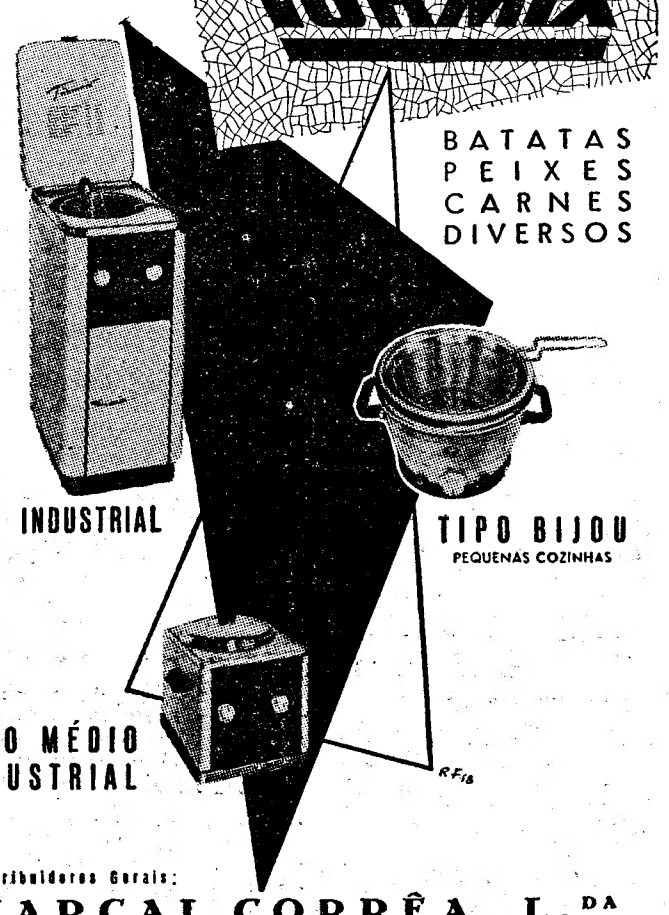
AMANHÃ, ÀS 12 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 2.ª Vara Cível de Lisboa nos autos de execução que pela 3.ª Secção os exequentes D. Maria Isaura da Assunção dos Santos Duarte e outro movem contra a firma Manuel Ferreira, Lda., serão postos em praça no próprio local os lotes acima referidos que estão descritos na 5.ª Conservatória do Registo Predial de Lisboa sob os numeros 5.688 e 5.689. Base: 600 contos.

A LEILOEIRA, LDA.

Avenida 5 de Outubro, 23, 1.º — Telefone 45934

FRITADORAS URMIX

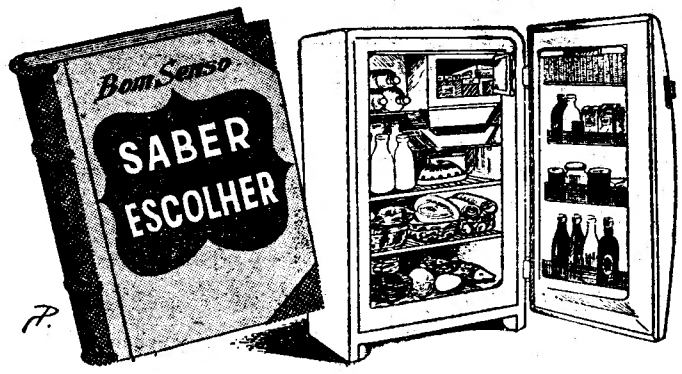


Distribuidores Gerais:
MARÇAL CORRÊA, L.DA
RUA SERPA PINTO, 15, 5.º ESQ.º (Ao Chiado — Tem elevador)
TELEFONE 26076 • LISBOA — PORTUGAL

POLICLINICA CAMPO D'OURIQUE
Rua Francisco Metrass 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64
Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças
Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos
Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos
Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica
Dr Henrique Soudo.
Dr. Coelho Lopes — Raios X
Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

Estrangeiro retirando-se de Portugal por motivo urgente, vende **«Simca Versailles»**, perfeito estado, falar com Senhor Fonseca 76 31 10.

JAGUAR 3.4
Como novo, vende-se a particular. Telef. 669319, dias uteis das 10 ás 12 h. e das 15 ás 17 h.



A obra SABER ESCOLHER, da autoria do Bom Senso, tem no capítulo FRIGORÍFICOS um nome escrito a letras de ouro:

ELECTROLUX!

Electrolux apresenta 15 modelos diferentes de FRIGORÍFICOS E CONGELADORES DOMÉSTICOS, DESDE 3.500$00 até 15.900$00

Electrolux, L.da
LISBOA
Rua Pascoal de Melo, 7 Telef. 28246
Rua 1.º de Dezembro, 120-B Telef. 56115

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se em BUCELAS na AGENCIA DE PUBLICAÇÕES.

De ontem para hoje

O ENSINO E OS MUNICIPIOS

SERÁ que, mau grado os pessimistas que lançam á conta do progresso técnico, um pretenso empobrecimento dos valores culturais, a nossa época é uma época sôfrega de saber, ávida de compreensão e de experiência, desejosa de ir mais além e de conquistar as bandeiras do infinito — ou pelo menos do infinito pessoal de cada um? O certo é que em quase todos os países da Europa, por falarmos do nosso continente, as populações urbanas e rurais acodem ao chamamento do ensino ou sobre ele fazem pressão numa escala sem paralelo em tempos anteriores. E o mesmo fenómeno se verifica em Portugal. Assim se compreende o apelo ontem lançado pelo ministro da Educação Nacional aos municípios do País, ao receber a comissão de Montemor-o-Novo, que, acompanhada pelo chefe do distrito de Evora e integrada por entidades oficiais e representativas do comércio, da industria e da lavoura daquela região, veio agradecer ao prof. Leite Pinto a criação da Escola Comercial e Industrial da vila de Montemor. O sr. ministro da Educação, nas suas considerações inteligentes e pertinentes, declarou que doravante os municípios têm de cooperar com o Estado nos investimentos do Ensino. Todos os que beneficiarão do alargamento do ensino nele devem cooperar, para aumento da riqueza colectiva.

FEIXE DE NOTICIAS

NO avião da T. A. P. regressou ontem de Estocolmo a Lisboa, o secretário de Estado do Comércio, que tomou parte na reunião dos «Sete», para a criação de uma zona de livre cambio, acerca de cujos trabalhos já fez valiosas declarações ao nosso jornal.

*** Nada menos de cinco atropelamentos — e um deles mortal — ontem, em Lisboa ou nas imediações. Colhida por automóvel, na Avenida da Republica, morreu no Hospital de São José a sr.ª D. Cecília Maia, de 66 anos. As outras quatro vítimas que recolheram ao mesmo estabelecimento hospitalar são: José Dias Sequeira, de 39 anos, guarda-freio da Carris; Olívia de Jesus Pires, de 37 anos; Maria Rosario da Silva, de 35; e Eduardo Salgueiro Meireles, de 13. Em Valongo do Douro, o proprietário António Ferreira Herculano foi também morto por um automóvel, quando seguia de bicicleta.**

*** Ainda um desastre de viação, por sinal horrível na sua expressão de miséria e abandono Edmundo Silva Gaia estava caído, inanimado, em consequência de excessos alcoólicos, na Estrada Marginal, onde um taxi lhe passou, simplesmente, por cima. Tal é a versão autêntica apurada pela P. V. T.**

*** Um acto generoso e bem sucedido. Dois irmãos, igualmente decididos e corajosos, ambos bombeiros voluntários de Santo Tirso, Henrique e José da Silva Salgado. salvaram da morte iminente o jovem Alfredo Alves, de 14 anos, que estava prestes a afogar-se nas aguas revoltas do rio Ave. O acto dos dois bombeiros foi merecidamente louvado.**

JORNAL PEQUENO

O sr. Presidente da Republica recebeu ontem, em audiência, no Palácio de Belém, os srs. almirante Vasco Lopes Alves, ministro do Ultramar, e Eduardo Quelhas Lima Estiveram também ali, a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os srs. prof. Jorge da Silva Horta; prof João Pinto da Costa Leite (Lumbrales) e J. Oliveira da Silva, tenente Sousa Nazareth, dr. António Vidal Baptista e José Palha. * Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem o sr. ministro da Presidência. * Para se vingar da mulher com quem vivia, o jornaleiro Luís Barreleiro deitou fogo ao centeio que ele semeara e colhera, em São João da Pesqueira. * Vítima de uma queda, faleceu no Hospital de Santa Marta, Manuel Martins, de 70 anos.

O Brasil e as doenças tropicais

(Continuação da página central)

Explicando a importancia da reunião, diz-nos:

—O congresso teve a mais alta repercussão nos círculos científicos sociais e políticos do Brasil, pois a ele se ligaram algumas das mais altas figuras da vida do país. Assim é que a sessão solene inaugural se efectuou no salão nobre da Universidade do Rio de Janeiro, sob a presidência do ministro da Educação interino prof. Pedro Calmon, e com a presença dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Saude, director da Organização Mundial de Saude, governadores estaduais, deputados, professores, membros do corpo diplomático e altas figuras do Brasil. Por outro lado, ao acto da inauguração da lápida, na Universidade do Rio de Janeiro, comemorativa do cinquentenário da descoberta da Doença de Chagas, presidiu o presidente da Republica do Brasil, que pronunciou um brilhante discurso, no decorrer do qual não deixou de se referir especialmente á presença de uma delegação portuguesa.

Tive ensejo de acompanhar com o maior interesse os trabalhos do congresso que decorreram com um alto nível cientifico e onde me foi dado apresentar um estudo sobre a «Contribuição de Portugal para o conhecimento da doença do sono», acompanhado de um filme e pude também intervir na discussão de alguns dos assuntos.

A concluir, o sr. prof. João Fraga de Azevedo declara-nos:

—Á margem da minha participação no congresso foi-me dado pronunciar no Rio de Janeiro uma conferência no Gabinete Português de Leitura, sobre «Organização da Assistência Médica no Ultramar Português», também acompanhada de um filme e que teve a presença do embaixador de Portugal, e, na Sociedade Brasileira de Higiene, falei ainda sobre «Problemas de hoje da Medicina Tropical no Ultramar Português». A esta conferência se dignou presidir o ministro da Saude, prof. Mário Pinotti, com a assistência do nosso embaixador Pude ainda visitar S. Paulo, onde pronunciei uma conferência na instituição portuguesa que tanto nos honra, a Casa de Portugal, sobre «A luta contra a doença do sono no Ultramar Português» e, a convite do Departamento de Endemias Rurais, visitei os seus serviços em Belo Horizonte. Também, no Recife, onde fui convidado da respectiva Universidade, fiz uma conferência na Sociedade de Medicina de Pernambuco, sobre «A investigação médica no Ultramar Português».

PERKINS-DIESEL
RECORRA À ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E CONSULTE OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS
Auto-Industrial, Lda.
Rua Alexandre Herculano, 66

A próxima reunião do Rotary Clube de Lisboa

Na reunião do Rotary Clube de Lisboa, da próxima terça-feira, ás 13 horas, na Casa do Alentejo, o comodoro Eduardo Scarlatti, figura prestigiosa da nossa Marinha de Guerra e conhecedor profundo dos problemas ligados á política mundial do petróleo, fará uma palestra, intitulada «Petróleo, petroleiros e petrolistas», que será comentada pelo antigo ministro engenheiro Bacelar Bebiano, igualmente técnico daquele assunto.

O PORTO pelo telefone

Exercício final e juramento de bandeira

PORTO, 25. — Na quinta de Fijó, em Mafamude, Gaia, realiza-se amanhã o exercício final e juramento de bandeira dos recrutas deste ano das formações sanitárias da Cruz Vermelha (Ambulancia n.º 2). No exercício toma parte todo o efectivo da ambulancia com a respectiva oficialidade dos quadros que a constituem, sob o comando dos tenentes Guedes Vaz e dr. Jacinto de Andrade, este do quadro técnico. A márcha para o local da concentração principia ás 7 horas, e o regresso ao quartel far-se-á ás 20 horas.

Desfecho do assalto rocambolesco

Na noite de 31 de Março ultimo, dois indivíduos mascarados, assaltaram a residência da sr.ª D. Maria Lima, na Rua Comandante Rodolfo Araujo, 157, senhora de 86 anos que vive só. Uma vez dentro da casa, como a locatária os pressentisse, os assaltantes agrediram-na, com uma chave de fendas, deitando-lhe as mãos ao pescoço, após o que lhe roubaram 290 escudos, unica importancia, que encontraram Os mascarados foram identificados, presos e agora julgados. Trata-se do electricista Alcino da Silva Pacheco, solteiro, de 21 anos, morador na Travessa da Banheira, 39, 4.º, e do sapateiro José Marques Coelho, solteiro, de 23 anos, morador no Alto do Moinho, S. Martinho do Campo, em Valongo. Foram condenados, o primeiro em 3 anos de prisão maior e mil escudos de imposto de justiça, e o segundo em 2 anos e 6 meses, também de prisão maior, e mil escudos de imposto de justiça. Foram ainda condenados a pagar solidáriamente dois mil escudos de indemnização á ofendida.

A morte dum ciclista

O condutor de camioneta Manuel Rodrigues Leandro, casado, de 27 aos, morador no lugar do Fundo da Vila, Albergaria-a-Velha, no passado dia 4 de Abril, para descansar, por ser de noite, estacionou a camioneta que conduzia no fundo da Serra de Valongo, numa curva da estrada. Daí, resultou que fosse embater contra o veículo o guarda-fios António Ramos, de 32 anos, que descia com velocidade e sem luz, numa bicicleta motorizada. Do embate resultou a morte do ciclista. O Manuel Leandro foi agora julgado no 1.º Juizo Correccional, e condenado em 3 meses e 15 dias de prisão, remíveis a 10 escudos por dia, 400 escudos de multa por transgressão, 500 escudos de imposto de justiça, 800 escudos de despesas para a família da vítima, e ainda a indemnização que o Tribunal Cível fixar.

CARTAZ DO PORTO

SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Querido assassino»
RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Indiscreto».
COLISEU — A's 21 e 30 — «Sete homens para matar».
[illegible] — [illegible] 30 e 21 e 30 — «Os Irmãos Karamazov».
TRINDADE — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Escandalo na Riviera».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Totó, policia e ladrão».
S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O vale das mil montanhas»
A [illegible] — As 21 e 30 — «Quero-te mas beija-me».
JULIO DINIS — A's 21 e 30 — «O Regresso de Robin dos Bosques».
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30— «Viram a minha noiva?».

O 132.º aniversário do Asilo de Militares de Runa

No Asilo de Militares de Runa, que alberga 130 antigos combatentes de Africa e da primeira Grande Guerra comemorou-se hoje o 132.º aniversário desta instituição. De manhã, ás 11 horas, foi celebrada uma missa por intenção dos asilados falecidos.

De tarde, no asilo, os Serviços Cartográficos do Exército realizam uma sessão cinematográfica. Por fim, o Rancho Folclórico de Ermijeira exibe-se em cantares e danças tradicionais.

Preside ás cerimónias o capitão Ferreira Viana, director substituto deste organismo.

As normas a que obedece a movimentação das contas «Escudos» em nome de pessoas singulares ou colectivas

Consideremos, as condições em que poderão efectuar-se os movimentos das contas «Escudos», em nome de pessoas singulares ou colectivas, residentes ou domiciliadas nas zonas monetárias, alemã (Republica Federal), belga, dinamarquesa, do esterlino, francesa, holandesa, norueguesa, sueca e suíça. Estas contas só poderão ser movimentadas a crédito ou a débito *sem autorização especial e prévia do Banco de Portugal*, quando os respectivos lançamentos respeitem a: pagamentos de mercadorias, mediante apresentação do exemplar «E» do boletim de registo prévio com o valor das mercadorias expresso em Escudos (é, porém, dispensada a apresentação do boletim quando se trate de mercadorias cuja importação ou exportação esteja legalmente isenta de registo prévio); pagamentos relativos ás transacções de «invisíveis correntes» especificadas nas «instruções regulamentares»; e transferência entre contas de residentes na mesma zona monetária. São sujeitas a prévio acordo do Banco de Portugal todas as operações não compreendidas nos casos anteriores.

As contas «Escudos», em nome de pessoas singulares ou colectivas, residentes ou domiciliadas nas «zonas monetárias» da Austria, Grécia, Itália e Turquia, só poderão ser movimentadas a crédito ou a débito, *sem autorização especial e prévia do Banco de Portugal*, quando os respectivos lançamentos respeitem a transferências entre contas de residentes na mesma zona monetária; *mediante prévio acordo do Banco de Portugal*, em todos os outros casos.

Por virtude do regime de transferibilidade estabelecido para o «Escudo» desde a entrada em execução do Acordo Monetário Europeu, os estabelecimentos bancários. que têm contas em Escudos em nome de residentes ou domiciliados nas zonas monetárias dos países participantes naquele Acordo, recebem frequentemente instruções dos titulares das contas para, por débito destas efectuar em transferências para crédito de contas em Escudos de residentes ou domiciliados nas zonas monetárias de outros países membros do A. M. E. Ora estas transferências estão, como já vimos, sujeitas ao prévio acordo do Banco de Portugal. No entanto, até ao presente, o Banco de Portugal, não pôs dificuldades de maior a estas transferências, as quais, logo que submetidas pelos estabelecimentos bancários, têm sido prontamente consideradas e autorizadas.

A nossa regulamentação cambial, vasta e complicada, não permite que os estabelecimentos bancários efectuem entre si, operações de compra e venda de moeda estrangeira; em praças estrangeiras, operações de venda e compra de moedas estrangeiras contra outras moedas estrangeiras e operações de venda ou compra de escudos, contra moedas estrangeiras, neste ultimo caso para nivelarem as suas posições cambiais. Desta forma, terão os estabelecimentos bancários de adquirir ao Banco de Portugal as coberturas em moedas estrangeiras de que careçam e de venda áquele instituto bancário as importancias em moeda estrangeira de que não necessitem para as suas operações.

O Banco de Portugal proporciona aos estabelecimentos bancários, com sede na área monetária portuguesa a possibilidade de nivelarem as suas posições em moedas convertíveis, por via de «operações conjugadas» de venda de uma moeda e compra de outra, isto é, pela venda ao Banco de Portugal de qualquer importancia uma moeda e compra simultanea de um quantitativo equivalente, em escudos, de outra moeda. Estas operações conjugadas são efectuadas aplicando as taxas de cambio seguintes:

Para as compras — o cambio da moeda respectiva, a bancos e banqueiros; *para as vendas* — a média entre os cambios de compra e de venda também da moeda respectiva

Livros novos

«Bibliotheca Portucalensis», vol. 2.º

A Biblioteca Publica Municipal do Porto, sob a direcção do sr. dr. António Cruz, tem prosseguido uma acção cultural notável com a publicação de colectaneas de estudos em que reune valiosas colaborações. O 2.º volume da «Bibliotheca Portucalensis», há pouco editado, inclui uma série de trabalhos eruditos e literários com interesse para todo o publico culto: «Notas garrettianas», pelo dr. António Cruz; «Constituições sinodais do Bispado do Porto», pelo dr. F. Lopes da Silva; «Actos da Congregação de S. Bento», pela dr.ª Maria Fernanda Brito; «Algumas notas acerca de obras impressas em Portugal no século XVI», pelo dr. Narciso de Azevedo; e «Algumas cartas de Inocêncio Francisco da Silva», pelo dr. A. M. Magalhões. Notícias sobre a inauguração da Sala Menendez Pidal na Biblioteca Portuense e sobre a Biblioteca Itinerante criada no ano passado pelo Município daquela cidade completam este volume da excelente publicação cultural.

«Ervedal de outros tempos»

A Liga de Melhoramentos da Freguesia de Ervedal da Beira fez publicar em «plaquette» valorizada por apreciáveis reproduções fotográficas de motivos históricos e etnográficos a conferência proferida pelo sr. Sebastião F. de Melo Junior no Teatro-Clube daquela povoação. Ficou assim acessível aos interessados um trabalho monográfico valioso — modelo de tantos mais que se deveria promover em relação a muitos outros aglomerados populacionais.

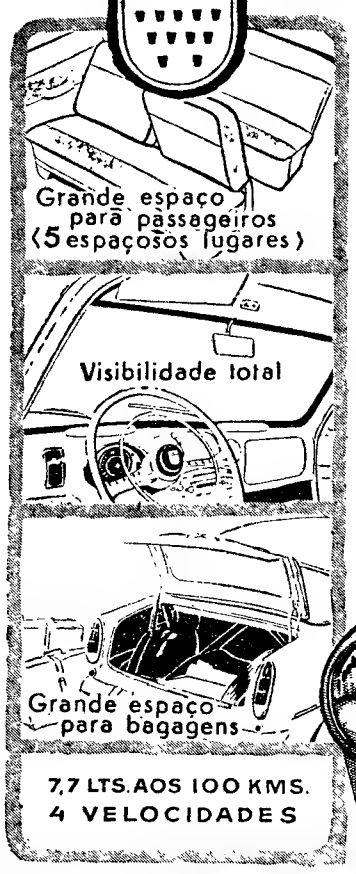
LUSÍADA
REVISTA ILUSTRADA DE CULTURA
ESTÁ EM DISTRIBUIÇÃO O N.º 11
PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
Dr. ARMINDO GUIMARÃES
Dr. JOÃO ALVES
Dr. XAVIER COUTINHO
Escolhida colaboração literária e artística — Magnífico aspecto gráfico — Cerca de 50 gravuras a preto e branco — 12 policromias com reproduções de pinturas modernas de alguns dos mais representativos Pintores Portugueses e Estrangeiros — 118 páginas de grande actualidade, impressas em várias cores sobre excelentes papeis couché e offset.
ACEITAM-SE ASSINATURAS SÓMENTE A PARTIR DO N.º 8
ASSINATURA E VENDA NOS PRINCIPAIS LIVREIROS DO PAÍS, ILHAS E ULTRAMAR OU NOS EDITORES
SIMÃO GUIMARÃES, FILHOS, L.DA
RUA DO POMBAL, 122 — TELEF. P. P. C. 25587 - 25616
PORTO

ESTA' COMPRADOR DUM CARRO ENTRE 50 E 60 CONTOS ?

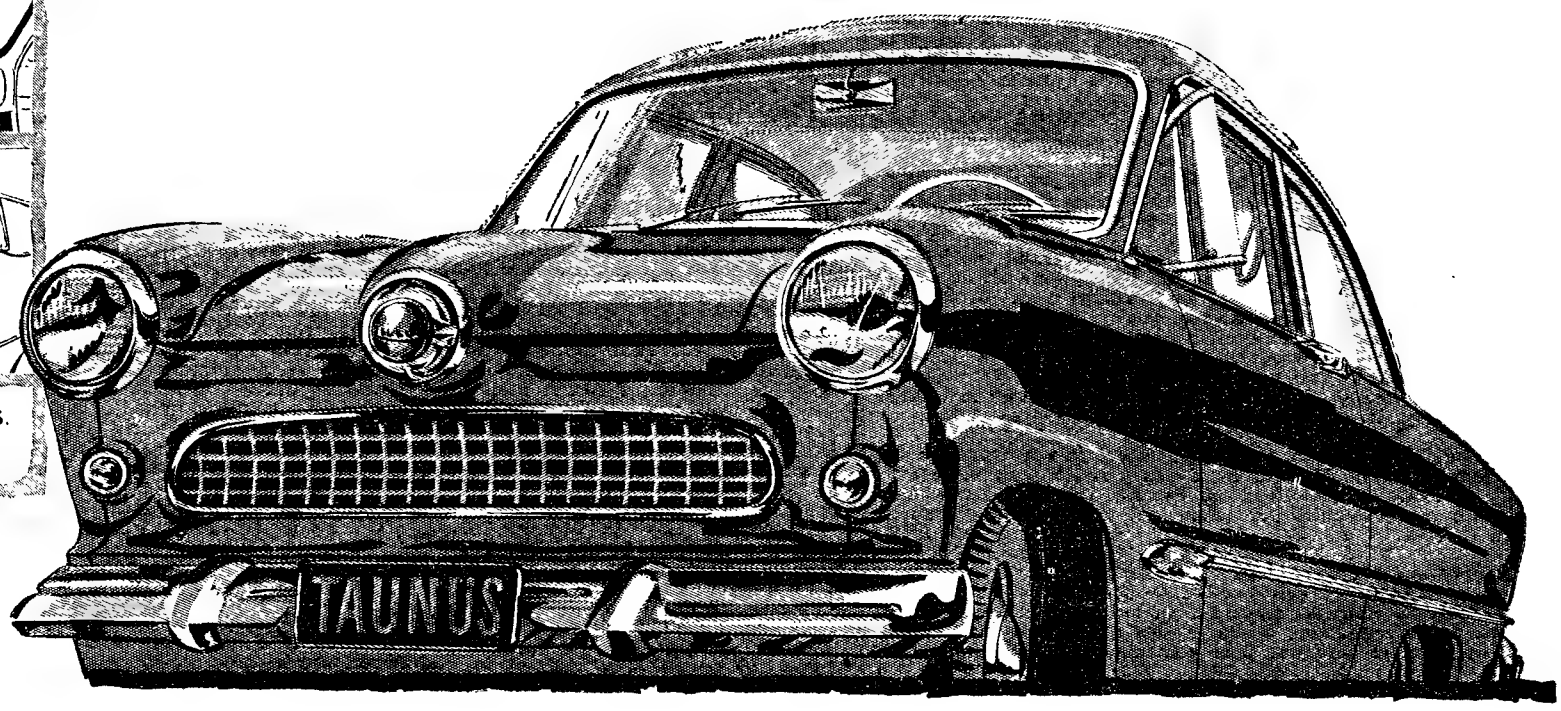
Consulte o concessionário Ford mais próximo sôbre o

FORD TAUNUS 12M

VALE *muito* MAIS DO QUE CUSTA!



7,7 LTS. AOS 100 KMS.
4 VELOCIDADES



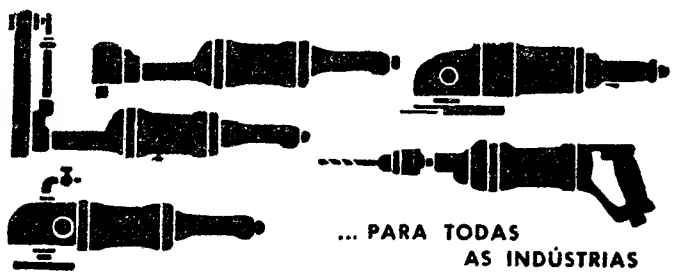
CONCESSIONÁRIOS FORD EM TODO O PAÍS

LINCURI, LIMITADA
AV. DA REPÚBLICA, 32-A
AV. MIGUEL BOMBARDA, 6 • TEL.: 777091/2/3

LISBOA

STAND MODERNO
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15-A • TEL. 49669
RUA JOÃO SARAIVA, 15 • TEL. 777566

FERRAMENTAS ELÉCTRICAS
BOSCH E LESTO



... PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Representante Exclusivo:
ENG.º GUSTAVO CUDELL
PORTO - Rua do Bolhão, 157 - Telef. 23484-20282
LISBOA - Filial: Av. do Aeroporto, 1 C - Telef. 710342

G.B.C.O.

Velas

AUTO-LITE

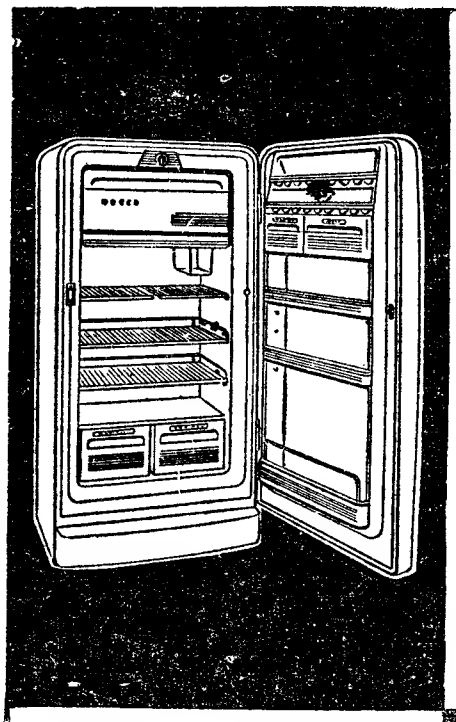
TIPOS ESPECIAIS PARA TODOS OS MOTORES DE VÁLVULAS À CABEÇA

★

A MÁXIMA ECONOMIA DE FUNCIONAMENTO

★

REPRESENTANTE EXCLUSIVO:
AUTO-LUSITANIA
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA



NA VANGUARDA DA TÉCNICA ALEMÃ

7 MODELOS DESDE 5.990$00

APROVEITAMENTO MÁXIMO

CONSUMO REDUZIDO

BOSCH

CAFÉ CORUJA
Restaurante típico
Coruche — Telefone 114
Pratos regionais
Caldeirada à Sorraia
Ensopado de Enguias
Filetes à Marisqueira
Lombo de Porco no Espeto
Frango de Caril à Coruja
Bifes de Vaca na Caçoila
Cabrito à Moda da Casa
Todos os domingos ranchos folclóricos e fandanguistas da região (6 anos)

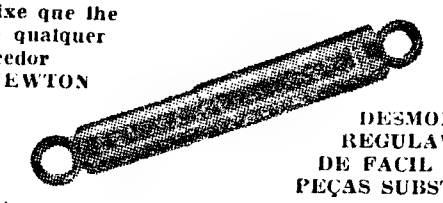
CAIAÇÕES:

Juntando-lhes um pouco de «DEKOROL» elas ficam resistentes ao atrito e às intempéries e com a aparência de pintura. BELEZA E ECONOMIA.
Informa o representante exclusivo: R. QUEIROZ, Rua Rodrigues Sampaio, 55-1.º — LISBOA — Telef. 5 00 36.

NEWTON PRODUCT

O MELHOR AMORTECEDOR

Não deixe que lhe vendam qualquer amortecedor Exija NEWTON



DESMONTAVEIS
REGULAVEIS
DE FACIL AFINAÇÃO
PEÇAS SUBSTITUÍVEIS

Representante:
AUTO-TRIUNFO — Rua de Santa Marta, 56

Casa no Estoril

Aluga-se ao ano ou pela época, com ou sem mobília. Tratar na Recepção do Palácio Hotel — Estoril — Tel. 060400 ou pelo Tel. 060715.

NOVOS SISTEMAS DE AQUECIMENTO
(CLIMATIZAÇÃO DOMÉSTICA E INDUSTRIAL)

A MELHOR E A MAIS BARATA INSTALAÇÃO POSSÍVEL E A MAIS ECONÓMICA MANUTENÇÃO

Airtemp DIVISION CHRYSLER CORP.

★ Ventilação todo o ano
★ Não rouba espaço nem tem radiadores
★ Acaba com o pó nas casas

CONVIDAM-SE OS SENHORES ENGENHEIROS, ARQUITECTOS E CONSTRUTORES A CONSULTAREM OU A FEDIREM ORÇAMENTOS GRATIS, SEM COMPROMISSO ALGUM A

SOCIEDADE FRAMAR LIMITADA
LISBOA - RUA DE S. PAULO, 32 - T. 24034
PORTO - RUA DO BREYNER, 72 - T. 30812

Diz o medico...

(Continuação da 1.ª página)

mais bizarros. / Incrível! Já fumei três maços de cigarros / Consecutivamente». Cesário, minado pela tuberculose, recusava ser «o sr. Verde, empregado do comércio»; sofria e libertava se para a dor.

Confirma-se, no deslindar acrobático de Bergler, de voracidade oral pura e simples.

Qual a etiologia? Conduzidos pela experiência e saber de Freud (Sandor Ferenczi, «Sexo y psicoanalisis», Buenos Aires, 1959), trata-se do desejo subconsciente de martírio (masoquismo), desejo que escurece e ensombra as inteligências mais claras e produtivas, nascidas com sentido criador, fontes de beleza que se realizam ou persistem, vida fora, em potência enigmática.

Considera-se normal, dentro do estabelecido, fumar quinze ou vinte cigarros por dia, e até fumar com maior intensidade e desejo depois de um longo dia de trabalho, após o jantar, quando os problemas do quotidiano se encontram arrumados, quando estes constituem história, saudade, ou tombaram sonolentamente no arquivo das coisas inúteis.

Milhões e milhões de indivíduos, nos países que usa dizer-se pertencerem à chamada zona de cultura ocidental, assim procedem e vivem, obedecendo, empírica e automàticamente, a regras sociais, transmitidas de pais para filhos. Será, na realidade, cultura proceder assim? A resposta não tem propósito neste momento. Ficará para mais tarde, no intervalo tranquilo entre dois cigarros. O problema «compreensivo» ou psicossomático, relativo a estes seres humanos, é outro — diferente e outro.

Se a quantidade de cigarros é grande; se o acto de fumar significa ou representa uma «compulsão»; se constitui transgressão médica, transforma-se num problema agudo e clínico, que tem de preocupar o analista e exige uma solução.

Pouco se conhece, apesar da multidão de estudos publicados — vasta, vastíssima bibliografia—, da acção neutra ou nociva da nicotina sobre o organismo. Há quem afirme que o tabaco representa um perigo, que está na génese do cancro do pulmão e há também quem responsabilize a proteína do tabaco de todos os males, alcunhando-a de grande inimiga do homem.

Para os obstinados fumadores existem, entre outros, dois problemas: o farmacodinâmico e o psicológico.

O primeiro pertence aos farmacologistas e investigadores, ansiosos, a bem de todos, de esclarecer e resolver o conflito tabaco-homem; o segundo, mais complicado, cheio de escaninhos e de becos, de surpresas e enigmas, pertence ao psicólogo e ao psiquiatra, os que colocam em paralelo o ser normal e o doente, vítima do subconsciente, de traumatismos anteriores, de vivências calmas ou agitadas, desesperadas, de perturbada ancestralidade genética, heranças maquiavélicas que talham o destino do indivíduo e da humanidade e imprimem caracteres às gerações que se apresentam para o fatal render da guarda.

Na maioria dos casos, excluindo o vicioso — o homem que se entrega sem nada exigir em troca — o fumador desmesurado sofre de uma compulsão. Outros, mercê de precário estado de saúde, por livre vontade ou conduzidos e aconselhados por quem de direito, deixam de fumar durante meses e anos, não suportando permanecer junto de fumadores até o momento em que o conflito psíquico latente, mercê de choques variáveis em intensidade, se desdobra e acorda, estimulando pavimentos ignorados, e despertando a vontade absurda de queimar cigarros.

Acontece em indivíduos batidos, assolados pelo vendaval interior da nevrose, colarem-se a uma imagem real ou ilusória, ficando nela temporàriamente ou para sempre. Que imagem? Que enredo? Que ilusão? Mulher, homem ou acidente inesperado?

Pois é à volta de tal imagem que se desencadeia o desejo irracional e reprimido.

Casos desses são fáceis de explicar pela tríade do mecanismo oral. Em que consiste, a traços largos, essa tríade?

Repetição do conflito infantil, repulsa e decepção, depressão, névoa espessa que, como cortina corrida, oculta o masoquismo psíquico.

O ataque explosivo representa a defesa contra uma pseudo-agressão, em última análise falência de ser no panorama sexual.

O «inferno interior» (a expressão é do grande Milton), camada interna da consciência, «opõe-se constantemente ao masoquismo psíquico».

Tudo se entrelaça: fumar, pois, auxilia e estimula a descarga do nervosismo, apesar da imagem presente do cancro do pulmão, das estatísticas que denunciam o perigo, dos avisos da «American Medical Association» e do «U. S. Public Health Service»...

Curioso apontar, paralelizando as duas estruturas, as superestruturas psíquica e farmacodinâmica, que não se contradizem, antes coexistem lado a lado.

Outros indivíduos sentem-se atraídos pelo cigarro quando têm a noção de perder terreno e esquecem o tabaco sempre que somam pequenas ou grandes vitórias.

Existe, e verifica-se em todos estes tipos de fumadores, a realidade de uma superestrutura nevrótica semelhante, assim como rasgadas explosões de masoquismo psíquico que os identificam, ânsia subconsciente de inferno e tortura.

Nos casos mais graves aliam-se o tabaco e o álcool, obrigando o nevrótico a descer os degraus que levam ao abandono total, à perda de iniciativa, da faculdade de sonhar e construir, do desejo positivo de ser, não vendo já que são perseguidos, sem bússola ou norte, ávidos de jardins estagnados...

Tudo são, então, lembranças fluidas e indecisas. Os ímpetos, quando se verificam, deixam de ser rubros!

Sempre que o médico ou o psicanalista proíbem estes indivíduos de fumar, regressam eles ao «tempo infantil», tal como se fossem acusados pela própria mãe e julgam-se alvo de injustiças, engendrando pseudo-agressões.

Terão cura possível estes doentes? Enquanto fico — à hora misteriosa do crespúsculo — a amadurecer a resposta, debruço-me e mergulho na leitura de um livro que, neste momento, me preocupa: o livro de Russell, «Brain-Memory Learning: A Neurologist's View», ainda fresco de tinta. E, distraídamente, acendo um cigarro...

A. d'E.

Visita de engenheiros

a diversas fábricas aveirenses

AVEIRO, 25 — (Pelo telefone) — Em visita oficial às diversas empresas de cerâmica e de madeira de construção, chegaram a Aveiro os engenheiros Rui Gomes, José Clemente e Tomás Martins, chefes das diversas secções do Laboratório de Engenharia Civil, tendo-se-lhes aqui juntado os engenheiros Canto e Castro e Henrique Peyssoneau, da Comissão de Poluição da Direcção-Geral dos Serviços Industriais do Ministério da Economia.

Recebidos pelos industriais João Nunes da Rocha, António da Costa Ferreira, engenheiro João Carlos Aleluia, Jorge Corte Real, João Evangelista Campos e Joaquim Campos Amorim, os visitantes percorreram a Exposição Industrial do Distrito de Aveiro que apreciaram com muito interesse e, mais tarde as sedes das fábricas a quem a visita foi dedicada.

Num restaurante da Exposição foi-lhes oferecido um almoço que reuniu também outros convidados.

Os ilustres visitantes retiraram para a capital, levando as melhores impressões do que lhes foi dado visitar.

ÁFRICA PORTUGUESA NO SÉCULO XVII

O DESCOBRIMENTO DO LAGO NIASSA

Vê do Lago donde se derrama
O Nilo, também está Cuama (Zambeze)
.....
.....
Olha lá as alagoas donde o Nilo
Nace, que não souberam os antigos

Lusíadas. Canto X. 1572.

No «Diário de Lisboa» de 29 de Abril findo, o ilustre historiador dos Descobrimentos Portugueses dr. Jaime Cortesão, ocupou-se do lago Niassa e seu pseudo descobrimento pelo célebre explorador africano Livingstone e demonstrou que o lago já era conhecido dos Portugueses nos princípios do século XVII.

Tendo vivido durante mais de vinte anos em terras do antigo império do Monomotapa e tendo visto o grande lago e percorrido a maior parte da região que o cerca, apaixonei-me pela história dos primeiros europeus que por ali penaram, muitos em busca do ouro de Ofir, outros para espalharem pelo sertão a fé de Cristo e alguns unicamente por puro patriotismo, para levarem o nome de Portugal a todos os recantos da África ignota.

Permita-me, pois, senhor director, que contribua, embora modestamente, para restabelecer a verdade histórica, que tão mal tratada tem sido no que se refere aos descobrimentos portugueses do sertão africano.

Ainda ultimamente, num artigo sobre «Os rios de África», R. A. Skelton, referindo-se ás viagens de Livingstone, escreveu no «Geographical Magazine», de Julho de 1956, a seguinte frase:

«Em 1859, subindo o rio Chire, ele descobriu o lago Niassa, que explorou dois anos mais tarde».

Descobriu o lago Niassa?!

O grande explorador não deve necessitar de se apropriar das glórias de outrem para continuar sendo célebre.

É certo que ele próprio não foi muito justo, digamos mesmo muito correcto, quando se arrogou ter descoberto o carvão no distrito de Tete e ter sido o primeiro europeu que percorreu certos pontos de África, esquecendo-se de outros que por lá andaram e morreram, como Lacerda e Almeida.

Mas deixemos esses deslizes e tratemos unicamente agora da afirmação «discovered Lake Nyassa».

É de facto estranho que o trabalho de Skelton tenha sido publicado em Julho de 1956, quando no I Congresso de História da Expansão Portuguesa no Mundo, F. Alves de Azevedo apresentou, em 1958, uma comunicação sobre «Livingstone e as Descobertas Portuguesas», onde se lê:

«Num livro português do século XVIII, precisamente editado em 1710 pelos padres da Companhia de Jesus e intitulado «O Oriente conquistado para Jesus Cristo», existente na Biblioteca da Sociedade de Geografia, afirma-se que a descoberta do lago Niassa foi efectuada no século XVI, em 1556, e, portanto, 60 anos depois de havermos chegado a Moçamique».

A pág. 839 do referido livro pode ler-se:

«O reino de Maravi encontra-se entre este lago e o Zambeze; a 15 dias de marcha é o reino de Maffi e continuando a viagem chegamos ao reino de Ruengues, nas proximidades de Mombaça. A cidade de Maravi que tomou o nome do principal reino deste império é a pouco mais de 60 léguas de Tete; há uma região inabitada a Nordeste, a 12°, pouco mais ou menos. A meia légua desta cidade existe um lago — hoje lago Niassa — que se estende para Norte e Nordeste, mas ainda não conhecemos exactamente a sua largura».

Mas há mais e melhor!

O desmentido categórico de a descoberta do lago ter sido feita por Livingstone, deve-se a um inglês, T. E. Bowdish, que esclarece o assunto num livro editado em 1824, isto é, muito antes de Livingstone ter pensado em explorar a África.

Nesse livro, «An account of Discoveries of the Portuguese in the Interior of Angola and Mozambique», Bowdish escreveu a páginas 130:

«O império dos Bororos parece que é composto de diversos pequenos Estados e afirma-se que o principal destes toma o seu nome da cidade chamada Maravi que fica a pouco mais de 60 léguas ao Norte de Tete. A pequena distancia desta cidade está um lago que segue numa direcção nor-nordeste, tendo quatro ou cinco léguas de largura e, em alguns pontos mais, mas o seu comprimento excede muito a largura e diz-se que chega até Mombaça e há razões para supor que ainda vai mais além. Observa-se que os negros ou mouros na costa de Melinde mencionam um grande lago, a posição do qual, segundo os seus relatos, corresponde muito aproximadamente á situação que este lago ocupa em diversos mapas; há probabilidades, portanto, de que seja o mesmo. Embora isto possa ser, tem-se alguma ideia da extensão do presente lago, das conjecturas dos missionários Jesuítas de que ele comunica com a Abissínia. O padre Luís Mariana, desta Ordem, que residiu em Tete, recomenda uma expedição de descoberta neste lago, numa carta dirigida ao Governo de Goa e que ainda existe nos arquivos publicos desta cidade.

Neste documento ele diz que o caminho é praticável, porque as margens do lago abundam em mapira e provisões, bem como em marfim e que se podem encontrar fácilmente almadias ou canoas, que o peixe é abundante e que a profundidade geral da água é de oito a dez braças. É só necessário para a expedição, diz ele, dispor de cinco a seis fardos de fazenda, uma certa quantidade de contas de vidro e cerca de quarenta pessoas em igual proporção de pretos e brancos. Por fim recomenda que a navegação se comece em Março, Abril ou Maio, porque nesta estação os ventos do Oeste prevalecem no lago, assim como na costa de Moçambique. A juntar ás razões para uma tal empresa afirma-se que estão espalhadas ao longo do lago numerosas ilhas habitadas, que oferecem abrigo áqueles empenhados em tentar explorá-lo».

É assim um inglês quem muitos anos antes de Livingstone nos vem dizer que os Portugueses conheciam o lago Niassa e o conheciam tão bem que sabiam qual a sua largura, profundidade, ventos dominantes, cultura das suas margens e povos que as habitavam.

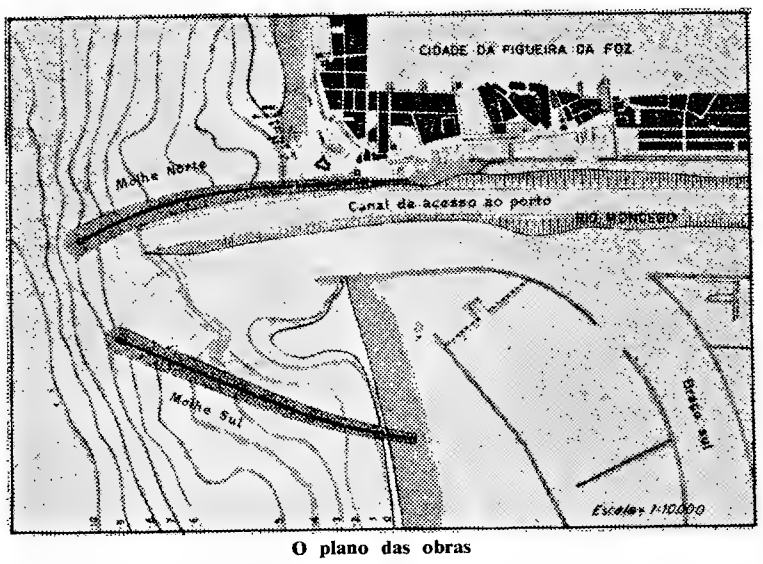
E depois disto aparece Livingstone a descobrir o lago!

Sim, descobriu o lago Niassa, como um jornalista europeu que fosse ao Japão e nos falasse das suas ilhas, dos seus vulcões, do seu povo e seu imperador! Para quem nada soubesse de Chipango, o jornalista teria descoberta o Japão.

A. PIRES DE CARVALHO

Instituto Britânico

Por motivo de obras, a biblioteca do Instituto Britanico em Portugal, sita na sua sede, na Rua de Luís Fernandes, 3, em Lisboa, encerra as suas portas ás 19 horas da próxima quarta-feira.



O plano das obras

A construção dos molhes

do porto da Figueira da Foz

ali anunciada pelo ministro das Obras Públicas representa um grande melhoramento

(Continuação da 1.ª página)

sias de Paião e Alqueidão, onde foi festivamente recebido e inaugurou três edifícios escolares de tipo rural.

Terminados os breves actos inaugurais, o ministro das Obras Publicas dirigiu-se para a cidade, com destino aos Paços do Concelho.

Antes de chegar ao edifício da Camara Municipal, foi recebido entusiásticamente pela multidão que se aglomerava na ampla Avenida Saraiva de Carvalho. Viam-se ali as Filarmónicas Figueirense, 10 de Agosto e Bombeiros Voluntários.

A guarda de honra, junto aos Paços do Concelho foi prestada pelos Bombeiros Municipais, associações de classe e desportivas, com os seus estandartes, alunos das escolas industrial e comercial, liceu, colégios, Academia Figueirense e Santa Catarina e escolas primárias.

No momento em que o sr. eng. Arantes e Oliveira entrou nos Paços do Concelho, sob uma chuva de flores lançadas por alunos daqueles estabelecimentos de ensino, foi queimado muito fogo de artifício.

A sessão solene nos Paços do Conselho

Ao entrar na salão nobre da Camara Municipal, onde se efectuou uma sessão de boas-vindas, aquele membro do Governo foi calorosamente aplaudido. O salão encontrava-se repleto, vendo-se, na teia muitas senhoras, oficiais superiores do Exército e da Armada, capitão do porto, professores e outras autoridades representativas da vida social, económica e cultural da Figueira da Foz.

A sessão foi presidida pelo ministro das Obras Publicas, ladeado pelos srs. governador civil, presidente da Camara Municipal, representante do bispo da diocese, rev. cónego Tomás Francisco Póvoa, reitor do Seminário da Figueira, dr. José Beça, presidente da União Nacional distrital, deputados pelo distrito, Mário Barraca, presidente da comissão concelhia da U. N., e prof. Bissaia Barreto.

Usou da palavra, em primeiro lugar, em termos muito calorosos, o presidente do Municipio, que salientou a confiança que a Figueira da Foz sempre manteve na futura construção do seu porto.

O sr. eng. Arantes e Oliveira proferiu, depois um discurso em que anunciou a edjudicação das obras da construção do porto da Figueira da Foz á Companhia Portuguesa de Trabalhos Portuários, Ld.ª, pela importancia de 61.999.080$30.

Cinco anos de estudos dos movimentos aluvionares na foz do Mondego

As favoráveis condições da Figueira da Foz como porto de pesca e a sua localização como porto de saída de um vasto «hinterland», susceptível de uma grande valorização económica, impunham desde há muito a construção do porto e o seu conveniente apetrechamento. No entanto, razões de ordem técnica forçaram o adiamento das obras por muitas dezenas de anos. O desenvolvimento recente das técnicas de estudo do traçado de obras de portos, sobretudo nos casos, como o da Figueira da Foz, em que há fortes movimentos aluvionares na costa onde a entrada do porto se tem de situar, permitindo o controle dos condicionamentos naturais e das suas reacções ás obras avançadas para o mar, levaram o Governo a determinar o estudo do esquema mais adequado ao melhoramento do porto da Figueira da Foz.

Estes estudos, observações de campo e ensaios laboratoriais em modelo reduzido, foram realizados no Laboratório Nacional de Engenharia Civil e ocuparam os técnicos durante cerca de cinco anos.

O estado actual do porto, com o passe da barra muito assoreado e os canais interiores de acesso ás instalações comerciais sinuosos e divagantes, fez desaparecer da Figueira da Foz o movimento marítimo que antes teve, o que causou dificuldades graves para certos sectores das actividades industriais e comerciais da região.

As obras agora adjudicadas visam ao melhoramento do acesso ao porto e a assegurar a realização do conjunto de facilidades portuárias que lhe permitam servir com comodidade e segurança a navegação de pesca e de comércio que o demanda ou virá a procurá-lo. Em segunda fase, prevê-se a realização dos orgãos interiores de acostagem, o arranjo e apetrechamento dos cais e respectivos terraplenos, a execução das novas vias de acesso ao recinto do porto, a criação de novas docas ou ampliação e melhoramento das existentes. Finalmente, em ultima fase, prevê-se a regularização e calibração do estuário, adentro de um plano geral do aproveitamento do rio Mondego.

Neste esquema de realizações, vai estudar-se uma nova localização da ponte sobre o Braço Norte do Mondego.

Os dois molhes que vão ser executados terão 1.846 metros

As obras que vão realizar-se — dois molhes convergentes construídos com enrocamentos de grandes blocos de pedra encimados por maciços de betão formando monolitos de 600 a 800 toneladas — levam a futura embocadura do rio uns 700 metros para o Oeste da sua actual posição, onde hoje se têm cerca de oito metros de água nas maiores baixas-mares.

Os comprimentos dos molhes a executar são, respectivamente, 896, o de Norte, e 950 metros o do Sul, num total de 1846 metros de obra, ficando a secção da futura embocadura do rio com 325 metros entre centros das reforçadas cabeças dos molhes.

Como ordem de grandeza das obras a realizar, pode citar-se que na sua execução se empregarão cerca de um milhão de toneladas de pedra e uns oitenta mil metros cubicos de betão.

Encerrada a sessão solene, as entidades oficiais seguiram para a freguesia de Santana, onde o sr. eng. Arantes e Oliveira inaugurou um edifício escolar, com quatro salas para ambos os sexos, e uma cantina escolar. Após o acto inaugural, em que usaram da palavra diversos oradores, foi servido um copo-d'água.

Atenção banhistas:

— Não joguem a bola nas praias

A Polícia Marítima e a Polícia do Porto de Lisboa vão proceder, amanhã, nas praias da sua respectiva jurisdição, a rigorosa fiscalização, no sentido de punir, pela forma que a lei determina, os indivíduos que forem encontrados a jogar com bolas, quer seja com os pés ou com as mãos.

A Feira de Santiago

é hoje inaugurada em Setúbal

SETUBAL, 25 — (Pelo telefone) — A cidade vive, desde manhã cedo, o ambiente dos grandes dias de festa. Uma alvorada de foguetes e morteiros anunciou á população o início das comemorações do dia de Santiago.

Cabeçudos e gigantones, acompanhados das suas sanfonas, percorreram toda a cidade.

Pelas 19 horas, será inaugurado, oficialmente, pelo governador civil, dr. Miguel Bastos, a tradicional Feira de Santiago. Mantendo embora as suas características habituais, a Feira apresenta este ano uma muito valiosa inovação — um auditorium, um local retirado, onde se realizarão espectáculos.

Vida social

Major António Areias Peixoto

De avião seguiu para Goa o sr. major António Areias Peixoto, presidente da Junta do Comércio Externo de Goa.

Dr. Mário Guimarães

No avião dos T. A. P., chegou a Lisboa o sr. dr. Mário Guimarães, deputado e secretário do Interior e da Justiça do Estado do Rio de Janeiro, que permanecerá alguns dias no nosso País, sendo hóspede do sr. dr. Cardoso de Miranda, ministro dos Assuntos Económicos junto da Embaixada do Brasil em Portugal.

Dr. João Carlos da Costa de Sousa Macedo

No avião da TWA, partiu para Goa o sr. dr. João Carlos da Costa de Sousa Macedo (Mesquitela), secretário do governador-geral da India Portuguesa, que vai reocupar as suas funções.

O VIII ENCONTRO

de formação dos serviços de Intendência e Contabilidade da Força Aérea

Na direcção do Serviço de Intendência e Contabilidade da Força Aérea, efectuou-se hoje o VIII Encontro de Formação Profissional a que assistiram todos os chefes de contabilidade dos conselhos administrativos das unidades da Força Aérea, e oficiais superiores daqueles serviços, sob a presidência do sr. coronel Alvaro de Oliveira, director da Intendência e Contabilidade.

Durante a sessão, iniciada ás 10 horas, debateram-se várias questões técnicas que versaram sobre contabilidade publica, militar, e regulamentos, dentro do plano de preparação do pessoal da Intendência que informa estes encontros. O próximo realiza-se no mês de Agosto.

Jantar de homenagem

ao eng. Amaro da Costa

E' na próxima terça-feira ás 20 e 30, que se realiza, no restaurante Montes Claros, o jantar de homenagem ao eng.º Manuel Rafael Amaro da Costa, director-geral dos Serviços Hidráulicos, para o qual há já numerosas inscrições, incluindo as de diversas senhoras.

Novas inscrições poderão ser comunicadas para qualquer dos eng.os António Carvalho Xerez, Armando da Palma Carlos, Artur Boneville Franco, Joaquim António Rosado Gusmão, José Saraiva Vieira de Campos, Manuel Coelho Mendes da Rocha e Raul Guimarães Vieira de Campos de Carvalho.

Aeroporto de Lisboa

No dia 31, há um concurso para a empreitada de abertura de valas e execução de travessias, caixas de visita e colocação de cabos no Aeroporto de Lisboa.

Os preparativos para a recepção ao imperador da Etiópia

(Continuação da página central)

D. Pedro IV, no Cais do Sodre e no Campo das Cebolas, nas Ruas D. Luís I, da Ribeira Nova, dos Remolares, do Arsenal, da Alfandega; e nas Avenidas da Ribeira das Naus, do Infante D. Henrique e de Duarte Pacheco.

A partir das 9 horas, é proibida a circulação em todos os locais acima referidos e, ainda, na Praça do Município, na Rua Bernardino Costa, e Avenida 24 de Julho, desde a Avenida D. Carlos I até ao Cais do Sodré.

Estão ainda condicionadas a estas medidas de proibição de circulação, outras artérias vizinhas, em especial as Ruas do Ouro, Fanqueiros e Alecrim, em que serão fechados os seus ultimos quarteirões.

A partir das 11 horas, são vedadas ao transito, a Rua Augusta, Praça D. Pedro IV, Restauradores Avenida da Liberdade e a Rua Joaquim António Aguiar.

Todas as viaturas que da parte ocidental da cidade, pretendam atingir a parte oriental ou a Baixa terão de utilizar a ligação pela Av. Infante Santo, e as que, da parte oriental da cidade, pretendam atingir a parte ocidental ou a Baixa terão de utilizar a ligação pela Av. Afonso III e Rua Morais Soares.

O caminho para as praias

Chama-se em especial a atenção dos automobilistas que se queiram dirigir, de manhã, para a Costa do Sol, pois deverão utilizar a auto-estrada, á qual se devem dirigir através das Avenidas Marquês de Fronteira ou D. Nuno Alves Pereira (Norte do Parque Eduardo VII).

Por seu turno, a Polícia Marítima informa que entre as 9 e 45 e as 10 e 45 estarão interormpidas as carreiras do Terreiro do Paço para o Barreiro, Cacilhas e Alcochete. As carreiras entre Cais do Sodré-Trafaria e Belem-Trafaria não serão suspensas mas foram tomadas as devidas precauções de forma que as embarcações não prejudiquem o movimento do escoltador oceanico «Nuno Tristão» e dos navios que o acompanham.

As pessoas que desejarem tomar os primeiros barcos, após as 10 e 45, devem deslocar-se para o Terreiro do Paço, bastante cedo, a contar com a interrupção do transito na zona da Baixa. O serviço de transporte de passageiros entre Belém e Trafaria, está, é certo, assegurado por vários barcos, mas não é fácil que essas embarcações, embora sejam seis no total, além do «ferry-boat» para o Porto Brandão, destinado á condução de veículos, permitam perfeita regularidade, a menos que as pessoas interessadas colaborem com as autoridades, no sentido de se evitar congestionamentos. Para isso torna-se necessário que se dirijam cedo para o Cais do Sodré e Belém, unicos embarcadouros onde não haverá alteração alguma.

39 aviões a jacto sobre o Terreiro do Paço

OTA, 25 — (Pelo telefone) — Amanhã, ás 10 e 20, por ocasião da chegada do imperador da Etiópia, o Grupo Operacional 201 da Base Aérea da Ota, do comando do major Diogo Neto, desfila a três esquadras, num total de trinta e nove aviões a jacto F-84G, sobre o Terreiro do Paço, em coluna de esquadras e em cunha de esquadrilhas, efectuando várias passagens a cerca de 500 metros de altitude.

Um convite ao comércio

A direcção da União de Gremios de Lojistas de Lisboa chamou a atenção dos seus colegas comerciantes para o significado da visita do imperador da Etiópia, dizendo:

«A este acontecimento não devem ficar indiferentes os comerciantes da capital, como representantes dos antigos mercadores que, aventurando-se por esses mares, na esteira dos nossos navegadores, demandaram a Etiópia, onde foram estabelecendo contactos com o seu povo, com quem mercadejavam levando assim a cabo uma forma peculiar de expansão do nome de Portugal».

A União convidou o comércio da capital a comparecer ámanhã, de manhã, no Terreiro do Paço, «a fim de contribuir para a grandiosidade da cerimónia de boas-vindas ao insigne visitante».

NECROLOGIA

António Rodrigues dos Santos Vieira (Sanz Vieira)

A família do nosso falecido camarada de Imprensa António Rodrigues dos Santos Vieira (Sanz Vieira) pede-nos para exprimirmos o seu agradecimento a todas as pessoas que lhe enviaram as suas condolências, ou acompanharam o seu querido parente á sua ultima morada, com as suas desculpas por não o fazer pessoalmente, devido ao desconhecimento de muitas moradas.

D. Henriqueta Morais Guedes

VILA POUCA DE AGUIAR, 25 — (Pelo telefone) — Na residência de seu genro, faleceu, nesta vila, com 91 anos de idade, a sr.ª D. Henriqueta Morais Guedes, viuva do sr. Manuel José Guedes, também já falecido. A saudosa senhora era presentemente a mais idosa deste concelho. Mãe da sr.ª D. Maria Nazaré Guedes Barreira, e sogra do conceituado comerciante nesta vila, sr. Augusto José Barreira. O funeral efectuou-se para jazigo de família, com grande concorrência, deslocando-se a esta vila muitas pessoas das suas relações que residem em pontos distantes.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
TELEFONES 43189 — 43180—55301—66 27 72—08 00 22

APRESENTAÇÃO

de pneus «Goodyear»

Para a apresentação dos produtos Goodyear» fabricados em Portugal, realizou-se, ontem, no Pavilhão da Feira das Industrias, um grande jantar de confraternização que reuniu mais de 200 pessoas, representando os agentes da Goodyear Portuguesa espelhados pelo País. Os convidados foram recebidos pelos srs. C. J. Alameda, D. R. Bennet, G. M. Fiske e Cunha Mota, da administração da Goodyear Portuguesa, e os srs. coronel H. G. Morrisoon, Manuel Paião e Tulio Pires Coelho, pela agência de publicidade concessionária da propaganda da empresa. Presentes, ainda, os srs. dr. Joaquim Nunes Mexia e Armando Catela Ramos.

Durante a sessão usou da palavra o sr. C. J. Alameda que saudou todos os presentes e se referiu ao prestígio da Goodevear considerada hoje a maior fábrica de pneumáticos do mundo, com 56 centros fabris espalhados pelos Estados Unidos e em mais trinta países. Apontou também o facto de ter sido a Goodvear a fábrica que, em 1899, apresentou o primeiro pneumático. Depois, no palco do cinema da Feira das Industrias, foram apresentados os três modelos de pneus Goodyear fabricados em Portugal: O Super-Custom, que oferece elegancia, conforto e segurança: o Traction Hi-Miler, que representa economia nos serviços gerais; e o Hi-Miler Cross Rib, considerado como o melhor pneu na estrada, hoje concebido para veículos de carga.

JANTAR

de confraternização de antigos estudantes de Coimbra

No Hotel da Torre, em Belém, a sr.ª dr.ª Regina Quintanilha ofereceu um jantar de confraternização aos seus antigos condiscípulos na Universidade de Coimbra residentes em Lisboa. Estiveram presentes os srs. conselheiros Alvaro Oliveira Pires, presidente do Tribunal da Relação de Lisboa; Sousa Carvalho, Eduardo Coimbra e Agostinho Fontes Pereira de Mello, do Supremo Tribunal de Justiça; dr. Trigo de Negreiros, presidente do Supremo Tribunal Administrativo; dr Germano Fraga, conservador do Registo Civil de Oeiras; dr. João Mendonça, do Ministério dos Negócios Estrangeiros; dr. Eduardo Caetano, notário, e muitos advogados do foro lisboeta.

TERRENO
Em Benfica 4 pisos, 8 inquilinos, 750 contos. Telef. 47588.
Rua Castilho, 35 — LISBOA

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O novo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr Trindade Coelho, dava ao «Diário de Lisboa», no dia 25 de Julho de 1929, a sua primeira entrevista. Falando das relações com os antigos amigos citava a Espanha, a Itália, a Inglaterra, a França e a Bélgica, e do Brasil dizia: «O Brasil é o prolongamento do nosso coração. Vive lá essa infatigável colónia portuguesa, nosso orgulho e nosso estímulo. Daqui lhe prometo trabalhar pela reforma das Camaras de Comércio, pelo Conselho Consultivo da Colónia, pela convenção consular e pela protecção ao emigrante, problema este que nos arrebata pelo seu fundo lusíada e cristão».

EFEMÉRIDES

No dia 25 de Julho de 1953 foram estabelecidas tréguas na guerra da Coreia.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Ás 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Rádio rural; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, Boletim Meteorológico e fecho.

Programa «A» — Ás 19: Trechos em piano; 19 e 15: Emissão infantil; 19 e 45: A Orquestra de Cyril Stapleton; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica de «jazz»; 20 e 30: Album musical; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Canções de Itália; 21 e 30: Ritmos sul-americanos; 21 e 45: Serão para Trabalhadores, programa organizado pela E. N. e pela F. N. A. T. e transmitido do ginásio do Liceu Camões. No intervalo: «Terras de Angola»; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — Ás 19: Palestra, por Maria de Carvalho; 19 e 10: Continuação da série de transmissões dedicada á cantata: «Cantata n.º 54», de Bach, pelo tenor Deiler e o conjunto Barroso Leonhardt, sob a direcção de Gustav Leonhardt; 19 e 30: «Sonata n.º 2», para piano, de Prokofieff, por Robert Cornman; 19 e 50: Noticiário regional; 20: 2.º programa do Festival de Estocolmo de 1959, em gravações cedidas pela Radiodifusão Sueca; 20 e 40: «Sonata n.º 7», de Prokofieff; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Programa pelo Coro Aleluia; 21 e 45: Tempo de poesia; 22: «Sonata em fá maior», para violino e piano, de Mozart, por Johanna Martzy e Jean Antonicelli; 22 e 20: Cartas á um musico desconhecido; 22 e 45: Que quer ouvir?: «Concerto n.º 1», de Liszt, para piano e orquestra, por Claudio Arrau, e a Orquestra de Filadélfia, dirigida por Ormandy; «Saudação ao Sol», dueto da ópera «Siegfried», de Wagner, pelo soprano Warney, tenor Windgassen, e a Orquestra Sinfónica da Rádio da Baviera, sob a direcção de Weigert; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — Ás 18: Teatro de brincar; 18 e 15: Interludio feminino; 18 e 45: Cançonetas; 19: Variedades; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Motivos portugueses; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Orquestras e canções; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Conjuntos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Trechos recreativos; 23 e 1: Rua Larga; 23 e 31: Contos, humor e fantasia; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Solistas; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Sumário; 3: Fecho.

Estação de Miramar — Ás 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Cantos e recantos de Portugal; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Alberto Pizzigoni; 21 e 45: Brasil; 22 e 15: Intermédio musical; 21 e 30: Artistas portugueses; 23: Concerto; 23 e 30: Variedades; 0: Baile.

RÁDIO RENASCENÇA — Ás 18 e 30: Terço e benção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França Horizonte do Mundo; 19 e 45: Conjuntos vocais; 20: Musica para o Seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Musica portuguesa; 21 e 45: Vida rural; 22 e 20: Musica seleccionada; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Programa variado.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa, 22 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

A's 21, abertura; 21 e 2, «O que vai pelo mundo»; 21 e 10, «O pintainno»; 21 e 30, sexteto vocal masculino; 21 e 45, «Selecção de imagens»; 22, o episódio da comédia «A chave do mistério»; 22 e 30, «Teledesporto»»; 22 e 55, «Jornal R. T. P.»; e 23 e 30, encerramento da emissão.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

TURNO D — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, T. 780511; Santa Cruz—Rua n.º 15, á Av. Gomes Pereira, n.º 2-A, Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841, Prates & Mota—Rua da Beneficência (ao Rego) 91, Telefone 773728; Patuleia Herdeiros — Rua do Lumiar, 122-124, Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande 220-222, Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D, Tel. 778380; Lusitana — Avenida de Roma, 18-A, Tel. 725443; Chinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B, Tel. 710331; S. Miguel—Praça Francisco de Morais, 1, Tel. 771469; Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego, Tel. 770324; Sagres — Avenida Luís Bivar, 69-71, Tel. 47213; Correia de Almeida — Avenida Fontes Pereira de Melo, 21-B/C, Tel. 47385; Sá da Bandeira — Rua Marquês Sá da Bandeira, 36, Tel. 41961; Fonseca — Largo D. Estefania, 4-5, Tel. 54808; Ascensos, Lda. — Rua J, lote 48, Bairro da Encarnação, Tel. 388172; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381135; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C, Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36, Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça, 38/A-39, Tel. 862909; Dalton — Avenida Mousinho de Albuquerque RSV Tel 843571; Lusa — Avenida Almirante Reis, 199-A, Tel. 41269; Romano Baptista — Rua Passos Manuel, 6-10, Telef. 50593; Guerra — R. Andrade, 32-36, Tel. 845513; Higiénica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A, Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca, 153, T. 683438; Salutar — Rua B, 75-A/B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694; Amoreiras (Das)—Praça das Aguas Livres, 8-D, Tel. 681515; Maria Pia—Rua D. Maria Pia, 514, T. 687949; Linaida — Rua Ferreira Borges, 30, Tel. 660955; Confiança — Praça das Flores, 59, Telef. 27901; Alb — Rua Santana, á Lapa, 156, Tel. 663562, Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52, Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222, Telef. 638256; Botanico-Quimica, Lda.—R. da Junqueira 38-40, Tel. 638132. Ester Nogueira — Rua de Alcantara, 5-A, Tel 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24, Tel. 663117; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B, Telefone 46490; Ferrão — Rua da Mouraria, 12, Telefone 860464; Simões Pires — Rua da Prata, 115, Tel. 32350; Instituto Pasteur de Lisboa (Do) — Rua Nova de Almada, 71, Tel. 30521—A—; Celta — Rua Mourão Girão, 3-B, Tel. 710621.

MARES

PREIA-MAR: hoje, ás 19 e 5 (altura 3m,79); amanhã, ás 7 e 39 (altura, 3m,5); ás 19 e 56 (altura 3m55). BAIXA-MAR: hoje, ás 12 e 20 (altura 1m,22); amanhã, ás 0 e 50 (altura 1m,29), ás 13 e 8 (altura, 1m,43).

CARTAZ DO DIA

TEATROS

AVENIDA—Ás 21 e 30—«Abrakadabra».
ABC — Ás 20 e 30 e ás 22 e 45 — «Mulheres á vista!».

CINEMAS

TIVOLI — «Querida Stefanie».
S. LUÍS — «O ultimo hurrah».
S. JORGE — «Quero viver».
IMPERIO — «Os sinos de Santa Maria».
EDEN — «Pandora».
POLITEAMA—«Todas o querem»
ODEON — «Morena dos meus sonhos».
CONDES—«Lilli e os ladrões».
ALVALADE — «Há lodo no cais»
AVIS—«Quando o coração diz sim»
ROMA—«Tudo menos a verdade».
CAPITOLIO — (No terraço) — «A fortaleza de Jamaica».
RESTELO — «Marujos de água doce».
OLIMPIA — «Segredo dos Incas».
PAVILHÃO — «Mohawk».
PROMOTORA—«Anna de Broklyn».
JARDIM—«Demónios submarinos».
ESPLANADA PORTUGALIA — «A um passo da escravidão».
S. JOSÉ — «Máscaras de cera».

FESTAS ASSOCIATIVAS

Na sede do Lisboa Clube Rio de Janeiro, na Rua da Atalaia, 120, estreia-se hoje, ás 22 horas, o seu grupo de teatro, que representará a comédia, em 3 actos, de Molière, «As velhacarias de Scapin», seguindo-se a exibição de Bartolo Valerça, com o seu conjunto «Rapazes do Ritmo» e dos bailarinos João Macedo e Julia Maria, e baile até de madrugada. O espectáculo repete-se amanhã.

— Também esta noite, haverá ás 21 e 30, um baile, abrilhantado pelo conjunto musical «White-Star-Jazz», na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo, na Rua Silva Carvalho, 225.

CONFRATERNIZAÇÃO

Há um ano que foi criado o Instituto de Assistência Psiquiátrica. Por esse motivo, reune-se hoje todo o seu pessoal ás 21 horas, no Restaurante Castanheira de Moura, num jantar de confraternização e de homenagem ao respectivo director, dr. Fernando Ilharco.

«Diário de Lisboa»

Por intermédio do seu director-secretário, o Ateneu Comercial de Lisboa comunicou-nos que, na ultima reunião da sua direcção, foi resolvido exarar um voto de louvor ao «Diário de Lisboa» na respectiva acta, pela colaboração que o nosso jornal tem prestado aquela colectividade. Ficamos muito gratos.

— Como advogado, penso que poderei ajudá-la a resolver os seus problemas com os credores... na condição de me pagar adiantado...

A SEMANA DO CONTRIBUINTE

IMPOSTO COMPLEMENTAR
Reclamações e recursos

Serão apresentadas na secção de finanças do concelho ou bairro no prazo de **noventa dias** a contar do dia imediato, inclusive, ao da abertura dos cofres para a sua cobrança: **1 de Julho de 1959.**
Regulamento, artigo 33.º.

IMPOSTO PROFISSIONAL — EMPREGADOS POR CONTA DE OUTREM
Declarações

I

Contribuintes já tributados

Renovação por alteração de vencimento ou qualquer modificação verificada em outros elementos constantes da anteriormente apresentada.

O novo vencimento apenas produzirá efeitos para o lançamento do ano seguinte, se a alteração se verificar posteriormente a 1 de Janeiro de cada ano.

II

Contribuintes novos

Apresentação da declaração de exercício de profissão durante o mês corrente.

Decreto n.º 16731, artigo 66.º, § unico.
Decreto n.º 31948, artigo 7.º.

CESSAÇÃO
Participação de cessação de exercício de profissão

Participar na competente secção de finanças no **prazo de 15 dias** a contar daquele em que o facto se verifique.

IMPOSTO SOBRE A APLICAÇÃO DE CAPITAIS, SECÇÃO A
Letras comerciais protestadas — Manifesto

Nos **15 dias seguintes** ao do protesto ou áquele em que este deveria ter sido feito, ou em igual prazo a partir da data da hipoteca que as garantir.

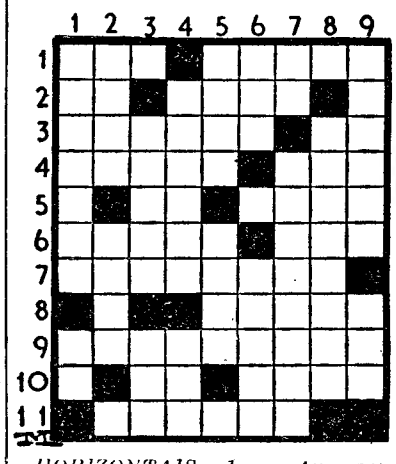
Obs. — **Quando não forem protestadas, ou até mesmo não fiquem sujeitas a protesto, por terem a cláusula «sem protesto» ou «sem despesas», o prazo para manifesto conta-se a partir do seu vencimento.**

Decreto n.º 8719, artigos 2.º n.º 3.º, e 8.º, § 2.º. Decreto n.º 21755.

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 1665



HORIZONTAIS: 1 — Ave pernalta. De tal modo. 2 — Pronome reflexo. Tagarela. 3 — Conversa. Símbolo químico do cromo. 4 — Fragancia. O qual. 5 — Catedral. Pretendeu. 6 — Que não deixa atravessar a luz. Partida. 7 — Ilha da Grécia, na costa Oeste da Atica. 8 — Lavrada. 9 — Amolecidos. 10 — Prefixo de privação. Lodaçal. 11 — Esperançadas.

VERTICAIS: 1 — Lugares vazios. Imperfeita. 2 — Dividir ao meio Liquida. 3 — Roseiral. É enganado. 4 — Vontade de comer (fam.). Eia! 5 — Fende. Querer muito. 6 — Flanco. Encolerizava. 7 — Símbolo químico do sódio. Dispostas em grupo de cinco. 8 — Precauções. 9 — Ribeira afluente do Tejo. Pegadeira.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inserto.

Solução do problema n.º 1664

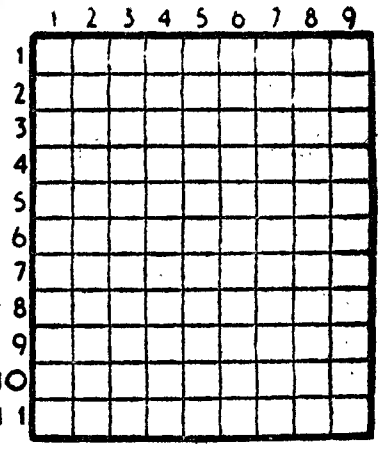
HORIZONTAIS: 1 — Ocas. LOBO. 2 — Sarem. Ir. 3 — Remata. 4 — Ad. Passa. 5 — Pó. Ranca. 6 — Esta. Tara. 7 — Óleo. Cr. 8 — COM. Coi. 9 — Idas. FOME. 10 — Sei. Tomas. 11 — Ia. Azes.

VERTICAIS: 1 — Os. Apelais. 2 — CARDOS. Dei 3 — Are. Tocaia. 4 — Sem. Ralos. 5 — Mapa. Em. Tá. 6 — Tanto. Foz. 7 — Asca. COME. 8 — Bi. Sarcomas. 9 — Orla. Áries.

Provérbio: LOBO COM FOME, CARDOS COME!

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3714



HORIZONTAIS: 1 — Maça. Sobrenome de uma das rainhas de Portugal. 2—Rematais. 3—O mais. Acontecimento. 4 — Contráia casamento. Utensílio de lavoura. 5 — Pássaro. O espiritual. 6 — Pesa para abater a tara. Antigo nome da nota musical dó. 7 — Chama a si. 8 — Nome de uma letra. Pedra de dóminó. 9—Genro de Maomé. Nome de mulher. 10 — Despertasse compaixão. 11 — Tostas. Prefixo que designa ar.

VERTICAIS: 1 — Respeita. Escritor português autor de Caçadas». 2 — Matéria em fusão que sai das crateras dos vulcões. Gavinhas. 3 — Antes de Cristo. Anjos da primeira jerarquia. 4 — Contracção de tratamento dado a pessoas de condição inferior. Rio de Portugal. Entrega. 5 — Altar. Preposição e artigo (pl.). 6 — Artigo definido. Nome de uma letra. 7 — Sustento. Pega. 8 — Segundo. Cidade de França. Arsis. 9 — Investidas. Símbolo do érbio (quim.).

Solução do problema n.º 3713

HORIZONTAIS: 1 — Xara. Adi. 2 — Remolar. 3 — Li. Salvo. 4—Era. Ria. 5 — Maio. Dá. 6 — Sarrafo. 7—Sia. Una. 8 — Al. Apura. 9 — Dax. Aro 10 — Apar. Gr. 11 — Sá. Seara.
VERTICAIS: 1 — Além. Ladas. 2 Irás. Lapa. 3 — Ar. Aias. Xá. 4 — Rês. Oriá. Rs. 5 — Amar. Rapa. 6 — Oliva. Urda. 7 — Alva. Furo. 8 — Dão. Dona. Gá. 9 — Ir. Casa. Ar.

AS COMEMORAÇÕES

do dia de S. Cristovão

O dia de S. Cristóvão, padroeiro dos automobilistas, foi hoje comemorado com várias cerimónias, promovidas pela Casa de Repouso dos Motoristas.

Ás 10 horas, na igreja de S. Cristóvão, em S. Lourenço (á Rua da Madalena), houve missa por alma das vítimas de acidentes de viação e pelos automobilistas profissionais e amadores já falecidos, celebrada pelo prior da freguesia, a que assistiram os srs. presidente da assembleia geral da Casa de Repouso, Inácio Valverde Martins, 1.º secretário e director daquela instituição, além de muitas pessoas. Na igreja de Nossa Senhora da Vitória, efectuou-se também uma festa levada a efeito pelas senhoras que vivem na Casa de Repouso.

Á noite, na Feira Popular de Campolide, inaugurar-se-á um trono de S. Cristóvão.

PREÇOS FIM DE ESTAÇÃO
FATOS DE BANHO
SÉCIA
BOUTIQUE
31, Rua da Conceição
Telef. 30546—LISBOA

Nixon visitou hoje *Mikoyan e Kozlov*

e teve conversações privadas com o primeiro daqueles chefes soviéticos

MOSCOVO, 25.—O vice-presidente dos Estados Unidos Richard Nixon, acompanhado pelo embaixador do seu país, Thompson, e por Harold Bochenstein, financeiro americano, foi recebido, esta manhã, no Kremlin, por Mikoyan, primeiro vice-presidente do Conselho.

Bochenstein foi apresentado por Nixon a Mikoyan, como «um dos maiores homens de negócios dos Estados Unidos». Nixon acrescentou: — «Estou convencido de que se entenderão bem um com o outro, como homens de negócios que são».

—Isso depende da Secretaria de Estado norte-americana — replicou Mikoyan em alusão ao desinteresse com que foram acolhidas nos Estados Unidos as suas propostas para o estabelecimento de intercambio comercial entre os dois países.

Depois de visitar Mikoyan, o vice-presidente dos E. U. foi recebido por Frol Kozlov, também primeiro vice-presidente do Conselho da U. R. S. S. Acompanhavam Nixon, o embaixador dos Estados Unidos e o vice-almirante Lhyman Rickover.

A reunião de Nixon com Mikoyan durou mais do que estava previsto e o vice-presidente chegou com 28 minutos de atraso ao gabinete de Kozlov, a quem o vice-almirante Rickover, que o acompanhou na sua visita ás instalações navais norte-americanas, ofereceu um álbum de fotografias tiradas durante essa visita do vice-presidente do Conselho soviético.

Os três sentaram-se a uma mesa e Nixon recusou um cigarro que Kozlov lhe ofereceu, mas o vice-almirante aceitou.

Nixon confessou-se encantado com a hospitalidade russa e salientou que ele e sua esposa têm sido recebidos com carinho não só oficialmente, mas também, pelo povo russo.

Em seguida, os jornalistas e fotógrafos retiraram-se, começando as conversações privadas entre os dois políticos.—(F. P. e A. N. I.).

Nixon visitará a Polónia

VARSÓVIA, 25.—Confirma-se que o vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, visitará a Polónia, durante alguns dias, depois da sua permanência na Russia. A notícia foi dada por um informador da Embaixada norte-americana. —(A. N. I.).

Um sinal do satélite americano inaugura a feira de Nova York

SYRACUSA (Nova York), 25. — **Um sinal do satélite «Vanguard», que evoluciona a 3.200 quilómetros distante da Terra, poderá, talvez, inaugurar a Feira de Nova York, no dia 4 de Setembro.**

Um dispositivo eléctrico, imaginado por engenheiros da «General Slectric» deverá permitir que um mecanismo contido na vareta mágica da «rainha-fada» da Feira, corte a fita simbólica a um sinal emitido pelo satélite.

O mesmo dispositivo, se der resultado, poderá ser utilizado para iluminar, um breve instante, todo o recinto da feira. — (France Presse).

E' possivel um acordo limitado, em Genebra para os objectivos em vista *— segundo Selwyn Lloyd*

LONDRES, 25 — O ministro dos Negócios Estrangeiros, Selwyn Lloyd, que chegou, ontem á noite, para passar o fim-de-semana na Inglaterra, manifestou aos jornalistas, no aeroporto, as suas duvidas de que as conversações de Moscovo, entre o chefe do Governo russo, Kruchtchev, e o vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon, venham a afecta ra possibilidade de ser convocada uma conferência ao mais alto nível.

Em resposta a uma pergunta dos jornalistas afirmou:

— Estou ainda convencido de que é possivel chegarmos a um acordo limitado, em Genebra, que prepare o terreno para aquele outro, em escala muito mais vasta, que todos nós pretendemos.

Sobre as notícias de que, na conferência de Genebra, têm havido divergências de pontos de vista, entre a Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos, Selwyn Lloyd declarou:

— Tem-se especulado e escrito muita coisa acerca de alegadas divergências, mas os meus dois colegas e eu estamos a trabalhar num espirito de grande intimidade». — (A. N. I.).

Herter foi hoje a Berlim

GENEBRA, 25 — A conferência ministerial mantém-se em férias, durante este fim-de-semana, encionando todos os representantes das potências ocidentais ausentarem-se, temporáriamente, de Genebra.

A próxima reunião, na qual tomarão parte dois dos ministros dos «Quatro Grandes», efectua-se na segunda-feira, num almoço oferecido por Andrei Gromyko a Selwyn Lloyd. À tarde, o ministro dos Negócios Estrangeiros britanico oferece um chá, a que assistirão os outros três ministros dos «Quatro Grandes».

O secretário de Estado americano partiu, esta manhã, para Berlim-Oeste, no avião pessoal do general Lauris Norstad, comandante supremo das forças aliadas na Europa.

Christian Herter, que vai á antiga capital do Reich, a convite do burgomestre, Willy Brandt, acompanhado por dezasseis pessoas, incluindo sua mulher, a sr.ª Eleanor Dulles, irmã do falecido secretário de Estado; John Irwin, secretario, adjunto para a Defesa; Livingstone Merchant, subsecretário de Estado para os Assuntos Europeus; Andrew Berding, subsecretário de Estado para os Negócios Publicos, e o almirante Paul Dudley, conselheiro militar.

Após o almoço oferecido por Willy Brandt, Herter participará numa cerimónia na Schoenneberg-rathaus, assinando o «Livro de Ouro». Depois, descerrará a lapida da rua á qual foi dado o nome de John Foster Dulles. — (A. N. I. e F. P.).

Declarações do estadista americano

BERLIM, 25 — O secretário de Estado americano, Christian Herter, prestou homenagem ao «espirito indomavel que celebrizou a população de Berlim», ao descer do avião que o trouxe de Genebra. O chefe da diplomacia americana disse estar seguro de que, ao sair da antiga capital do Reich, «terá melhor compreensão dos valores da liberdade que Berlim-Oeste tão bem simboliza». Lembrou que o aeroporto de Tempelhof, na altura do bloqueio soviético de Berlim-Oeste, desempenhou um papel histórico ao manter aberta «a artéria vital que liga Berlim ao Ocidente». Neste ponto, Herter prestou homenagem «aos herois da ponte aérea, que morreram para que Berlim viva».

«O acordo que procuramos em Genebra tem em atenção as nossas obrigações para com o povo livre de Berlim» — declarou Herter, no palácio municipal, acrescentando: «Temos a noção da gravidade, da nossa tarefa. Mas não queremos aceitar um arranjo incompatível com essas obrigações».—(F. P.).

O presidente da Argentina foi forçado *a demitir o ministro da Marinha*

e há descontentes que também exigem a demissão do chefe do Estado

BUENOS AIRES, 25. — O presidente Arturo Frondizi capitulou perante um grupo de oficiais da Armada, que exigiam, há quinze dias, a demissão do secretário de Estado da Marinha, vice-almirante Adolfo Estevez.

No final de uma reunião dramática, em que tomaram parte o presidente Frondizi, o vice-almirante Estevez, o ministro da Defesa Nacional, Justo Villar; o general Elbio Anaya, secretário de Estado da Guerra, e oficiais superiores da Marinha, num salão do Ministério, guardado por oficiais armados de pistolas-metralhadoras, foi distribuida uma nota informando que o secretário da Marinha pedira a demissão.

Assim, o presidente Frondizi teve de se resignar a separar-se de um leal colaborador, que o acompanhava desde que tomou conta do poder, em Maio de 1958, mas que na Armada era acusado de graves irregularidades na direcção do Ministério que lhe havia sido confiado.

Esta crise parece exceder o simples ambito da Marinha, pois os «rebeldes» eram apoiados por grandes sectores das forças do Exército. Consta, mesmo, que certos grupos de «descontentes» exigem a demissão pura e simples do presidente Frondizi, que consideram eleito graças ao apoio dos peronistas.

Os jornais consagram largo espaço a esta nova crise, notando-se a existência em todo o país de grande inquietação, que ontem começou, quando o vice-almirante Estevez destituiu e mandou prender o almirante Alberto Vago, comandante das operações navais, nomeando para o substituir o almirante Jorge Perren. Fora, tambem, nomeado para o cargo de comandante da esquadra do Atlantico, o contra-almirante Mário Robbio, actual adido naval em Washington. A demissão do secretário de Estado da Marinha vinha a ser reclamada, há várias semanas, por certo numero de comandantes de unidades. A razão desta exigência nunca foi suficientemente esclarecida e a reserva mantida pelos oficiais superiores da Armada impediu que se desvendasse o mistério dessa luta interna. Depois da destituição do almirante Vago, as bases navais de Puerto Belgrano, Mar del Plata e Rio Santiago, solidarizaram-se com aquele oficial, enquanto as guarnições de terra e da Aeronáutica Naval se reuniam para examinar a situação.

O Ministério da Guerra anunciara, ontem, a nomeação do general de divisão Carlos Tornazo Montero para o cargo de comandante-chefe do Exército. O general Hector Solanas Pacheco, que se demitiu, recentemente, do cargo de ministro da Guerra, pediu para passar á reserva. — (F. P. e A. N. I.).

Um movimento dos oficiais superiores impôs a demissão do ministro

BUENOS AIRES, 25 — Foi uma revolta dos oficiais de alta patente, da Marinha de Guerra que forçou o vice-almirante Adolfo Estevez a apresentar durante a noite, o pedido de demissão do cargo de ministro da Marinha.

O presidente Frondizi interveio na explosiva disputa, no mesmo momento em que eram recebidas notícias de que aumentava a rebelião contra a autoridade do vice-almirante Estevez. Todas as forças da Marinha da região de Buenos Aires foram obrigadas a permanecer, durante a crise, nos seus aquartelamentos e bases — declararam círculos oficiais.

A revolta começou quando — segundo se afirma — o novo chefe das operações navais, contra-almirante Alberto P. Vago, desafiou abertamente o vice-almirante Estevez, declarando-lhe: «A esquadra obedece ás minhas ordens».

O almirante Estevez transformou-se em figura central da controvérsia entre os chefes militares e o presidente Frondizi, cujo regime os mesmos chefes militares acusam de ser demasiado complacente para os antigos partidários de Perón.

Fontes fidedignas declararam que o almirante Vago se recusou a cumprir as ordens do almirante Estevez, nomeando o almirante Perren para o cargo de comandante das operações navais.

Afirma-se que todas as bases navais, com excepção das da ilha de Martin Gardia e do Rio de La Plata, se declararam a favor da demissão do almirante Estevez. — (A. N. I.).

*

BUENOS AIRES, 25. — Depois de o presidente Frondizi ter aceitado a demissão do ministro da Marinha, vice-almirante Adolfo Estevez — segundo informam os círculos bem informados — aquela pasta foi confiada, interinamente, ao ministro da Guerra, general Elbio Anaya. — (France Presse).

A Exposição Norte-Americana abriu hoje em Moscovo

MOSCOVO, 25.—A Exposição Norte-americana abriu ao publico ás 11 horas locais (8 (T. M. G.), atraindo imediatamente milhares de visitantes.

Várias horas antes da abertura já se formava uma «bicha» defronte do portão principal do Parque Sokolniki, pois todos queriam ser os primeiros a entrar. As bilheteiras ainda não abriram, porque os primeiros dias da Exposição são dedicados aos membros de diversas organizações soviéticas que adquiriram grandes quantidades de bilhetes.

Durante o dia haverá três períodos de admissão de visitantes, ás 11, ás 14 e ás 17 horas, e cada bilhete pede ao visitante que não se demore mais do que um período para dar o lugar a outra pessoa.

As exibições que até agora parecem atrair mais a curiosidade dos visitantes são a exposição de automóveis, o supermercado e um salão de beleza, onde as mulheres russas se oferecem como voluntárias para ser submetidas a massagens e outros tratamentos.

Apesar da temperatura em Moscovo atingir 28 graus á sombra, esperam-se cerca de 50.000 visitantes durante o primeiro dia

Hoje, os Russos podem votar, mas para escolherem entre Ernest Hemingwy e Jack London ou entre, George Washington e Abraão Lincoln.

Na Exposição há um pavilhão onde foram colocadas as mais modernas máquinas de votar, cujo funcionamento é explicado aos visitantes. Para exemplificação do funcionamento realizam-se sete «eleição» com outras tantas máquinas e no final da exposição apurar-se-á qual a cidade norte-americana que os Russos gostariam de visitar, qual o escritor preferido ou o norte-americano mais célebre na Russia. Cada eleitor penetra num cubículo fechado, escolhe o seu candidato e carrega numa alavanca que regista o voto, mantendo-o perfeitamente secreto.

O sistema russo de votar é um pouco diferente: cada eleitor recebe em casa um voto marcado com o seu nome e só necessita de o depositar na urna mais próxima. Se não votar a ausência será facilmente assinalada.—(A. N. I.).

A visita de Nixon e Kruchtchev à Exposição Norte-Americana

MOSCOVO, 25. — Quando sairam da Exposição Americana, Richard Nixon e Kruchtchev viram-se rodeados pela multidão. O vice-presidente dos Estados Unidos falou com gente do povo e apertou a mão a trabalhadores e milicianos, que, na ocasião, usavam os clássicos bonés e as blusas brancas com bandas vermelhas. Nixon mostrou-se satisfeito com esta manifestação de simpatia a seu respeito. Kruchtchev contemplava a cena sorrindo, mas sem intervir.

Pode dizer-se que não havia serviço de ordem. Foram, contudo, tomadas precauções para não deixar entrar toda a gente em locais onde poderiam haver apertos e encontrões, por exemplo o «circorama», onde a escuridão poderia causar um acidente.

Uma cena de rua atraiu a atenção dos jornalistas. Um professor americano visitou a exposição, empurrando um carrinho de crianças no qual levava os filhos: um rapaz de três anos e meio e uma menina de dois anos e meio. A multidão rodeou o grupo americano, e muita gente atou balões ao carrinho. Todos faziam festas ás duas crianças, e todos lhes ofereciam coisas. O pai, que fala russo, respondia ás inumeras perguntas que lhe faziam. As duas crianças, primeiro intimidadas, depressa se familiarizaram com a situação.—(F. P.).

O "disco voador" inglês atravessou com êxito o Canal da Mancha

LONDRES, 25. — O «disco voador» britanico atravessou pela primeira vez a Mancha, de Pas de Calais a Dover, esta manhã.

Quatrocentos turistas e habitantes de Dover assistiram, esta manhã, ao aterrar, na praia, do «Hovercraft» ou «disco voador» inglês, no termo da sua primeira travessia.

O aparelho era pilotado pelo capitão-tenente Peter Lamb, o qual declarou que a travessia foi «excelente» e durou cerca de uma hora. O «Hovercraft» reabasteceu-se em voo com as reservas que transportava.

O engenho voou á velocidade média de 13 nós, muito perto da superfície do mar, que estava levemente «agitado», pelo que o comandante Lamb e os dois tripulantes que o acompanhavam, Christopher Cockerell, inventor do aparelho, e o eng. Bon Straith, foram bem «borrifados», mas — acrescentou Lamb — a travessia esteve longe de ser tão «épica» como a primeira viagem de Bleriot. O comandante Lamb pensa que, depois da experiência de hoje, será possível construir-se um veículo comercial nas mesmas bases. — (F. P.).

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 28°,8; mínima, 15°5. No mesmo dia do ano passado: máxima, 29°,9; mínima, 17°,9.

Tágide
Restaurante dos bons «gourmets»
Preferindo jantar no terraço é conveniente reservar mesa

magazine

Diario de Lisbôa NÚMERO 55 Diario de Lisbôa

MARINA VLADY

Eis Marina Vlady conforme aparece na «Feiticeira»

É loura, rosada e fresca como um fruto são. Tem um nome esquisito, de origem russa. E tem dois filhos pequeninos. Encontrei-a e falei com ela numa cave. Numa cave, porquê?

PORQUÊ? Eis uma pergunta que não se poderia fazer duas vezes. Bastam os olhos para ver. Se a cave está transformada em estudio, não há muito que pensar: trata-se de um filme. Mas... Pois é: ainda fica no ar esta pergunta: e porquê fazer um filme numa cave?

Olhe bem para todos os lados, tal como se estivesse à procura de agulha num palheiro. Decido-me a entrar para ver melhor.

Agora, pelo menos, já vejo uns carcereiros da Gestapo. Por tal sinal, nervosos, inquietos, como quem não está certo do dia de amanhã. Nas gradezinhas do respiradouro debruçam-se quatro pares de olhos observadores. Também eles naturalmente se admiram do comportamento dos soldados alemães.

Calma! — aconselho cá para mim. — Esta palmada nas costas (nas minhas costas) não é sinal infalível de que vou juntar-me, na cela, aos quatro prisioneiros. Quando me volto, encharcam-se-me os olhos com a visão desta moça rosada, fresca e loura como um fruto são.

E' ela que me tranquiliza sobre o ambiente. E' ela que me diz também porque é que as coisas se passam, assim, no ventre escuro de uma cave. O filme que vivem — A Sentença — tem um enredo: «Quatro resistentes resolvem fazer um atentado contra um coronel alemão conhecido pelas suas atrocidades. Suprimem-no, com efeito, mas são por sua vez feitos prisioneiros e encerrados na cave de uma *vila* que serve de residência a Kommandatur».

Serão fuzilados? Ou desembarcarão os aliados nesta praia da Normandia, no momento em que os Alemães se preparam para executar a sentença?

Marina Vlady não me conta mais. Também não lhe pergunto nada sobre o caso. Basta saber que aquela preferência por uma cave tem sentido. Então resolvo-me a perguntar-lhe coisas acerca dela própria. Por exemplo:

■ Como é o seu verdadeiro nome?
Marina de Poliakoff-Baïdaroff. Sou de origem russa.

■ Onde e quando nasceu?
Em Paris, em 10 de Março de 1938.

■ Como começou?
Fui durante três anos «ratinho» (pequena bailarina), na Opera; entretanto contrataram-me para fazer um filme com minha irmã, Odile Versois — «Orage d'État» — que foi rodado em Itália.

■ Foi por causa do cinema que abandonou a dança?
Tinham-me confiado um papel de rapariguinha numa produção britanica — «Na vida tudo se conseguc» — e por isso era obrigada a faltar ás aulas de dansa. Como as ausências eram demasiadas, aconselharam-me a abandonar. Fiz em seguida um terceiro filme em Itália que me valeu vários contratos. E foi assim que iniciei a minha carreira em Roma.

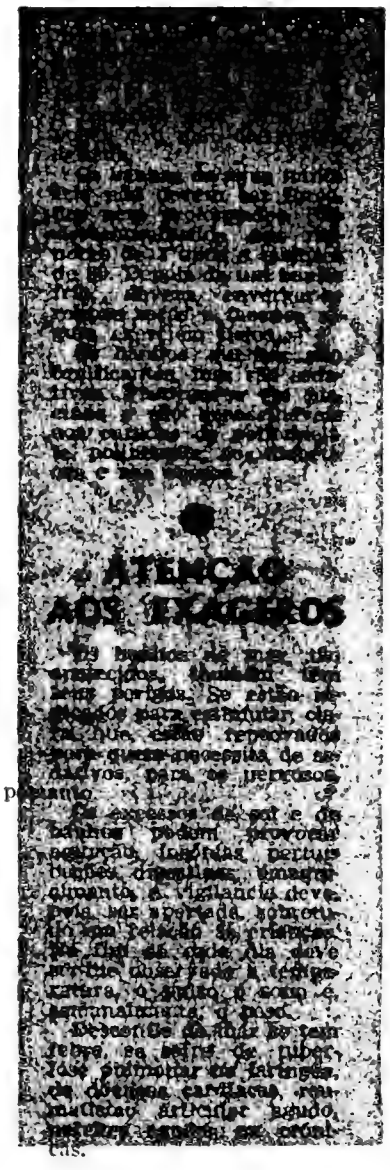
Um conjunto de circunstancias, veio, desta forma, a determinar a minha escolha. Meus pais eram artistas; de qualquer maneira ou como dansarina, ou como actriz ficava dentro do meu meio. Pessoalmente prefiro o cinema; mas era demasiado criança quando deixei a Opera; não se pode dizer que, com 10 anos, se tenha vocação, embora haja mocinhas para quem a dança representa a vida inteira. Eu, porém não possuia a vocação.

■ Qual foi o primeiro filme que rodou em França?
«Antes do Diluvio». Cayatte tinha-me visto «na Idade do Amor» resolveu entregar-me o

(Continua na página central)

Escutando instruções, antes de uma filmagem

O banho do mar
tem a sua técnica



MASCAR ou não MASCAR

E' curioso apontar o que, no ano passado, se consumiu de pastilha elástica nos Estados Unidos. Nada menos, nada mais que uma média de 200 tabletes por pessoa. Nos outros países, em que a juventude gosta também desse feio hábito de mascar, o consumo está longe de tal incremento, embora tudo nos leve a crer que, com o entusiasmo crescente por tal desporto, ele irá ocupar uma extensão verdadeiramente espectacular entre as camadas mais jovens, pelo menos.

Como a pastilha elástica está a ser motivo de conversas diárias e entusiastas, seja pró ou contra a opinião, procuramos saber o que pensam algumas pessoas susceptíveis de uma opinião abalizada sobre assunto de tão magno interesse.

O que diz o dentista

Parece que a mastigação contínua e demorada da pastilha elástica desempenha um importante papel como agente profiláctico: activa a salivação que, por sua vez, tem importante papel na limpeza dos dentes; além de que são igualmente benéficos, os esforços de mastigação, favorável á conservação dos dentes.

O que diz o médico

Depois de limados os termos técnicos e incompreensíveis, certos médicos afirmam tal hábito bastante de aconselhar aos doentes «hipoclorídricos», pois a mastigação prolongada do «chwing gum» restabelece, por via reflexa, o equilíbrio secretor, favorece a digestão.

Também os que sofrem de cálculos salivares, beneficiam com os exercícios da mastigação, que favorece a produção do fluxo salivar.

O que diz o instituto de beleza

Parece que a mulher americana conserva melhor a sua beleza que as mulheres europeias.

E porquê? Segundo a directora de um instituto de beleza francês, nada melhor para afugentar as rugas e manter firme o vol do rosto, que o fortalecimento dos musculos faciais. Ora a ginástica da face combate este envelhecimento, na medida em que combate o enfraquecimento dos musculos dessa região.

(Continua na ultima página)

UMA MOEDA A'S VEZES E' POUCO

OUTRAS VEZES E' DEMAIS

Foi graças a um destes escudos de prata que o republicano Drouet reconheceu Luis XVI, quando o monarca, disfarçado, tentou fugir do país, em 1791.

Drouet nunca, de facto, vira o soberano em pessoa; mas conhecia a moeda de prata com a efigie do rei e, bom fisionomista, não lhe escapou a semelhança entre a figura cunhada e o sujeito que via á sua frente.

Desta maneira não conseguiu o monarca escapar á justiça terrivel que o esperava: o julgamento por alta-traição, a carreta dos condenados, o cadafalso.

Como uma moeda é ás vezes tão pouco, tão miserável e outras vezes é demais...

CURIOSA ANTICIPAÇÃO CIENTÍFICA [1]

Muito antes do homem já fabricava...

Este espantoso insecto de corpo estriado de negro, esvoaça pelo Mundo há muitos milhões de anos, desde a era secundária. Parece, á primeira vista, tratar-se de um insecto frágil, de fina cintura que ficou célebre entre os manequins; mas, pelo contrário, é sólidamente construído para a luta pela vida. A língua permite-lhe sugar no nectar das flores; as mandibulas duras cortam um coleóptero com a força de um escalpelo. E naquele corpo franzino transporta um aguilhão venenoso, verdadeiramente temível. Tanto mais temível, quanto a carapaça de quitina a protege de maus encontros.

As vêspas são carnívoras — dai talvez a má reputação que têm, ao invés das trabalhadoras incansáveis que são as abelhas. Caçam presas vivas que matam ou paralisam apenas. Mas estes insectos só o fazem a fim de garantir a vida da sua progenitora. As Mães, pacíficas e femininas... apenas se contentam com o nectar.

E' falsa calunia que a sua picada seja mortal; dolorosa, sim. Mas, em geral, a vêspa é um insecto pacífico que só se serve do aguilhão como extremo recurso e em defesa própria. De resto, o trabalho da vêspa tem seu lado bom — é capaz de destruir um enxame de moscas e lagartas, fazendo, assim, um ver-

(Continua na página central)

OS AMORES DE MOZART

E' de facto extraordinária a atitude de Mozart para com a mulher: ao mesmo tempo que lhe dedica uma terna solicitude, atento aos mínimos cuidados que lhe possam proporcionar uma existência alegre — Mozart mantém-na totalmente á parte das suas grandes criações musicais, E' preciso não esquecer que, na altura em que manda a Constança os carinhosos bilhetes e cartas a seguir transcritos, o grande musico andava a escrever a «Flauta Encantada». E' preciso não esquecer também que Mozart tinha tido o hábito de pôr o pai ao corrente dos seus trabalhos, como por exemplo no caso da grande ópera «O Rapto do Serralho».

Os leitores mais estranharão o caso ao lerem a correspondência dele para a mulher:

«Agora — escreve-lhe em 6 de Julho de 1791—não me podes proporcionar maior prazer do que sentindo-te contente e alegre... pois em sabendo, com «absoluta certeza», que nada te falte... todas as dificuldades me são caras e agradáveis. Sim, a situação mais aborrecida e complicada com que possa deparar parecer-me-á uma bagatela se souber que estás «contente e alegre».

Mantem-te bem disposta... aproveita a divertida companhia dos teus camaradas de mesa... pensa e fala muitas vezes em mim... ama-me sempre como eu te amo e sê para toda a vida a minha Stanzi Marini, tal como para sempre serei o teu

Stu
Knaller paller
Schnip — Schnap — Schnur
Schnepeperl
Snai.

MOZART»

Enche nessa altura as margens das cartas com desenhinhos ingénuos, redobra de expressões divertidas, expressões ternas, beijos. Parece estar na juventude (E a morte leva-lo-á daí a meia duzia de meses...)

A toda esta profunda ternura. Stanzi responde com gentileza, mas pouco assiduamente. Mais tarde dirá do genial companheiro:

«Ninguém podia deixar de amá-lo: era tão bom».

Agora, porém, rodeada de desvelos, sabe-lhe melhor ser amada do que dar-se a um profundo amor por Wolfgang; aceita a ternura que ele lhe prodigaliza e preocupa-se menos com mostrar-lhe iguais provas de afecto. Neste Verão de 1791, ao receber uma encomenda de roupa que pedira á mulher, em vão se precipita a todas as malas postais, na ansia de ler meia duzia de linhas de Stanzi. Nada. E todavia, no silêncio da sua solidão, todas as suas palavras vão para ela. Dentro em breve dar-lhe-á mais um filho — o sexto. E como adora apaixonadamente esse menino que ainda não veio e que depois mal terá tempo de conhecer!

Será por isso que as suas cartas começam a deixar transparecer a mágoa, de se sentir tão só?

«Espero — diz em 5 de Julho de 1791 — poder beijar-te no sábado ou talvez antes: logo que houver terminado as minhas tarefas, estarei junto de ti... pois é nos teus braços que resolvi encontrar repouso. E como tenho necessidade dele!... (...) Numa palavra, só me falta a tua companhia... e penso que não poderei esperar mais por ela. Poderia, é verdade, mandar-te vir definitivamente, se já tivesse acabado os meus trabalhos; quero, porém, ainda passar contigo alguns belos dias em Banden.

MOZART

Dois dias depois a sua impaciência recrudesce:

«Agora já não desejo senão uma coisa: que se regulem as minhas coisas de modo a poder encontrar-me de novo junto de ti. Nem tu calculas, quanto, longe de ti, estes tempos me pareceram eternos!... Não te posso explicar o que sinto: é uma espécie de vácuo... que me faz muito mal, uma certa aspiração que jamais se satisfaz e jamais acaba... que dura sempre e só faz crescer em cada dia. Quando recordo com que infantil alegria passámos, juntos, os tempos em Baden... e quão tristes, aborrecidas horas vivo aqui! Nem mesmo o trabalho já me encanta, porque me habituara a levantar-me de tempos a tempos para troc duas palavras contigo, e tal satisfação é-me agora completamente impossivel... Se me sento ao piano e canto qualquer coisa da minha ópera. logo paro...: sinto-me demasiado impressionado!... Basta!... Que venha a hora em que meus trabalhos acabem e na hora seguinte já não me encontrarão aqui.

MOZART»

Na solidão em que vive, o melhor de si é absorvido pela grande obra-prima que está criando — «A Flauta encantada». Quando emerge do trabalho para mergulhar no seu triste universo quotidiano — as dívidas, os credores, a conspiração do silêncio que o rodeia — o pobre Mozart nem tem coragem para falar na sua nova partitura. Nem mesmo a Constança. Porquê?

De certo em primeiro lugar, porque Constança se situava num mundo diferente do seu mundo da criação artística. A mulher a quem dedica tantos cuidados, tanta ternura — não sente necessidade de inquirir do marido o que está ele criando; para ela, Mozart é o marido, um dos elementos indispensável á existência do chamado «casal» — um ser a que a sociedade consignou a tarefa de prover ás necessidades da família. A forma como o conseguiria — criando musica, tocando sete instrumentos, dando lições, fazendo «ganchos» como qualquer «funileiro á porta», isso não preocupava Stanzi. Na sua cabeça — marido era um sujeito terno que trabalha para alimentar e fazer viver a família.

Aqui, um motivo de solidão.

Mas o outro, era o meio social hostil que o cercava. 1791 — repare o leitor — não é uma data qualquer na história da Humanidade! Estamos na época da Revolução Francesa: e para um génio como Mozart isso não era indiferente; a sua musica celebra a liberdade do Homem.

Vista de Salesburgo, a cidadezinha onde Mozart nasceu

disco da semana

IMAGENS DE PORTUGAL (N.º 4)

RANCHO FOLCLÓRICO DE S. SIMÃO DA JUNQUEIRA

(Vila do Conde)

Parlophone CGEP 41

Caninha Verde (Popular)
Malhão de S. Simão (Popular)
Tirana, linda tirana (Popular)
Vira da Maia (Popular)

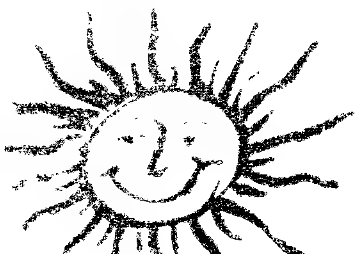
A verdadeira musica popular, transmitida e aperfeiçoada através das sucessivas gerações, não é a que se ouve nos palcos dos teatros de revista ou que é cantada pelos cegos ás esquinas das ruas. A autêntica musica popular é entoada pelo povo humilde que vive longe dos grandes burgos e que não se deixa influenciar pelos sucessos passageiros fabricados em série ou importados do estrangeiro. O isolamento em que vive tal musica, manteve-a isenta de quaisquer influências externas que só a poderiam adulterar e roubar-lhe a sua mais importante qualidade: a autenticidade.

Assim, quando recolhida nos próprios locais em que é cultivada, pode ter-se a certeza de se tratar de verdadeiras joias musicais, de uma extrema pureza melódica e de uma originalidade invulgar, acompanhadas, não raras vezes, de poemas em que transparece o génio malicioso e lírico da raça lusitana.

Disco publicado pelos Estabelecimentos Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, 97.

Para documentar o que acabamos de afirmar, será suficiente a audição dos quatro trechos contidos neste disco e que foram escolhidos de entre o rico reportório do Rancho Folclórico de S. Simão da Junqueira.

No verão é que nós entendemos o deserto



Só agora, que o calor nos aperta, é que nós estamos em condições de compreender o deserto e a sede. E também a importancia da água... Calcule o leitor se fossemos dizer a um árabe, condutor de camelos, que o vinho dá de comer a seis milhões... Não entendia. Nem o camelo. Eis duas frescas imagens de deserto. A luta do homem em procura da água

FÉRIAS E SOL • FÉRIAS E SOL

... Tem indicações e contraindicações

O [illegible]

Os atrasos de crescimento, a obesidade, para as crianças débeis ou com hereditariedade tuberculosa ou sifilítica, para as anemias, a fadiga, os convalescentes de certas doenças infecciosas como o rubeola, a tosse convulsa e a bronco-pneumonia, para o linfatismo, os operados das amigdalas, os raquíticos, para as escolioses, e as tuberculoses não pulmonares, para a descalcificação e a esterilidade.

O [illegible]

As dermatoses (conquanto os médicos não tenham chegado a acordo sobre isto), a conjuntivite, as otites, as rino-faringites tenazes, as crianças nervosas ou com cuti-reacção positiva (sobretudo o sol é muito perigoso).

O ar do mar, só por si, tem benefícios?

Sim, e vejamos porquê:

1.º — Porque a pressão atmosférica atinge o seu máximo: 768 milímetros. Por isso a quantidade de oxigénio respirada é mais elevada e a hematose (proliferação dos glóbulos vermelhos) é mais fácil;

2.º — Porque o ar marítimo é rico em oxigénio, em iodo, em fósforo e em bromo;

3.º — Porque é electrizado. Os íons (partículas electrizadas) de potássio são particularmente favoráveis às crianças;

4.º — Porque o vento desempenha o papel de ventilador do ar, sobretudo, pela tarde em que a influência sobre o equilíbrio vago-simpático é maior;

5.º — Pela intensidade dos raios ultra-violetas e infra-vermelhos.

EFEITOS DO CLIMA MARITIMO

O mar tem uma acção tónica e sedativa, na:

RESPIRAÇÃO — Provoca amplitude e calma dos movimentos; decréscimo dos alveolos pulmonares e dos bronquios; aumento seguido de decréscimo notável da expectoração.

CIRCULAÇÃO — Retardamento cardíaco e aumento da pressão arterial.

SANGUE — Aumenta os glóbulos vermelhos.

SISTEMA NERVOSO — Tem acção calmante sobre o vago e excitante sobre o simpático. Provoca ligeira vaso-constricção e hipertensão.

GLANDULAS — Sctreactiva a tiroideia por acção do iodo, das paratiroides, das glandulas genitais (verifica-se que a formação das raparigas se acelera por uma estadia á beira-mar. Estimula o crescimento, aumenta a altura e o peso nos jovens.

NUTRIÇÃO — Aumenta o metabolismo basal; o apetite e o tonus geral; fixam-se melhor e melhor se utilizam os açucares.

RINS — Tendência para o ácido urico, donde a diminuição das cistites e colibaciloses.

PELE — Aumento da pigmentação; excitação das funções cutaneas, rápida cicatrização Contúdo, muito cuidado, os banhos não devem tomar-se sem autorização médica, em casos de ulcera, de fístula e de furunculos!

DIGESTÃO — E' regularizada, em especial pela massagem constante da água sobre o abdomen, para quem toma banhos de mar. Mas, atenção aos excessos alimentares! Nunca tomar banho após um lauto banquete!

Vai para férias? [illegible] fim de semana?

Então, por amor de Deus, minha senhora, não faça essa cara de enterro! Eu sei que os filhos a atormentam, que o marido tem montanhas de livros que não dispensa levar, que a senhora está sem criada, que os fatos não cabem todos nas malas que possui, que... sei lá, quantos ques não estão a atormentá-la neste momento! Mas, volto a dizer-lhe, minha senhora, não faça essa cara de enterro, não escangalhe a satisfação dos pequenos nem a boa vontade do seu marido!

Eu sei que ir para fora, por uns escassos dois dias, ou mesmo um longo mês tirado a ferros no escritório (os patrões têm todos a mania que os empregados gozam uma riquíssima saude) é sempre um sacrifício que deve agradecer ao seu marido que, o faz, apenas pelos pequenos que andam pálidos e a senhora, inquieta com a falta de pessoal.

Mas a organização das férias é um assunto que deve ser tratado com optimismo e prazer. Seja optimista, pois, porque é difícil o que vamos tratar. Parece que este ano, mais que nunca, as condições económicas da sua vida não estão muito bem... mas algumas semanas de repouso completo, de intimidade familiar num ambiente diferente do seu, fora da rotina monótona que cansa e arrasta, por vezes, afecções nervosas, é o que lhe está mesmo a calhar. Por isso, vamos ajudá-la nas suas hesitações. Sim, porque se para muita gente não há escolha a fazer — ou porque não possa gozar as férias fora de Lisboa, ou porque tenha um casinhoto em qualquer lado dos saloios — para si, minha senhora o problema está difícil. O seu marido responde sempre «isso é la contigo» como se não fosse um assunto que devesse ser tratado a dois. Mas ele é casmurro, com sua licença, e vamos dispensar a sua ajuda.

Aqui está um problema difícil. Não, não roa as unhas, ele vai resolver-se: montanha, mar ou campo? Santo Deus, como há, por vezes, perguntas difíceis! É preciso saber que uma estadia no mar ou na montanha, vivificantes fontes de saude para a maior parte da gente das cidades, pode apresentar inconvenientes para certos temperamentos. A altitude é desaconselhável aos hipertensos e certos cardíacos. O mar pode ser funesto a certos sistemas nervosos. Será melhor, nesta incerteza, e nestes riscos, ouvir o médico de familia (essa ave rara que já vai passando á tradição). Mas no que diz respeito ao campo, nenhuns inconvenientes se levantam: é benéfico para todos os organismos.

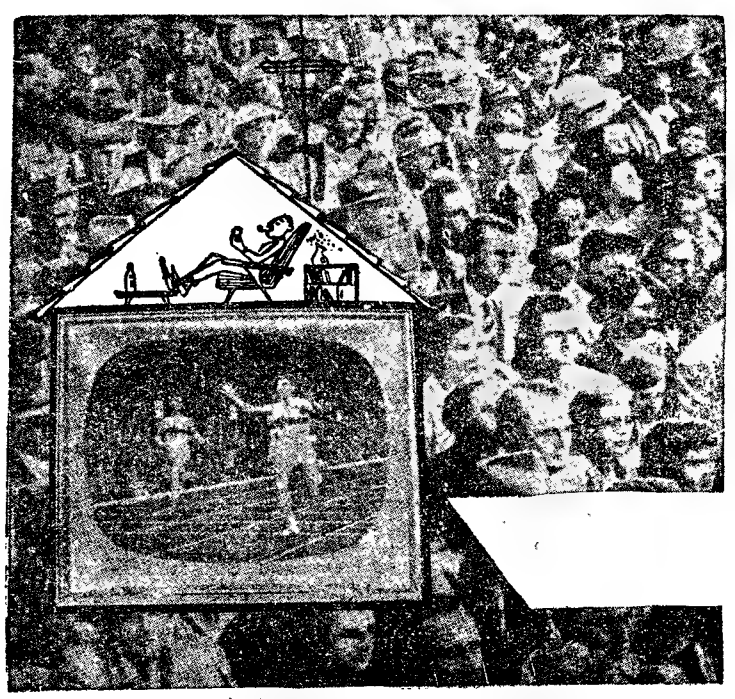
A escolha do momento

Nas suas condições, esse é um momento solene. Para onde ir, vai o médico resolver. Mas quando deverá o seu marido pedir as férias, se no escritório a corrida aos «melhores dias» é mais difícil que disputar a camisola amarela nas corridas de bicicleta? De resto, o problema não se põe apenas, quanto a si, nem ao seu marido. Há períodos antes ou depois da «força da estação», em que os hoteis e pensões e casas mobiladas se arranjam em condições mais vantajosas. Por exemplo, o mês de Se-

(Continua na ultima página)

há [illegible]

Dizem as crónicas mundanas que, dos pés á cabeça, se usa o estilo «sol». Mas como podemos ver pelas gravuras, os chapéus são um elemento que... está á cabeça dos acessórios de elegancia. Vêm de todas as formas e de todas as cores, como das mais variadas matérias: de palha italiana, com franjas a indiana, em forma de «abat-jours», enrolados como lenços, de abas largas á mexicana, semelhantes a ouriços e até, como se pode ver pela gravura, com «écran»... como no cinema. Aqui deixamos modeios para todos os gostos, mesmo os mais exigentes.



Marina Vlady

(Continuação da 1.ª página)

papel da rapariguinha — o que me permitiu começar a minha carreira em França.

■ Quer falar-nos da sua família?
Desde [illegible] de 1955 que es-

Marina, no seu primeiro filme «Avant le dèluge»

tou casada com Robert Hossein. Temos dois filhos — Igor, nascido em Outubro de 1956 e Pedro, nascido em Janeiro de 1959.

■ Como concilia as atribuições de mãe de família e de actriz?
Bastante mal. Quando filmo quase que não vejo os filhos. Ao partir para o estudio já eles dormem; na altura em que volto, estão deitados ainda. No intervalo dos meus filmes é que me desforro, dedicando-lhes todos os minutos.

■ Gostaria que seus filhos entrassem para o cinema?
De qualquer das formas não desejo nada que sejam actores, porque há poucos lugares vagos. E' preciso ser-se muito excepcional ou possuir uma sorte excepcional para lograr êxito. Meus filhos estudarão como os filhos de toda a gente. Gostaria que aprendessem musica. Sentá-los-ei ao piano e tentarei persuadi-los a tocar sem os aborrecer...

■ Agrada-lhe trabalhar com Robert Hossein? Porquê?
Gosto de filmar com ele porque ele sabe muito bem dirigir-me; além disso dependemos muito um do outro e não gostamos de trabalhar afastados. Fazemos pois, tudo para estarmos juntos num filme. Confesso, aliás, que depois de casar com Robert só tive duas oportunidades de filmar. Mas se por acaso, tivesse uma proposta extraordinária, eu arranjaria as coisas de forma a que Robert estivesse livre nesse momento. Quando Robert faz um filme, eu estou sempre junto dele, mesmo que não represente qualquer papel.

■ Em que ocupa os momentos livres?
Em primeiro lugar cuidamos dos filhos. Depois, somos muito caseiros, ficamos em casa, ouvimos musica. Se saimos, é para ver um bom espectáculo, uma peça ou um bom filme.

■ Para terminar: quais os seus projectos?
Um filme com Robert, que se encarregará da encenação: «A Noite dos Espiões». Em seguida, meu marido deve montar uma peça no teatro Rochefort, e, finalmente! um outro filme: «Os celerados», com Sylvia Lopez e Roger Hanin.

Os colegas estão a chamá-la. Chegou a sua vez de entrar em cena. E despedimo-nos.

PINTADO DE FRESCO

Por **ALVARO BELO MARQUES**

Perdoem-me os nomes fictícios, mas os personagens desta história ainda existem, se bem que talvez já nem se recordem do ocorrido.

Quem tem o hábito de se deslocar, no Verão, ás praias do E.... por certo já reparou num pobre velho que, acompanhado por uma esfarrapada e suja pequenita, vai tocando numa estafada rabeca os trechos mais em voga. Usa umas velhas calças de fantasia e um casaco preto que deve ter a mesma idade das calças e da rabeca. O seu ar infeliz, é acentuado por uns amplos óculos de aros atados com linhas e pela curvatura, já bastante pronunciada, da espinha. Enquanto faz gemer as cordas da rabeca, a pequenita, de ar humilde, estende a mãozita á esmola.

Consta que em tempos idos era um razoável violinista mas, de concreto, nada consegui apurar.

Um dia, há alguns anos já, um grupo de rapazes, que em tudo arranjava pretexto para dar largas á sua juventude irreverente, resolvel provocar ao pobre e velho rabequista uma situação embaraçosa, fazendo-o crer que, um certo senhor, desejava receber lições de violino. E argumentavam:

— Pois você não sabia, homem? Isso era bom para si. Ele tem possibilidade de lhe pagar bem e você não deve perder esta oportunidade!

E assim por diante.

— Mas... — desculpava-se o velho — ele é capaz de não me querer ver...

— Qual coisa! — diz um do grupo — Você vai lá a casa e diz que quere falar com o senhor Filipe e pronto!

Uma tarde, o rabequista, com uma ligeira importancia no andar, talvez recordações daquilo que o tempo corrompeu, encaminhou-se para casa do futuro aluno, seguido de longe pelos rapazes.

— Hum... desculpe incomodar. O senhor Filipe está?

— Um momento.

As pernas do velho começaram a tremer de medo quando vê Filipe aproximar-se com uma interrogativa no olhar.

— Que deseja?

— V. Ex.ª desculpe o incomodo mas... disseram-me que desejava receber umas lições de violino, e eu...

— Lições de violino?! Eu?!

— Assim me disseram e eu... apesar da idade, posso ministrar a V. Ex.ª os rudimentos e os primeiros exercícios.

— Sim?! Os rudimentos e os primeiros exercícios?! Mas... entre, entre.

* * *

Na rua, os rapazes aguardavam ansiosos o regresso do rabequista, fazendo mil e uma conjecturas sobre a expressão que este traria. Porém, nenhuma se adaptou á realidade e ficaram mudos de espanto quando o mestre Luís apareceu, devagar, rabeca debaixo do braço e o rosto banhado de lágrimas que escorriam devagar para a camisa. Indiferente a tudo, sentou-se no passeio.

VAPORES A MENOS E FRACASSOS

por **JOAQUIM CAMPINO**

E' já um lugar comum dizer-se que somos uma nação rica de tradições marítimas. Cabeça de um grande império colonial espalhado ao longo de todos os mares seria natural que Portugal tivesse chegado até hoje com uma grande frota marítima. Mas nem as razões históricas, nem o condicionalismo geográfico do nosso País, com a sua grande costa, forçando ou atraindo os portugueses ás tarefas do mar, evitou que perdessemos o nosso lugar de grande nação marítima.

Contudo, há pouco mais de três séculos, a frota nacional era uma das maiores do Mundo, e das nossas escolas de navegação, depositárias das técnicas mais avançadas, saíam homens que, num impulso que espantou o Mundo, rasgaram os caminhos do mar, abrindo largos e novos horizontes ao comércio e á ciência da época.

Desse período florescente resta-nos pouco mais que uma simples recordação. Resta-nos ainda, por exemplo, esse heróico destemor pelo mar que levou esse casal algarvio a rumar ao Brasil em busca de melhor vida, com a mesma simplicidade com que há pouco tempo todos os Algarvios rumavam a Tanger.

(Também foi em busca da pimenta que fomos á India e não foi por isso que a nossa epopeia deixou de ser grandiosa!).

A verdade é que nos meados do século passado, em pleno desabrochamento das grandes actividades mercantis, já a frota portuguesa estava reduzida a pequenas unidades — brigues, escunas, iates, rascas, patachos e barcas — com propulsão á vela, de pouca tonelagem de carga e fracas acomodações para passageiros. Sabe-se que não só não asseguravam as ligações do continente com o ultramar português, como também nem sequer mantinham as necessárias comunicações regulares entre os portos costeiros; isto numa altura em que o País não tinha nem estradas nem caminhos de ferro e os transportes passavam a desempenhar papel saliente na produção mercantil.

Foi com a revolução liberal de 1820 que se apressou a renovação da nossa Marinha e é muito possivel que a primeira máquina a ser usada no País o fosse ao serviço da navegação.

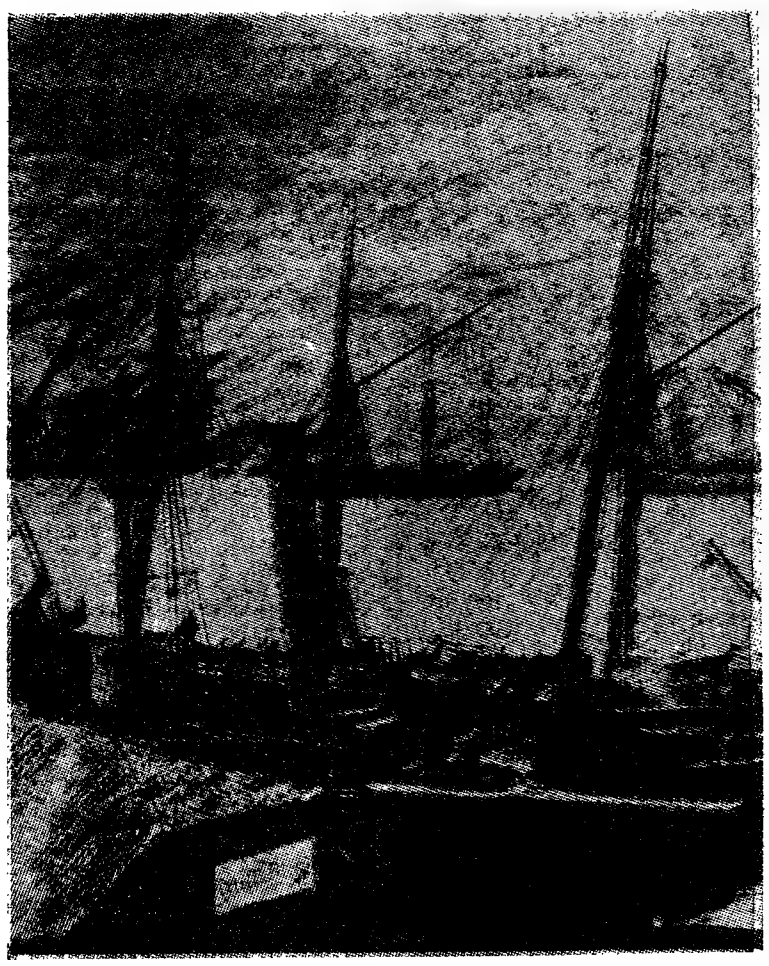
*

Sabe-se, de facto, que o navio «Lusitania» que estabeleceu em 1821 as carreiras regulares entre Lisboa e Porto, foi o primeiro barco português a vapor — quase 45 anos depois de em França ser posto a navegar o primeiro barco a motor, mas apenas a 14 anos de distancia da célebre experiência de Fulton, na América. Melhor ainda: sómente três anos depois de em Inglaterra ter sido posta a funcionar a primeira carreira de barcos de propulsão mecanica.

Mas o «Lusitania» naufragou ao fim de dois anos, como «naufragaram» depois as tentativas das «Companhias Tejo e Sado» em 1837 com os seus pequenos vapores «D. Pedro», «Infante D. Henrique», «Sartorius», «Tejo» e «Viriato» e o mesmo com a «Portuense de Navegação» que ainda consegue nova carreira Porto-Lisboa com os vapores «Porto» e «Quinta do Vesuvio».

Num ambiente escaldante de guerra civil não podiam ter vingado empreendimentos pacíficos que requeriam tão avultados meios, e a 13 de Janeiro de 1851 ainda o visconde de Castelões propunha, sem êxito no Parlamento, «que o Estado comprasse dois vapores para assegurar as ligações marítimas com a Africa».

Em 1853 funda-se a «Companhia Luso-Brasileira» para as carreiras do Brasil com dois vapores «D. Maria II» e o «Duque do Porto». Teve pouca vida. Em 1854 falha também a tentativa de se formar a «Companhia Real Portuguesa», com um capital de 1.800 contos. Finalmente constitui-se em 1858, com a protecção do Governo, a importante «Companhia União Mercantil» que viria a ser o maior de todos os fracassos. Tinha o exclusivo da navegação nacional durante vinte anos e recebia um bónus de 60 contos para principiar e um subsídio anual de 58.



Após 6 anos de exploração ruinosa de velhos barcos comprados em Inglaterra, a «União Mercantil» faliu vergonhosamente depois de ter sugado aos cofres do Estado um importante empréstimo, e de terem os seus accionistas arrecadado um lucro certo de 7 % sobre os 900 contos do seu capital substituido nos ultimos anos por um subídio anual de 160 contos.

As funestas consequências desta liquidação criaram um vazio tão grande na actividade da nossa marinha mercante que o Governo teve necessidade, nos anos seguintes, de contratar companhias inglesas para estabelecer as ligações com Angola.

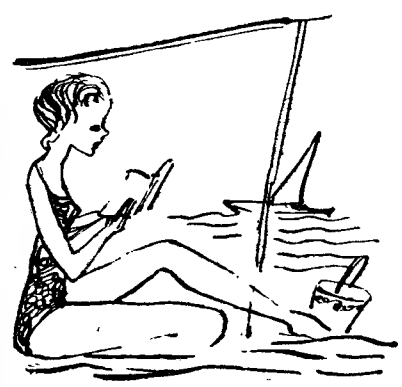
Um desses contratos foi firmado com a casa Bayley & Leetham, de Hull, proprietária dos navios que em Portugal passaram depois a ser explorados sob a firma «Empresa Lusitana».

Foi esta «Empresa Lusitana» que veio a comprar o espólio da «União Mercantil», assim como «herdou» o exclusivo da navegação nacional, que manteve até 1871 — data em que dela saiu a iniciativa da fundação da ainda existente Empresa Insulana de Navegação, para a Linha dos Açores — e explorou até 1881 as linhas de Angola, quando se transformou na Empresa Nacional de Navegação, ou seja a actual Companhia Nacional de Navegação.

Muitas outras empresas, entretanto, se formaram e se desfizeram, mas os fracassos constantes nunca impediram os capitais e os seus donos de ocorrer ao desenvolvimento dos transportes do mesmo modo que os interesses se viravam em direcção ao ultramar.

Tem-se, geralmente, o ano de 1888 como aquele que, no nosso País, melhor reflecte o grande entusiasmo do capital financeiro pelas ligações marítimas com os territórios de Africa. Foi nesse ano que surgiu mais um grande empreendimento com a constituição da Mala Real Portuguesa, empresa que chegou ainda a adquirir quatro esplêndidos vapores, mas que teve a mesma sorte de muitas outras, abrindo falência em 1892 sob os efeitos da grande crise que no fim do século tanto veio afectar a nossa fraca estrutura económica e dificultar o crescimento da nossa industria ainda na sua fase embrionária.

Para se ter uma ideia da debilidade e atraso dos nossos meios de transporte marítimos desse tem-



TEATRO DE C
Leitura e apresentação de A
mais um volume das
«ANTOLOGIAS
★
«O EL
romance de TH
uma obra-prima da colecção
«CONTEMP
★
«O VERMELHO
de STEN
nova edição do célebre romance, na
«ROMANCES
★
OBRAS COM
TEIXEIRA
★
PORTUGÁLI

— Então mestre Luís? Ele aceitou?

Com um olhar triste, através das grossas lentes, mirou-os a todos, um por um. Não com um olhar de censura, ou de mágoa, ou de... sei lá! Olhou-os com a profundidade que, em certos momentos, os velhos apresentam no olhar.

A seguir abriu devagarinho a mão esquerda, mostrando um rolo de notas amachucadas. Depois, muito lentamente disse:

— Sim, aceitou. Perguntou-me quanto levava por hora e eu respondi que cinco escudos, três vezes por semana. Pagou-me um ano adiantado e a seguir... Oh! Meu Deus!

Um soluço interrompeu-o.

— E a seguir, mestre Luís?

— A seguir?! Perguntou-me o que desejava ouvir. Vai lá dentro e traz um violino onde começa a tocar o «Concerto» de Paganini. Meu Deus! Nunca ouvi tocar tão bem! Que dedos!

— Pois o mestre Luís não sabia?! Ele é um dos cinco maiores violinistas do Mundo.

E os rapazes foram-se embora, rindo alto, felizes da proeza e nenhum pensou no drama daquele velho que, mais uma vez na vida, teve a oportunidade de se sentir falhado, irremediàvelmente perdido, como o são sempre aqueles que estacionam num degrau.

A MAIS

po, basta recordar que só em 1895 se deu «a renovação da nossa marinha de guerra desaparecendo a vela nos navios de guerra e substituindo-se a construção de madeira pela de ferro». Deu-se também só nessa altura pela primeira vez a «renovação completa do nosso Arsenal pela introdução de novos meios e processos de construção, ficando a ser a grande escola da construção naval de ferro do País».

Repare-se que, pelo que se conhece, «o ferro foi empregado pela primeira vez nas construções navais em 1818 em Glasgow!».

Parece que dispunhamos em 1899 de 46 vapores com 57.271 toneladas, mas a nossa frota era insignificante e continuávamos a recorrer a serviços estrangeiros. Ainda no ano de 1893 as nossas comunicações com Moçambique tiveram de ser entregues á Union Castle Mail, inglesa, e, logo, em 1895, á companhia alemã «Deutsche Ostráfrika Linne», o que eloquentemente reflecte bem a luta de influências travada dentro do País entre essas duas potências, que como corvos pairavam agressivamente sobre o corpo indefeso dos nossos territórios ultramarinos.

Livros de férias

IL VICENTE
NTÓNIO JOSÉ SARAIVA

UNIVERSAIS»

EITO»
OMAS MANN

ORÂNEA»

E O PRETO»
DHAL
olecção
JNIVERSAIS»

PLETAS DE
GOMES

A EDITORA

Curiosa antecipação

(Continuação da 1.ª página)

dadeiro serviço de limpeza nos pomares e hortas.

Fabricantes de pasta de papel

A vespa vive solitória; é a rainha. Ela sózinha irá criar toda uma população que serão os seus próprios filhos. Primeiro trabalhadores, depois machos e fêmeas para perpetuar a raça.

Corajosamente, a vespa-mãe mete-se ao trabalho árduo; começa por construir uma v i n t e n a de alvéolos cujas paredes hexagonais se unem uma ás outras. Um mês após a postura as primeiras vêspas-obreiras saem dos ninhos e logo se empregam a auxiliar a mãe, desfeita de fadiga compreensivel, pois teve de alimentar, sózinha, esta vintena insaciável de pequenotes. Agora irá consagrar-se á postura; e o trabalho não falta, porque a colónia, partindo dela só, irá atingir os 80.000 indivíduos, talvez, seis meses depois. Esta extraordinária proliferação é o fruto de um só casamento que se efectuou vários meses atrás. Ás células iniciais outras se juntaram, muitas outras, até 2.000. Logo que o primeiro a n d a r é completamente ocupado, logo irá ser construído, o segundo, o terceiro e assim por diante. Uma cidade pode ter 10 andares e até 150.000 céélulas individuais.

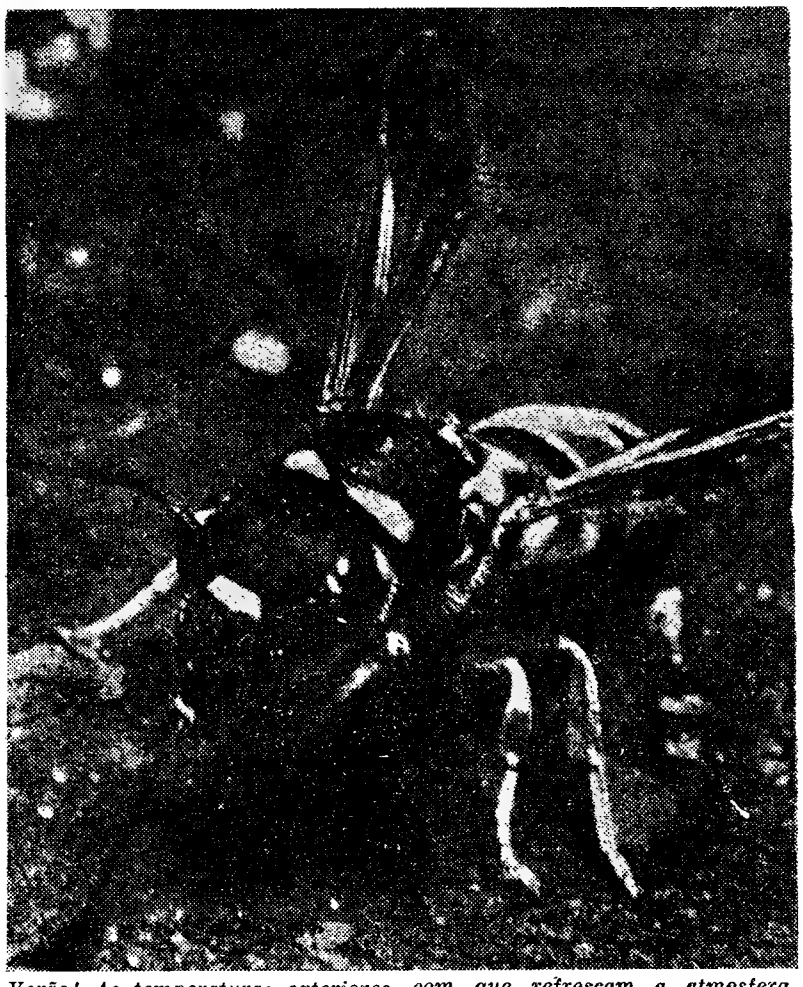
Ora o que tem espantado os observadores é que estas construções são todos elas, feitas de... papel autêntico.

Como pode a vespa fabricar pasta de papel para utilizar na sua arquitectura? Muito simplesmente, já se concluiu que o faz a partir da madeira, recolhida a celulose de velhos troncos, extraindo minusculas fibras que amassa com as mandíbulas. Esta pasta, estendida em finas camadas, constitui as paredes dos alvéolos, dando-lhe, a um tempo, leveza e resistência.

E assim, muito antes do homem, a vespa fabricou papel a partir da madeira, enquanto por muito tempo, aquele o fazia de trapos.

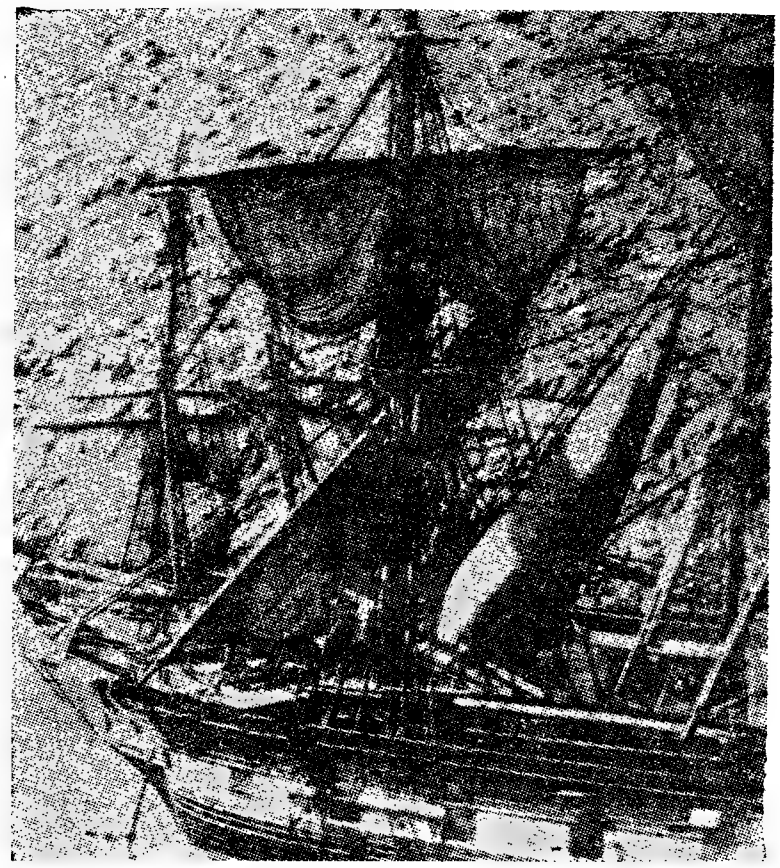
Só trinta e oito anos depois, se fabricou papel, pela primeira vez a partir da palha, e depois, da madeira. E contudo, quantos milhões de anos antes a vespa já indicava o caminho a seguir!...

O ninho é envolvido inteiramente por uma camada de papel isolador térmico, mantendo a temperatura interior a cerca de 30 graus. Mas eis que chegam os calores do



Verão! As temperaturas exteriores sobem a muito mais. Então, as vespas colocam-se á entrada dos alvéolos e, com as asas, num bater ultra-rápido, agitam o ar e fazem de ventiladores. Se o calor teima em subir, vão buscar gotas de água com que refrescam a atmosfera. Em matéria de climatização não se poderia fazer melhor...

No próximo numero: «Muito antes do homem, já a vespa praticava a cirurgia nervosa».



PIRATAS E PIRATARIAS

POR

ALFREDO BRAZ

Para encerrar esta breve relação dos piratas que no século XVIII infestavam o Atlantico, falta ainda referir três dos que alcançaram maior celebridade: Howel Davis, Bartolomew Roberts e Jean-Thomas Dulaien.

Davis e Roberts eram simples marinheiros quando foram aprisionados por um bando que operava no Atlantico e não foi sem alguma relutancia que se tornaram piratas, mas uma vez tomada a custosa decisão logo eles se impuseram pelas suas qualidades de inteligência e bravura.

Howel Davis, tornado capitão, dirigiu as suas vistas para a costa da Guiné e aí se apresentou capciosamente como um honesto marinheiro, conseguindo entabular cordiais relações com as autoridades. Convidados para um amigável repasto, os piratas resolveram aproveitar-se da circunstancia e, por alturas da sobremesa, sacando das armas que levavam ocultas, dominaram os seus ingénuos hospedeiros. Mas identico expediente tentado na ilha do Principe teve resultado muito diferente, porque o governador desconfiou e, antecipando-se ao golpe dos piratas, resolveu mandá-los massacrar.

Entre os sobreviventes estava Bartholomew Roberts, que foi eleito capitão e se tornou o maior de todos os piratas clássicos pela amplidão e o arrojo das suas empresas. Logo que assumiu o comando, Roberts resolveu vingar os seus companheiros e para isso tomou o forte português e incendiou a cidade. Depois dedicou-se á pilhagem e destruição dos navios portugueses, tanto na Guiné como no Brasil, tendo chegado a sua audácia ao ponto de acometer, na Baía, contra uma frota de quarenta e dois navios, apossando-se do maior de todos eles. Transferindo continuamente o seu campo de acção, do Brasil para a Terra Nova, das Antilhas para a Guiné, nunca o famoso pirata se encontrava onde os seus perseguidores o procuravam e assim conseguiu durante a sua longa carreira fazer mais de quatrocentas presas, acumulando riquezas sem conta e renovando fácilmente a sua equipagem entre os prisioneiros.

Ao contrário da maioria dos piratas, que cultivaram um aspecto sinistro, Roberts optou pelo género brilhante, mais de harmonia com o seu temperamento, e diz-se que entrava nos portos ao som de tambores e trombetas, com o pavilhão negro desfraldado. Conta-se também que ele vestia, para o combate, um trajo de damasco carmesim bordado a ouro e ostentava no chapeu uma pluma vermelha. Ornava-lhe o peito uma pesada cadeia de ouro donde pendia riquíssima cruz de diamantes. Tudo isto tornava a sua figura, segundo afirma Johnson, «tão terrivel como majestosa».

Bastante humano para um pirata, Roberts restituia os navios aos seus comandantes após tê-los pilhado. Era, além disso, muito piedoso, condenava o jogo e sómente bebia chá. Não tinha, porém, suficiente poder para interdizer o rum aos seus homens e foi isso o que os perdeu a todos.

Em 1721, próximo do cabo Lopes, na Africa Equatorial, Roberts foi encurralado por dois navios de guerra britanicos. Empedido de escapar devido á embriaguez da sua equipagem, aceitou bravamente o combate e tombou com uma bala na garganta. «Logo que ele morreu, lançaram-no ao mar com todos os seus ornamentos, conforme o desejo que sempre havia manifestado». Desesperados com a morte do seu chefe, os companheiros de Roberts correram todas as costas «como insentatos, sem curarem da própria defesa». Cinquenta e dois foram enforcados na praia de Capz Coast Castle, na Costa do Ouro. Um deles, a quem se falou do Céu, exclamou: «Ouviu-se já alguma vez dizer que um pirata tenha entrado no Céu? Quanto a mim, quero ir para o inferno, onde se deve estar bem melhor, e, logo que ali chegue, saudarei Roberts com treze tiros».

Entre os piratas do Atlantico há ainda a mencionar o francês Jean-Thomas Dulaien, que, em 1728, tomou quinze barcos com os seus dois navios, o «Sem-Piedade» e o «Sem-Quartel». Dulaien fez reparar este ultimo na ilha da Tartaruga e, enquanto os seus companheiros ai trabalhavam, fugiu com o outro navio e o tesouro, gritando-lhes: «Adeus canalhas! Vou para França e não sou mais pirata!». E o certo é que este émulo do capitão Morgan teve artes de arrancar ás autoridades uma amnistia, com a condição de entregar tudo o que possuisse, muito embora depois tenha sido acusado de ter escondido o melhor em lugar seguro.

Resta agora falar dos piratas que, no século XVII, assolaram o oceano Indico, onde os navios portugueses e os da Companhia das Indias, que sem cessar o cruzavam, constituiam presa bem desejável.

A perspectiva de um rendoso sa-que de mercadorias exóticas de grande preço, geralmente transportadas em navios largos, pesados e mal defendidos, bem como a existência de uma providencial base de abastecimentos na grande e selvagem ilha de Madagáscar, tudo isto era de molde a tornar o oceano Indico uma irresistível atracção para os piratas e foram muitos os que para ali se dirigiram. Para abreviar, porém, limitar-me-ei a referir sómente os três mais célebres: os capitães ingleses Avery e Hid e o francês Français Misson.

Avery era um honesto comandante da marinha mercante convertido á pirataria. O grande golpe deste capitão foi a captura de um navio do Gran Mongol que transportava, além de grandes riquezas, uma princesa imperial e a sua comitiva. Avery retirou-se então para a baía de Antongil e aí «desposou» a princesa. Esta e muitas outras façanhas criaram-lhe enorme reputação na Europa, onde lhe chamavam «o rei de Madagáscar». Tendo adoecido gravemente, Avery teve de reentrar em Inglaterra e aí viveu algum tempo escondido; mas tendo caído nas mãos de ladrões maiores e mais hábeis do que ele, acabou por morrer na miséria.

O capitão Kid, que já hoje desfruta celebridade cinematográfica, era também comandante da marinha mercante e conceituadíssimo burguês. Encarregado pelo rei, em 1696, da repressão da pirataria no mar das Indias, depressa verificou que a profissão de pirata era bem mais lucrativa e a ela se dedicou com eficiente entusiasmo. Teve no entanto o cuidado de desempenhar duplo papel, guardando segredo das suas actividades á margem da lei. Finalmente, após ter enterrado o seu fabuloso tesouro, de que ainda só se encontrou uma parte (duzentas barras de prata e numerosos sacos repletos de ouro), Kid regressou a Inglaterra com a aparência mais inocente que lhe foi possivel arranjar.

Mas as suas proezas no oceano Indico tinham feito demasiado ruído e os protectores que ele tinha comprado temeram pela sua própria segurança. Acusado, ainda para mais, de ter assassinado um seu artilheiro num momento de colera, Kid foi julgado, condenado á morte por enforcamento e executado a 23 de Maio de 1701. O seu corpo, conservado em alcatrão, balançou-se durante muito tempo na «Execution Dock», na margem do Tamisa, para edificação dos seus contemporaneos.

Ficará para o próximo (e ultimo) artigo aquele que considero o mais interessante pirata de todos os tempos: François Misson. Porque nesse amálgama de elementos anti-sociais que constituiram o «lumpenproletariat» dos mares, Misson, pelos seus interesses humanitários, constitui um caso á parte. E é bem sintomático que o símbolo por ele escolhido tenha sido, em vez do clássico pavilhão negro, uma bandeira branca com a figura da liberdade.

SAIBA COMER

BOA SOBREMESA

Com o calor, os queijos começam a deslaçar. Escolha, então, os queijos de pasta cozida como o Gruyère ou semelhantes, que já os temos nacionais e muito bons. Se gosta do queijo mais «forte», misture o queijo Gruyère, esmagado, com parte igual de manteiga e ponha a pasta assim obtida, numa

forma de queijo, para lhe dar um mais agradável aspecto. Verá que o seu truque é muito apreciado. Mas tem, também agora os queijinhos frescos, com ou sem sal. Coma-os com morangos e verá a boa sobremesa que encantará toda a gente...

Aproveite a fartura da fruta para fazer saladas. Cerejas, morangos, framboesas, combinam admiràvelmente. Lave bem a fruta e só no final deite o açucar. E um meio limão espremido. Refresque a salada, mas sem gelar — que o frio tira o sabor á fruta.

E pense nas compotas que poderá fazer com a fruta menos madura e menos bonita para ir á mesa...

Se tem insónias, pense no seu jantar

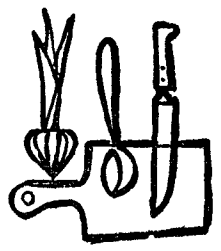
E' um erro pensar que deve deitar-se sem comer, lá porque sofre de insónias. Pela noite fora, o estomago começa a dar sinal de si... e então, adeus sono, de verdade.

Para dormir, não há como pensar que vai dormir. Porque nada há pior que uma pessoa pensar que vai ter uma insónia... Tem mesmo.

O jantar deve ser ligeiro, embora, mas não deve ficar esquecido.

Os excessos de comida á noite podem ter sérios inconvenientes. Se depois da refeição do meio-dia provocam sonolência, á noite têm sérios perigos e podem provocar um estado contrário: excitar e afugentar o sono. Mas também o jejum prolongado pode provocar crises de glecemia, seguidas de suores e agitação. E adeus, sono!

O jantar de quem dorme mal, deve ser frugal: uma sopa espessa, para evitar os volumes no estomago; um prato de legumes verdes com um pouco de manteiga; fruta e queijo, em pequena quantidade. Evitar, portanto a carne e as féculas que tendem a fermentar.



Os legumes, em particular, são recomendados, pois tranquilizam. Mas claro que não há frutas nem legumes com a propriedade de provocar o sono, por muito tranquilizadores que sejam. Contudo, duas saladas merecem a preferência: a chicória e a alface cruas ou cozidas. Oferecem, na verdade, propriedades sedativas provocam o relaxe da noite e preparam o organismo para o sono. Também as frutas podem ter o mesmo efeito, mas as pessoas de intestinos frágeis devem fugir de grandes quantidades de fruta crua.

UMA
REVOLUÇÃO
NA
VIDA DO LAR!

uma SÓ máquina
para DOIS trabalhos...

...LAVAR
E
SECAR

Experimente a ultra-
-moderna máquina

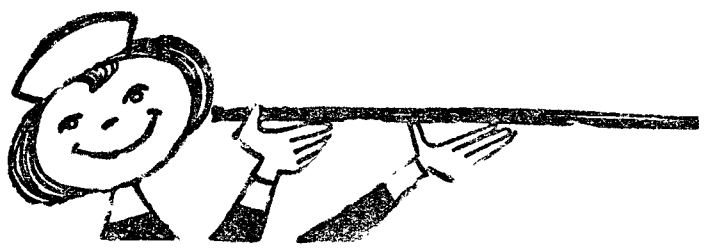
ALBA-CYGNUS

EM EXPOSIÇÃO
E VENDA
NOS STANDS DE

Frigaz

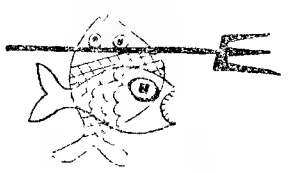
Rua Maria, 43-C — Telefone 84 91 03

Uma representação



GANAPES DO MAR

Partir em pedacinhos qualquer especie de marisco. Juntar azeitonas pretas picadas, sumo de limão, um pouco de pimenta e uma pitada de molho inglês. Misturar



tudo com uma «bechamel» espessa e meter em cavidades de massa folhada ou tigelinhas de queijo, se não quer ter trabalho. Sirva com salada de tomate e pimentos (pode assar ambas as coisas. Para isso ponha na grelha e depois rápidamente em água fria para empolar a pele e ser mais fácil retirá-la).

SALADA DE TOMATE

Claro que é muito fácil fazer uma salada de tomate. Mas queremos aqui referir-nos a «uma boa salada de tomate». Primeiro que tudo, convém tirar-lhes a pele; depois cortar em fatias e tirar as sementes. Deixar escorrer sobre um guardanapo e preparar o molho seguinte: dissolver mostarda em azeite, pimenta e um pouco de sal. Salpicar de salsa picada.

Esta salada pode aparecer sózinha ou acompanhada com batatas cozidas, ovos igualmente cozidos, peixinhos, etc., segundo o gosto e o regime de quem a come.

ARROZ DE ATUM
(para quem tem pressa)

Coza o arroz em água com muito pouco sal; quando esta quase cozido, deite meio cubo de sopa de carne desidratada (das que se vendem no mercado e a senhora deve ter em casa para o que der e vier). Deite a mexer, depressa, uma lata de bom atum em conserva. Retire ao lume e sirva imediatamente. Com uma salada crua este será um bom almoço, agora nestes dias em que o calor tirou o apetite.

DOCE ECONÓMICO

Desfaça num mínimo de água 12 bolachas torradas. A parte faça uma calda de açucar não muito apertada e deite as bolachas desfeitas. Junte duas ou três gemas de ovos e leve ao lume a cozer. Deite as claras em castelo bem firme. Ponha em taças ou travessa e polvilhe com canela. Que saboroso e económico «Doce de amor»!

O Mês de Julho
no cesto das compras

Não é este em que estamos, um mês famoso para as donas de casa. A criação diminuiu bastante; os ovos começam a rarear e, consequentemente, a encarecer. Mas as refeições, essas continuam inalteráveis na sua periodicidade, na sua constancia e na necessidade de variar conforme a temperatura.

Temos o recurso da carne do talho, os cabritos, os borregos, a vaca e a vitela; e, para quem gostar, a carne de cavalo. Não é pior que qualquer outra, se pensarmos que também o boi é um animal de trabalho. Porquê a aversão á carne de equídeos? Outro lugar comum que é necessário destruir; a carne de cavalo é muito mais barata que a de vaca e é uma carne de excelente qualidade.

Mas, compensando a falta da criação e a carestia dos ovos, enquanto pensamos se devemos comprar ou não a carne de cavalo, vamos olhando os legumes. Que farturinha! Tomates, pimentos e pepinos — que optimas saladas!... As couves-flores, tenras cenouras a boa abóbora-menina — que purés saborosos!... E com tudo isto, que frescas e coloridas saladas o bom gosto feminino não será capaz de improvisar?...

As ervilhas começam a faltar; ou são já secas. Não compre ervilhas sem reparar se a casca é rija, firme e brilhante; e se estala ao abrir ou quando simplesmente a remexe. Então, não tenha receio de a comprar; é fresca. E como a ervilha tantos e tantos pratos pode preparar, desde a sopa ás saladas!

Mas, o fruto que convém ter sempre na nossa mesa, pelos multiplos benefícios que nos traz, é, sem duvida alguma, o tomate. Não aquele que encontramos todo o ano nos mercados, conservado em serradura. Não; mas aquele que agora começa a surgir — o bom tomate saloio, vermelho e carnudo, cheio de vitaminas e saude. Aproveite-o em todos os temperos, em todos os molhos e... em sumo. Use, regularmente, o tomate, na sua mesa.

Se gosta de couve-flor, não esqueça de que deve cozê-la em duas águas, ou, melhor, escaldá-la antes de a pôr a cozer, a fim de a tornar mais digerível. Nesta simples operação, consiste o segredo da boa digestibilidade desta saborosa couve. Não só saborosa, mas bonita, um prato que pode ser apresentado com as iguarias mais delicadas, pelo seu bom aspecto. Que fazer, então? Muito simples: dá-se-lhe uma meia cozedura; deita-se a couve noutra água limpa, mas que esteja em ebulição e temperada com o sal conveniente. A couve-flor dá belos acompanhamentos, simplesmente temperada com azeite e vinagre ou metida no forno com diversos mólhos e polvilhada com queijo ralado.

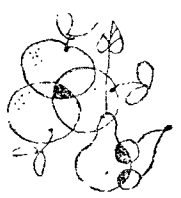
As cenouras têm inumeras aplicações. Cruas ou cozidas dão lindos pratos de salada, que pode acompanhar a carne assada.

E uma vez que veio o calor — ou pelo menos que está para vir — pense nas saladas, verdadeiras curas de saude e de beleza.

Para um almoço de domingo — se espera visitas ou não — lembre-se dos mariscos. E' nesta época que as lagostas são mais baratas. Escolha algumas, pequenas, e faça uma boa salada com os legumes que já indicámos. Pouse durante a semana, para esta extravagancia: os frutos do mar são tão bons para a saude, como os das árvores. Não esqueça, minha senhora, que os mariscos não são um luxo. Têm propriedades — e bastas vezes já falámos nelas — que não encontra facilmente noutros alimentos. Aproveite, se está na praia ou perto do mar, para uma boa «caçada»...

O sonho de muitas mulheres
emagrecer

Quando se fala em tal problema, que é o problema de muitas mulheres, o desanimo quase sempre vem á flor da pele. «Não há solução» — dizem elas, desencorajadas — os medicamentos são perigosos, tenho medo de arranjar alguma doença, etc., ás vezes deixo de comer a uma refeição, mas no seguinte tenho de



me desforrar, a fome é muita».

Ás lamentações são mais ou menos parecidas. Periodos de fome seguidos de grande quantidade de alimentos, muitas vezes aqueles precisamente que se deveriam evitar: os bolos, por exemplo.

Ora, tudo isto é errado. O progresso da Dietética nestes ultimos anos permite a cura de emagrecimento como um meio seguro de tratar muitas doenças. Tratar ou evitar, o que é bem mais importante, tão importante como ingerir remédios.

Toda a arte da Dietética consiste em combinar os alimentos autorizados, de forma a arranjar ementas com todas as calorias necessárias e suficientes para o bom equilibrio do organismo.

O ideal é, pois seguir uma ração calórica de emagrecimento destinada a substituir, diáriamente, ou alguns dias na semana, a refeição do meio dia, aquela em que, geralmente, se come mais.

Em que consiste, pois, essa refeição? Em combinar, judiciosamente, os elementos que nos são necessários para um bom funcionamento organico; as gorduras os acucares e as substancias minerais.

Mas esta combinação deve ser de responsabilidade medica. Contudo, a mulher que não siga, a risca, as instruções do clinico e sobretudo que «não tenha força de uns quilitos a mais...

SABE COMER
QUEM SABE ESCOLHER
nos restaurantes

Rua do Arsenal, 48, 52—Tel. 30142

R. dos Correeiros 125 129—T. 28277

L. do Corpo Santo, 4 e 5—T. 21558

Rua de São Paulo, 96, 98—Tel. 25017

TODAS AS VANTAGENS
DA COZINHA CASEIRA
e dum serviço rápido e económico

O sr. M. A. V. escreve-nos uma amável carta a pedir que declaremos neste jornal que ele escreveu uma amável carta. Por nos ser pedido e ser verdade, se passa o presente atestado que se publica em MAGAZINE, para os devidos efeitos. Entretanto continuamos a não saber quem seja o senhor M. A. V.

O vencedor desta semana, o sr. Arménio António Pereira, R. Trindade Coelho, 3, Parede (Gato Selvagem Que Deus Haja), remete-nos uma enciclopédia lacrimosa que vai desde o marido comerciante (porquê comerciante?) a ele próprio. Eis a dissertação completa, publicada numa só edição e sem comentários nem prefácio:

ESTÁ PROVADO QUE O CHORO É UM GRANDE INSPIRADOR DE OBRAS DE ARTE... E DE RISO. O VENCEDOR, QUE JÁ TEM CADASTRO NA «CENTENÁRIA», ENVIOU-NOS UMA «ENCICLOPÉDIA DA LÁGRIMA». O RESTO QUE O LEIAM OS LEITORES A SEGUIR.

«CHORO»

Visto por um marido comerciante: O choro de minha mulher, é corrente de água que lhe serve para manter conta-corrente na minha carteira.

Sentido por um xadrezista romantico: O choro de uma mulher bonita é cheque-mate no meu coração!

Definido por um solteirão, reformado do exército: O choro é arma usada pelas mulheres, tele-dirigida ás defesas masculinas.

Analisado por um químico: O choro é liquido essencialmente feminino, poderoso dissolvente dos corações masculinos.

No diagnóstico dum médico: O choro é espasmo doloroso que, em certos casos de afinidade conjugal, provoca lágrimas na mulher, que o marido sente na carteira.

Solfejado por um musico: O choro é sinfonia em dó menor... por causa das notas...

Observado por um electricista: O choro é um liquido condutor cujo lado positivo e diminuir-me a resistência e provocar-me curto-circuito á massa..

Analisado por um gramático: Choro é um tempo do verbo chorar que, se for enunciado a tempo, tem o predicado de fazer com que o sujeito concorde e conjugue o verbo dar. Para certos sujeitos, é tempo perdido.

O choro visto por uma cantadeira: Choro... é fado!

Choro político: Discurso tendendo á justificação do azar com que vivemos...

Chorado por mim: Vocês não têm por acaso uma nota de cem para me enviarem?

Desculpem, mas
Quem não chora, não mama...

O sr. Pereira nunca deve ter mesmo chorado tão bem na sua vida e com efeitos tão «centenários» como desta vez... Claro, claro: quem não chora, não... Mas como vê, não se trata apenas de uma arma secreta feminina. O senhor, tem a mania de ser racista, mas é como o gato escondido com o rabo de fora.

O sr. Franklin Ferraz dos Santos Marques (Lisboa) enviou-nos, dentre várias definições, duas boas que merecem ser registadas. Eis a primeira:

CHORO é uma nascente de água salgada onde se afogam os patos.

E os vivaços, meu amigo! Tenho lá visto muitos, até a tomar semi-cupios, já gagás de todo. Ninguém diga deste choro não beberei.

A segunda graça (também ferozmente antifeminina):

CHORO — mina de sal que elas exploram engenhosamente na extracção de gemas.

Para gemadas, não?

O sr. José Marques Correia (Lisboa) fez esta enorme descoberta:

CHORO: um paradoxo! Tão fácil nas mulheres, tão custoso nos homens.

Mas está certo disso? Não tem mesmo a menor duvida? Você já viu que não há nenhum comerciante que não chore que os negócios estão cada vez piores? Já reparou que «na ocidental praia lusitana» o choro é o dialecto mais usado por toda a gente, sem exclusão de sexo?

Bem o diz o sr. Alfredo Maia Pereira (Tomar):

CHORO é a justificação da mama.

E quer coisa mais lacrimosa do que este desabafo rimado do sr. João Dias Lourenço (Sintra):

CHORO: é o que se sente por um amigo ausente que podia estar presente mas não se consente.

Tremendo! Se não fosse a definição que nos mandou a sr.ª D. Maria da Conceição Tomás (Lisboa), arruinar-nos-íamos de comoção:

CHORO — afirma, e com toda a justiça, aquela leitora — e a expressão máxima duma grande alegria.

O sr. E. Lass (Coimbra) diz o contrário:

CHORO — é um desgosto liquefeito.

O sr. José António (Lisboa) pede-nos encarecidamente que publiquemos a 100.ª edição desta graça, dedicada á «Querida»:

CHORO—é o disco que «Elas» nos apresentam quando precisam dalgum ...$... Disco esse que está riscadíssimo.

O pior é se a publicação desta graça vai valer ao sr. José António algum galo ou um olho ao peito...

O sr. Silvestre Gaudêncio (Unhais da Serra) diz-nos o seguinte:

CHORO:
Definição poética: E' a destilação do Pensamento.
Definição prosaica: E' o consolo dos que não têm lambreta.
Nas crianças: é natural.
Nos homens: uma vergonha.
Nas mulheres: sabe-se lá...

E fiquemos na duvida.

O sr. Rollin de Macedo (Lisboa) propõe-nos a palavra

Assim seja. As resposta com nome completo e morada dos concorrentes, devem estar em MAGAZINE, Rua Luz Soriano, 44 a 48 até ao próximo dia 31 de Julho.

GANHE 100$00 com um sorriso nos lábios

Vai para férias?

(Continuação da 3.ª página)

tembro é menos oneroso que Julho e Agosto. E repare que, ultimamente o mês de Setembro se apresenta mais ameno que aqueles a que os nossos avós ou mesmo os nossos pais chamavam «plena estação». Agora, nos nossos dias, a «plena estação» está um pouco deslocada. Mas não o diga a toda a gente, sem ter antes, aproveitado essa oportunidade. Se não tem filhos com exames, pode, por isso mesmo e pelas razões acima, partir logo em Junho, ou esperar o fim do Verão. Se tem de ir para a F. N. A. T., então, minha senhora devia ter pensado nisso muito mais cedo. Porque agora... nunca procurou agulha em palheiro? Pois, experimente arranjar lugar na F. N. A. T.... (não se esqueça, depois, de me dizer onde passou as suas férias).

Não se esqueça, antes de partir, de se informar dos preços, das condições de conforto, se deve levar D. D. T., etc., etc.

Se resolveu por razões que bem conhecemos, dedicar-se ao campismo, não o faça repentinamente. Experimente ser prudente e aclimatar-se primeiro, ou nos arredores da cidade ou... mesmo no quintal (num pulo está na cozinha, ou poderá, ás escondidas fazer uma soneca na sua cama. E digo ás escondidas, porque de contrário, adeus férias!). Este sistema das casas de lona, em sítios que muitas vezes não têm recursos, só pode ser adoptado por gente calma, gente que não pense, durante alguns dias no conforto do lar e não esteja sempre a suspirar pelo regresso. Nunca é demais lembrar o optimismo com que deve abastecer-se antes de partir. E, se optar pelo campismo, por amor de Deus, não recorra ao velho processo de levar o frigorífico, o guarda-vestidos, a mesa de jogo a secretária do pequeno lá porque ele «chumbou», os vestidos — sacos em que quase não cabe, nem esses horríveis saltos. Cuidado com as entorses; não queira que o seu marido passe as férias a andar consigo ao colo, só com o pretexto de que veio para gozar e não para ficar sentada, como qualquer velhota.

de oiro, com uma mala debaixo do braço. Desceu, apressado, do seu «Morris» azul e mandou chamar todos os inquilinos.

—Meus senhores! — começou ele, muito sério. — Vai construir-se um novo prédio neste lugar. Venho avisá-los, a mando do dono destas terras, que terão de sair para o mês que vem. Mas estejam descansados, disse o homem, com o braço no ar, e olhando um a um os inquilinos, cada qual receberá a indemnização da lei, que orça pelos dez contos de réis!

António Moreno ficara atónito com a notícia bizarra. Ao fim de sete meses de permanência num sítio tão triste, ia receber um dinheiro daquele tamanho, um dinheiro salvador. Havia de o deitar fora? Os ricos inventavam cada uma! Hum, isto trazia água no bico... Os ricos davam dez para receber depois cem, senão para que lhes servia ser ricos? Mas enfim, ele abandonaria a casa da mesma maneira, com certeza que não o haviam de incomodar depois...

—Oh Bia! Tás a ouvir?...

Esta tremia de jubilo, com os seus lindos olhos de água:

—Tou!...

—Mas será verdade o que se está passando?... Porque é que os ricos se lembraram de nós, Bia? Nunca se viu!...

—Não sei...

Quando o homem se foi embora, António Moreno pensou, repensou e daí a nada, sentado no poial da porta, disse á irmã, aparentando uma grande calma:

—Ah! Maria Jacinta, o destino, ás vezes, é uma coisa muito bonita. Com este dinheirão, o que a gente não faz!... Ainda foi bom, vês, experimentarmos a vida de uma cidade barulhenta. Compro-te um xaile novo, ai compro!, uns sapatos novos, um casaco de malha, rapariga, para estreares no dia do teu casamento! Arranjamos o quintal da nossa casa, o Zé Bento vai morar connosco, queres?, e vamos também comprar uma lousa para a sepultura dos nossos pais, uma lousa que tenha uma inscrição muito bela, e semear uma seara de favas na nossa terra!

A mana enrugou a testa, pôs um dedo no ar, feliz:

—Ouve, Tóino! E também havemos de oferecer duas bonecas ás nossas primas mais novas.

—Sim, Maria Jacinta, tiveste uma grande lembrança. Compramos duas bonecas para as meninas e um automóvel de corda para o moço e ainda uma linda pulseira para a mãe deles. Convidamos também o nosso primo Augusto para ser padrinho do teu casamento. Queres?

FIM

—O meu Joaquim chama-me, não sabe o que se passa. Vizinho, se precisar de mais alguma coisa, chame. É só bater no postigo do número quarto.

—Obrigado, minhas senhoras, desculpem a maçada!

As mulheres sairam, chamadas pelos maridos, que regressavam do trabalho.

—Onde estiveste, Tóino?

—A ver o mar...

—Eu não gosto do mar!

—Bem sei. Olha lá! Sabes o que pensei hoje, Bia?

—Não

—Adivinha, se és capaz.

—Não faço ideia, Tóino...

—Quando chegar o mês de Setembro, vamos novamente mudar de vida...!

Anh?! — E a irmã teve um sobressalto, que a abalou.

—É como te digo, tem calma, quando chegar o mês de Setembro, mais dia, menos dia, vamos regressar á vila. Digo-to eu!

—Tóino!

—Sim, vamos embora. Fica descansada, Maria Jacinta.

Os olhos da Maria pareciam duas brasas. Abriram-se, incrédulos, numa grande pasmaceira.

—Falas a sério, mano? — Ó mano, falas a sério?!...

—Falo! Recebi uma carta do mestre da Banda. Queres lê-la?

—Quero...

—Diz-me que lhe faço muita falta. O lavrador do Montinho, quere-me para seu moiral das éguas. O senhor Fortunato quere-me para eguariço. Tás a ver? Mas eu tenho a minha pequena lavoura, ainda vou tentar uma seara de pão... Escrevo hoje mesmo ao Joaquim Pedro,—continuou o mano, como se estivesse a contar-lhe uma linda história de fadas. — Tenho ainda algum dinheiro da mula e vamos ajuntar até lá mais uns bons tostões para a nossa mantença no Inverno. Estás contente, Bia?

—Ai, Tóino, meu irmão!...

Maria Jacinta abraçou-se a ele — e os dois ficaram mais sossegados naquela noite.

Mascar ou não mascar

(Continuação da 1.ª página)

Nada, portanto, mais benéfico para manter firmes e jovens a musculatura facial do que a mastigação lenta, metódica (íamos a dizer irritante), demorada, da pastilha elástica.

O que diz o fabricante

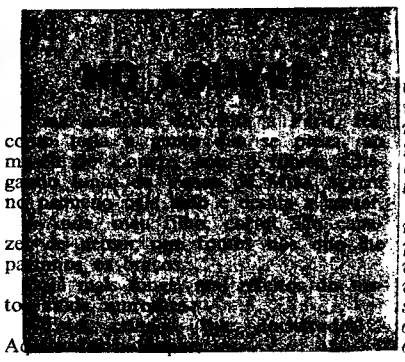
Segundo o maior fabricante e vendedor de «Chewing Gum» — vende

... dá careta ...

a linda cifra de 500 milhões de tabletes em vários países — as pastilhas são fabricadas a partir de produtos naturais: açucar de cana, a glucose ou açucar natural, essência de hortelã-pimenta seleccionada e clorofila. A base da pastilha — «gum» — é preparada com goma de origem essencialmente egetal. A ser verdade, não há nenhuma contra-indicação, antes pelo contrá-

...outras cara de parvo...

rio: podemos concluir que todos á uma, nos devemos lançar ao «Chewing Gum» e dar aos queixos, enquanto tivermos alguma energia e... alguns dentes...



MODERNO USAR ACHA QUE É MODERNO USAR OCULOS ESCUROS?

Começa o sol a estar mais forte. Começam os óculos escuros a aparecer. A maior parte das pessoas, mulheres principalmente, usam-nos porque é moda, porque lhes fica bem, porque lhes dá um ar de mistério, etc.

Mas os óculos escuros são uma necessidade, minha senhora. O sol pode ter uma acção perniciosa na vista, pode causar perturbações graves, dores de cabeça, fadiga ou tensão nervosa. Causa rugas e patas de galinha, forçando-nos a manter os olhos semi-cerrados. Usem, pois, óculos fumados ou óculos de sol, mas saibam escolhê-los.

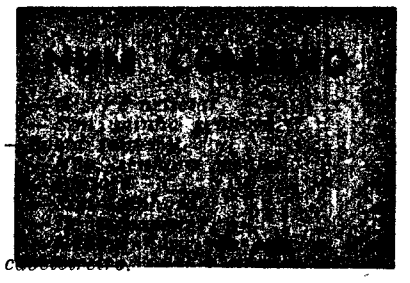
Como fazer a escolha dos nossos óculos de sol?

Há lentes de vários tons e vários preços. Que a forma das lentes seja quadrada, redonda, oblíqua, não interessa — é apenas uma questão de gosto. Claro que devemos adaptar a forma dos óculos á forma do nosso rosto. Como é feio um rostinho miudo atrás de grandes óculos de aros carregados, ou um rosto de lua cheia com uns ridículos aros de metal e pequenas lentes redondas! Tornemos os óculos um ornamento do rosto e não um inestético aparelho médico.

O mais importante depois de atender á estética, é a escolha dos vidros. Certos raios solares são perigosos para a nossa vista, como os infravermelhos e os ultravioletas. Evitemo-los, pois, escolhendo vidros que eliminem destes raios. São os vidros bifiltrantes. A cor dos vidros é também de grande importancia. Não são os mais escuros, os que mais protegem. Pelo contrário fatigam a vista, forçada por eles a um esforço suplementar. As lentes muito avermelhadas modificam as cores dos objectos e dão-nos por isso, uma visão errada das coisas que nos rodeiam. O vidro indicado deve ser aquele que atenua a grande luminosidade da atmosfera, mas conservando os valores exactos das cores.

Nunca escolher lentes de matéria inquebrável, porque são sujeitos a riscar-se e requerem cuidados especiais de conservação.

As crianças de menos de 4 anos são muito sensíveis á luz, pois têm a vista frágil e sensível. Contudo não é conveniente para elas o uso de óculos de sol. Basta que se não deixem muito tempo rodeadas de luz intensa ou uma reverberação muito forte. Depois desta idade, não há inconveniente no uso de óculos escuros, contudo, para elas se devem escolher as matérias inquebráveis.



ULTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL, LDA.

Agua-Mãe
Mais um grande romance

leia
(não pode deixar de ler)

Agua-Mãe
de JOSÉ LINS DO REGO

X

A casa tinha uma pequena clarabóia. Quando vinha a alvorada, o galo era um relógio, cantava na capoeira da vizinha Matilde e já se sabia que eram cinco horas. Pois nessa manhã de fins de Junho, apareceram duas camionetas e descarregaram uma quantidade de tábuas ao lado das casas dos operários. Iam começar a fazer um prédio de rendimento, de três andares, mesmo em frente do pequeno bairro. Não restava a menor duvida que iam tirar a lindeza do Sol ao Pátio do Juncal. Pela manhã, os passarinhos, já não viriam comer com as galinhas. Nem as crianças corriam atrás das borboletas, ou dançavam á roda de uma grande figueira. Com mais três meses de obras, o prédio estava pintado de verde. Parecia um palácio em frente de choupanas.

Maria Jacinta vivia as suas horas de exaltação. Conversava com as vizinhas, já sem nenhumas hesitações, confessando que tinha um namorado na vila chamado Zé Bento...

O mano levara-a um dia ao Jardim Zoológico a ver os ursos e os macacos Fora um deslumbramento. O mano levara-a também a passear, numa quente tarde de Agosto, á serra de Monsanto. Visitaram a casa dos primos umas poucas de vezes. Da ultima, deram a notícia: «Iam-se embora! O primo que desculpasse a acção, mas iam-se embora. Tinham saudades, não se adaptavam, sentiam-se morrer de tristeza, de uma mágoa que só os Alentejanos sabem sentir... A Maria Jacinta recebera uma segunda carta do Zé Bento. Iam casar. Que desculpasse o primo Augusto, era o destino!»

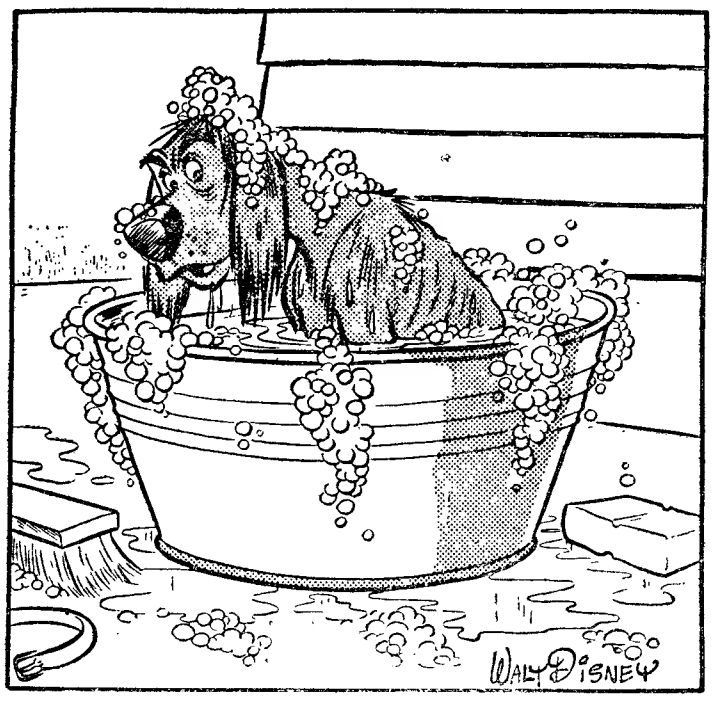
O primo batera-lhe nas costas:

«Tenho muita pena, rapaz, compreendo perfeitamente a tua situação, mas tu aqui ias longe!... E abanando a cabeça, convicto: «Ai isso é que ias, António, convence-te dessa!»

As vizinhas, por sua vez, queixavam-se, numa tarde de muito calor, que o Pátio, cercado e sem luz, parecia uma prisão... Como de facto. Tiravam a lindeza do Sol ao Pátio do Juncal. Já não vinham os passarinhos... Já não vinham as borboletas... Só uma nesga de céu, um fio de Natureza...

Vai quando, num sábado, chegou um homem vestido de preto, de dentes

Que desilusão!...



— E julguei eu que me estavam a assobiar para o jantar!

UMA VEZ POR OUTRA

As moscas das Termas

Aquele senhor era um dos mais antigos frequentadores das termas. Os seus padecimentos não podiam dispensar aquelas águas e, só por isso, as não abandonava, apesar do grande sacrifício que para ele representava ter de suportar o mosquedo que infestava o hotel e o balneário.

Todos os anos ao pagar a conta jurava e trejurava nunca mais lá pôr os pés, mas os seus males agravavam-se e ele via-se obrigado a ir servir de pasto ás moscas que, pelos modos, também não podiam passar sem a sua cura de sangue do velho cliente.

No hotel, pela muita consideração que lhe merecia o hóspede, tinham tentado, mas sempre em vão, todas as formas de extermínio dos terríveis dípteros, desde a repugnante tira de papel dependurada nos candeeiros, até ás mais modernas bombas atómicas que se designam por cores e letras, e que, de certo modo, sempre dão algum resultado noutros meios onde a invasão não é tão avassaladora. Ah, porém, tudo era debalde.

As moscas proliferavam em perfeita progressão geométrica como as populações do globo, segundo o computo das estatísticas e dos censos da população.

Naquele ano, porém, quando o velho e fiel mas sempre revoltado cliente voltava ao seu estágio do 20 dias para se livrar de mazelas por outros 365, ficou verdadeiramente surpreendido, apenas pôs pé no átrio do hotel, ao vê-lo completamente limpo de moscas. Nem uma! Grande vitória do homem sobre o sempre renitente inseto invasor! Que maravilhoso produto produzira a ciência moderna contra o temoso díptero?

Exultante de alegria, pediu a comparência do gerente do hotel que prontamente apareceu e lhe caiu nos braços:

— Quero felicitá-lo, antes de mais nada, pela sua extraordinária obra de saneamento! Nem uma mosca! Como conseguiu o senhor uma maravilha destas?

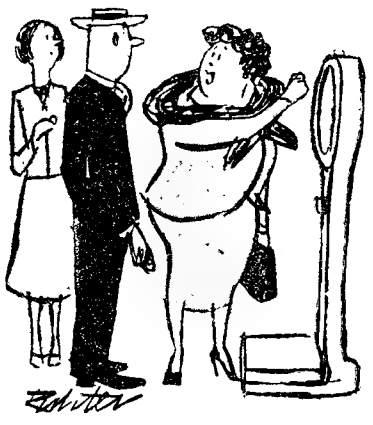
Surpreendido, o gerente que ainda não tinha dado por tal, exclamou entre perplexo e intrigado:

— O quê? Não há moscas? E, logo refeito do seu assombro, consultando o relógio de pulso, acrescentou:

— Ah! São horas do almoço. Estão todas na casa de jantar.

ALFREDO FRANÇA

CORAGEM!



— E' só um momento. Estou apenas a tomar coragem.

Grande sarilho

O médico deu instruções a sua nova empregada:

— Depois das seis horas não atendo ninguém. Ninguém, ouviu?

A empregada quiz ainda esclarecer-se melhor e perguntou:

— E se disserem que é um caso da maior urgência?

— Você responde que isso é o que todos costumam dizer. Eu não atendo ninguém.

Dali por momentos apareceu uma senhora:

— Eu quero falar ao sr. doutor.

— Ele não atende ninguém depois das seis horas.

— Mas eu sou a mulher dele.

— Isso é o que todas dizem.

Manda a moda quando m'nda

A moda de Paris manda descer as saias. -- (F. P.).

Manda a moda nas senhoras
Quando a moda lhes agrada,
Mas não stão com mais demoras
Não lhes dando seus emboras
Se delas não gostam nada.

Se a moda esta de feição
A fazer subir as saias
Tem geral aprovação
E vê a gente que então
Logo a adoptam as garraias.

Mas se acaso o costureiro
As puxa um pouco p'ra a terra
Inda há-de vir o primeiro
Que elas sigam por inteiro
Sem lhe fazer grande guerra.

Dizem ou pensam pio menos,
Que a moda só é prazer
E não coisa de somenos
Quando opinem os pequenos
Que o que é bom é p'ra se ver.

E que isto assim tem de ser
Já o ouvimos referir
Numa cantiga qualquer:
É que as saias a descer
Custam mais do que a subir.

A. F.

A verdade dos provérbios

De Espanha nem bom vento nem bom casamento; só contrabando.

*

O que não mata engorda o dono do restaurante.

*

Cada cabeça sua sentença, mas sempre pior que as outras.

*

Cada um sabe as linhas com que se cose, mas só «cada um», nunca «cada uma».

*

Todos nós somos filhos de Adão e Eva e é porque não podia deixar de ser.

*

A Cesar o que é de Cesar, se ele estiver a olhar.

*

Honra e proveito não cabem no mesmo saco, porque o proveito enche o saco todo.

*

Em mesa redonda não ha cabeceira; o que é preciso é que haja que comer.

*

Dar o seu a seu dono. O seu dele, claro.

*

Honra sem proveito faz mal ao peito das senhoras.

*

A honra não se herda; o diabo é que alguns herdeiros não se habilitam a heranças.

*

Os ultimos serão os primeiros. E o que pensam certos passageiros que estão á espera do «eléctrico»

*

Ninguém se envergonhe de perguntar o que não sabe porque em geral a pessoa a quem se pergunta ainda sabe menos.

*

Duro com duro não faz bom muro, por isso é que o Urrutia não se entendeu com o Fidel Castro.

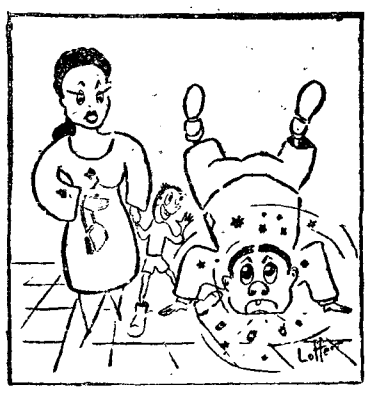
*

Come para viver não vivas para comer os outros.

*

Bole com o rabo o cão — não por ti, se não pelo pão. E tu não fazes o mesmo porque não tens rabo

Cena familiar



— Que brincalhão que tu és, Chico. Nunca deixas o pequeno sossegado.

Piadas frescas

Ele tinha sempre umas piadas tão frescas para contar que as raparigas, no Verão, andavam sempre á volta dele. E ás vezes algumas até se constipavam. E se não chegava a haver pneumonias é que os pais ás vezes sabiam da coisa e davam-lhes um calor.

UM GRANDE HOTEL

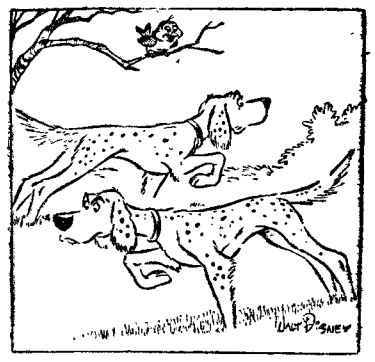
Temos em Lisboa o melhor hotel de Portugal. Vamos a ver se se consegue ter os melhores hóspedes do Mundo.

A CONTA

Medico é um sujeito que nos salva da morte só para que tenhamos tempo de lhe pagar a conta.

Só assim se explica que, quando um cliente agradecido procura o médico que o salvou para lhe agradecer, declarando com efusão: — Doutor, devo-lhe a vida é quase certo ouvi-lo exclamar: — O que o senhor me deve é a conta das visitas que lhe fiz.

Desarmonia



— Então que há, meus filhos? Divergência de opiniões?

MODERNISMO

— Isso que você ai pintou é uma mulher ou um camião?

— Ora ai é que está a beleza do modernismo. Se você gosta de camião é camião; se gosta de mulher é mesmo mulher.

— Ah! então, sim. Eu gosto mais de melancia. É melancia.

QUE BOM!

Quando entrou a nova criada a senhora deu-lhe as suas instruções, terminando assim:

— E, é claro, cá em casa serve-se o café na cama...

— E só depois é que me levanto? — perguntou a criada encantada.

O menino e o cinema

Aquela senhora que queria entrar no cinema com o filho de seis meses ao colo perguntava muito indignada:

— Mas que mal pode fazer o cinema ao meu filho tão pequenino? Julgam que ele já percebe alguma coisa da fita?

História

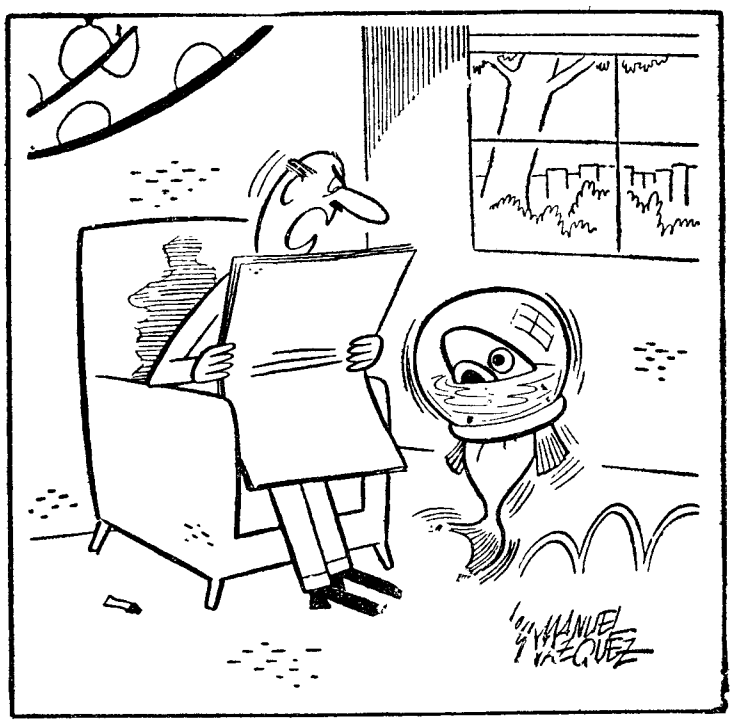
O professor explicava ao seu curso com uma paciência evangélica que, segundo a mitologia grega, quem sustentava o Mundo era o gigante Atlas. E interrogáva logo a seguir:

— E quem sustentava o Atlas?

E logo um aluno, muito século XX explicava:

— Acho que ele era casado com uma senhora muito rica!...

BOM DONO



— Está bem. Deixa estar que hei-de comprar-te um aquário maior.

De uma semana para a outra

DIA 18

EM PORTUGAL — O Presidente da Republica presidiu ao encerramento do ano lectivo do Instituto Superior de Agronomia. ✱ O ministro da Educação do Brasil visitou estabelecimentos de ensino de Lisboa. ✱ O ministro da Marinha condecorou o almirante Alves Leite, que atingiu o limite de idade. ✱ O ministro do Ultramar chegou a Luanda.

NO ESTRANGEIRO — Demitiu-se do cargo de presidente da Republica de Cuba o dr. Miguel Urrutia. ✱ Consta que os ocidentais têm novo plano para Berlim. ✱ O Fundo monetário internacional fixou o cambio da peseta: 60 para 1 dólar. ✱ A Salisbury chegou o governador-geral de Moçambique, em visita oficial. ✱ O espanhol Bahamontes ganhou a volta á França em bicicleta.

DIA 19

EM PORTUGAL — No estádio Nacional o Benfica ganhou a Taça de Portugal, vencendo o F. C. do Porto, por 1-0. ✱ Na torre de Franqueira, Barcelos, foi homenageada a memória dos alcaides do Castelo de Faria. ✱ Em Silves, os ministros das Obras Publicas e da Educação inauguraram importantes melhoramentos. ✱ Melhoramentos também foram inaugurados em Aguiar da Beira. ✱ Morreu o general Ramos de Miranda, com 90 anos de idade.

NO ESTRANGEIRO — No Iraque há incidentes que ameaçam o país de guerra civil. ✱ Em França foi descoberto mais um grupo de terroristas argelinos. ✱ Estão em greve os estaleiros franceses do Ródano. ✱ Terminou a greve dos marítimos italianos.

DIA 20

EM PORTUGAL — Anuncia-se que o programa geral do II Plano de Fomento mantém as linhas-base do Governo, com 31 milhões de contos. ✱ O Presidente da Republica recebeu a missão do distrito do Porto que lhe agradeceu a sua visita ao Norte do País. ✱ O ministro da Educação do Brasil visitou Evora. ✱ O sr. dr. Costa Leite (Lumbrales) falou no Instituto de Altos Estudos Militares sob as despesas militares sob o aspecto económico e financeiro. ✱ O ministro das Obras Publicas continuou a sua visita ao Algarve.

NO ESTRANGEIRO — A Espanha foi admitida na Organização de Cooperação Económica Europeia. ✱ Nikita Kruchtchev adiou a sua visita á Finlandia, Noruega, Suécia e Dinamarca. ✱ O Ocidente rejeitou a proposta russa para uma comissão pan-alemã e sugeriu que a actual conferência assuma carácter permanente. ✱ Morreu o aimirante Leahy, que foi embaixador americano em Vichy. ✱ A Rainha Isabel encontra-se indisposta e encurtou a visita ao Canadá.

DIA 21

EM PORTUGAL — O Conselho de Ministros aprovou os estatutos do Banco de Fomento. ✱ O embaixador da Suiça entregou as credenciais ao Presidente da Republica. ✱ Passou por Lisboa, o vice-presidente da Republica do Brasil. ✱ Começou, em segunda instancia o julgamento dos indivíduos implicados no abate e venda de carne de burro. ✱ O ministro do Ultramar visitou Moxico e Vila Luso.

NO ESTRANGEIRO — O imperador Hailé Selassié conferenciou com o general de Gaulle, em Paris. ✱ Em Estocolmo, terminou a conferência sobre a criação da zona restrita de livre cambio. ✱ Em Genebra, os ocidentais ameaçaram acabar com a conferência se a Russia continuar com a táctica dilatória. ✱ Chegou á Flórida um barco tripulado por um português que atravessou o Atlantico em 48 dias. ✱ Tropas marroquinas penetraram na Argélia, ocupando território reclamado por Marrocos.

DIA 22

EM PORTUGAL — As legações de Portugal e da Austria, em Viena e Lisboa foram elevadas a Embaixadas. ✱ O encarregado de negócios da Etiópia disse em Lisboa que a visita de Hailé Selassié não tem qualquer objectivo político. ✱ O secretário da Agricultura deu posse em Mirandela ao conselho regional da 3.ª região agrícola. ✱ Regressou de Angola o ministro do Ultramar.

NO ESTRANGEIRO — Em Genebra nota-se grande desanimo nos ocidentais em vista da rejeição por Gromyko das suas propostas. ✱ O imperador Hailé Selaissié I encontra-se em Bayonne. ✱ O almirante Amaral Peixoto é o novo ministro dos Transportes do Brasil. ✱ Foi pedida a prisão do Presidente Manuel Urrutia, de Cuba. ✱ Anuncia-se que havia preparado uma revolta.

DIA 23

EM PORTUGAL — Foram condecorados, pelo sr. Presidente da Republica, os srs. dr. Azeredo Perdigão e D. Manuel de Melo. ✱ No Campo Grande foi inaugurado o busto do actor António Pedro. ✱ Em Fiães, Fine, foi criada a fundação Coelho Castro. ✱ O governador civil de Lisboa visitou os concelhos do Cadaval e Arruda dos Vinhos. ✱ O secretário da Agricultura visitou Bragança.

NO ESTRANGEIRO — O imperador Hailé Salassié celebrou o 67.º aniversário, em Bayonne, acompanhado de sua neta. ✱ Chegou a Moscovo, Richard Nixon, vice-presidente da Republica dos Estados Unidos que procura uma aproximação entre os pontos de vista soviético e ocidental. ✱ Em Genebra diz-se que Nikita Krustchev ameaça tomar decisões unilaterais sobre Berlim. ✱ O general Norstad disse que uma agressão soviética implicará o emprego de armas atómicas pelo Ocidente.

DIA 24

EM PORTUGAL — Entregou as credenciais ao Presidente da Republica o embaixador do México. ✲ Na zona de Santa Margarida continuam os exercícios de fogos reais. ✲ Em Lisboa houve ensaio geral para as honras militares ao imperador Hailé Selassié. ✲ Atigiu o limite de idade o conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, dr. Lencastre da Veiga.

NO ESTRANGEIRO — Os ministros dos Negócios Estrangeiros em Genebra, almoçaram em casa de Christian Herter. ✲ Dag Hammarskjoeld foi convidado por de Gaulle a visitar oficialmente a capital francesa. ✲ Antonio Segni, segundo se anuncia em Roma, visitará Londres. O imperador Hailé Selassié partiu de Bayonne para Portugal.

Apontamentos de linguística e pitorescos da linguagem

Muita gente diz de alguém que se desorienta, que perde o Norte, que disparata «perdeu a tramontana», mas raros serão, nas camadas populares, os que conheçam o significado original desta locução que vem do vocabulário náutico medieval.

Antes da invenção (ou reinvenção) da bussola, conhecida talvez dos chineses já cerca de 1.000 anos antes de Cristo, mas apenas redescoberta e aperfeiçoada no séc. XIV por Flavio Gioja, antes desse passo em frente decisivo na história da navegação, os marinheiros, de noite, guiavam-se pelos astros, que ocupavam, pelo menos aparentemente, um lugar fixo no céu. Essa propriedade, isto é essa posição inalterável, fora reconhecida á ultima estrela da cauda da Ursa Menor, a que ainda hoje se dá o nome de Estrela Polar, dada a sua vizinhança com o Polo Norte. Porém, para os marinheiros italianos esse ponto de referência situava-se do lado de lá do Apeninos e dos Alpes e era assim para eles a estrela do outro lado da montanha de onde a palvra *tramontana*, que nós aceitámos, sem lhe alterar a fisionomia fonética, e que hoje, sancionada pelo uso de séculos, é já perfeitamente portuguesa

CRAVATA

Este atributo, do nosso vestuário, molesto para uns, indispensável para outros, não se usava na Europa Ocidental antes de meados do século XVII. Não existia consequentemente na nossa língua, tal palavra, importada posteriormente do francês. Foi durante a guerra dos Trinta Anos que os oficiais e soldados dos regimentos croatas, da Croácia (hoje Jugoslávia), apareceram ante as tropas gaulesas com o pescoço rodeado por esse laço ornamental. Daí a palavra *cravate*, (adorno) a partir de cravate (povo croata), como corruptela popular de *croate*. A evolução do grupo inicial *cr* para *gr* é normal na nossa língua. Daí que se tenha aportuguesado *cravate* para *gravata*.

Recorda-se, a propósito, que também a palavra *chapéu* é de muito antiga origem francesa, pois foi introduzida na nossa língua no séc XV, quando ainda era diferente a pronuncia do termo francês. E venham os rigorosos puristas, quantas vezes incapazes de escrever com gramática e elegancia, falar-nos a todo o momento de galicismos. As línguas fazem-se com materiais de diversas origens.

VERMELHO

A palavra *vermelho*, que designa o encarnado cor de sangue, tem como étimo *vermiculu*, ou seja, pequeno verme, nome dado ao molusco que segregava a purpura. A evolução fonética que na palavra se deu consistia na queda do *u* postónico e na natural passagem do grupo *cl* medial, assim obtido a *lh*.

TIRA-TEIMAS

Excursões

No
Circuito turistico da regiao dos 3 castelos
Todos os domingos e 4.as-feiras
visitando: Cabo Espichel, Serra e Portinho da Arrábida, Setubal, Palmela e Azeitão
AO PREÇO DE 60$00
(visitas incluidas)
Concessionário exclusivo
A Transportadora Setubalense
de
João Candido Belo & C.ª Lda
Marcações em: *Cacilhas:* Posto da Empresa — Telefone 970188 (Almada); Agência Santa Maria — Rua do Ouro, 292 1.º Tel 28686; Turismo Além Mar — Rua Alexandre Herculano, 11-D Tel. 42606; Agência Mocambique — Av. António A Aguiar 9-B Tel 47115

A FIGURA DA SEMANA

Richard Nixon

A visita do vice-presidente americano a Moscovo, sob o pretexto da inauguração nesta cidade de uma exposição-feira do seu país, insere-se numa tendência predominante em certos meios de além-Atlantico, onde há muito se vê a solução das dificuldades actuais num entendimento directo com a União Soviética o que equivaleria a pôr de parte, abruptamente, a orientação seguida nos ultimos anos pelos Estados Unidos e pelas nações ocidentais que com eles se aliaram. Por outras palavras essa tendência, advogada por personalidades eminentes dos dois partidos — republicano e democrático — preconiza o regresso, puro e simples, á concepção rooseveltiana, em curso durante a fase que correspondeu ao fim da guerra.

Não é outro o grande desígnio da diplomacia soviética, pois se a tendência a que nos referimos acabasse por prevalecer, automáticamente se quebraria o sistema das alianças ocidentais penosamente criado nos ultimos dez anos, a começar no pacto do Atlantico, o que constitui o seu objectivo numero 1. Com ou sem fundamento atribui-se ao sr. Nixon uma indisfarsável simpatia por essa política que tem o apoio de forças poderosas, recrutadas nos meios políticos e sobretudo nos meios dos negócios onde o prosseguimento da guerra fria é visto com desanimo e desconfiança. As ligações conhecidas do vice-presidente com esses meios influentes são um argumento para fundamentar a suposição.

Os Russos sabem que os Americanos são sensíveis aos aspectos económico das relações internacionais, de preferência a deixarem-se transviar em abstracções ideológicas e duvidosas conjecturas politicas. Por isso enviaram a Washington, primeiro Mikoyan e agora Kosloü. Estes procuraram influir no espírito dos homens de negócios americanos e que alguma coisa conseguiram prova-o a inauguração da exposição dos seus produtos em Moscovo, a qual serve de pretexto á viagem do presidente. Este pode ter um papel decisivo que, ao que parece, está disposto a representar.

Tirol de Sintra
RESTAURANTE
SALA DE CHA
PASTELARIA
A MELHOR CASA NO GÉNERO
Experimente o nosso esplêndido serviço de RESTAURANTE, BAN QUETES, LANCHES
AV. HELIODORO SALGADO, 5-7-9
Telf. 980505-980556 SINTRA

DE VEZ EM QUANDO...

Pagas intimas

por João Patrício

A vida, a verdadeira vida, a que promana dos naturais e inatos sentimentos da alma e do coração humanos é, em todos os tempos e circunstancias, obra espiritual de amor, quer este traduza a atracção entre seres de sexos diferentes, quer exprima o visceral afecto maternal ou a dedicação fraternal entre membros de uma mesma família ou entre amigos, ou quer ainda se revista da forma de entrega absorvente a uma profissão, a um ideário, a uma crença.

Não acreditamos, portanto, que possa aceitar-se como válida a afirmação, ou a convicção, de que a juventude de hoje afere apenas o sentimento do amor pela medida utilitária e interesseira do vil metal sonante. E' compreensível e, em determinado aspecto humano, que, mercê das dificuldades materiais do dia-a-dia dos tempos modernos e das suas imperiosas exigências, os jovens de hoje procurem, muitas vezes, casamentos de conveniência. Mas não os procuravam também (em épocas mais fáceis) seus pais e seus avós? O que eles hoje procuram sobretudo, como garantia de mais sólida resistência económica do lar que vão criar, é a mutualidade de esforços no trabalho profissional recíproco dos dois cônjuges. Trabalha o homem e trabalha a mulher.

Aceites estas filosóficas premissas, perguntamos por que motivo falar, referido á vida e á literatura, na antinomia de romanticos e não romanticos? As aparências, as roupagens sociais e de estilo é que poderão falsear encobrindo artificialmente, por defesa própria ou por disciplina e subserviência a escolas, os autêntivos e imperecíveis sentimentos do coração da frágil e eternamente emotiva criatura humana.

✱

Rebusquei há dias, com inefável ternura, algumas cartas de amor do grande romantico que foi o inesquecível poeta Augusto Gil, cartas escritas a sua noiva e a sua mulher, que namorou durante imensos anos e das quais se encontram repassadas as formosas páginas dos seus consagrados livros «Luar de Janeiro» e «O canto da cigarra». No primeiro, exaltando, nos momentos de sereno enlevo, a mulher em geral na figura da noiva querida; no segundo, nas horas de amuo e de injustificado ciume, satirizando impiedosamente essa mesma mulher, naquela com quem por algum tempo se zangara.

Já casado, Gil escreve a sua mulher, de Aveiro, onde era então governador civil, estas enternecidas linhas: «...Uma réstea de sol que conseguiu abrir caminho através de uma nesga do sujo céu desta manhã está iluminando o papel com que te escrevo e afigura-se-me que é o sorriso amigo com que a esta hora lês a carta que ontem mandei. Será assim? Ter-te-á ela dado um poucochinho de alegria? Deus o queira, meu lindo amor!...»

De bordo do barco que o transporta ao Rio de Janeiro, anos mais tarde, escreveria ainda o imortal poeta a sua mulher: «Meu amor: Calço-te os pés de beijos, banho-te os ombros de lágrimas, beijo-te no coração! Augusto».

Talvez os jovens de hoje achem esta maneira de exprimir o sentimento do amor piegas, fora de uso. Mas quantos deles, sentindo o mesmo arrebatamento, gostariam expressar-se de idêntica forma...

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, L.da
95, Rua Nova do Almada 99
LISBOA

Jornal dos jornais

DIÁRIO DE COIMBRA Diário do Alentejo

Actualização catequística para o clero

Vai realizar-se, nos dia 3, 4 e 5 do mês de Agosto, no Seminário do Campo de Santiago, desta cidade, um Curso de Actualização Catequística para o Clero da Arquidiocese que já é fruto auspicioso do curso catequístico realizado, no passado Abril no Seminário Conciliar.

Este curso, promovido pelo senhor Bispo Auxiliar, abrirá com a invocação do Divino Espírito Santo, a que presidirá o venerando Arcebispo Primaz, e os seus trabalhos serão orientados pelo rev.º cónego António Gregório Neves, professor do Seminário dos Olivais, e padres Canas e Soares Jorge, secretários Diocesanos das Catequeses, respectivamente, de Lisboa e Porto.

E' destinado exclusivamente ao Clero, nomeadamente ás «equipes» que em todos os Arciprestados foram constituidas expressamente para este fim, e que deverão depois orientar, nos respectivos Arciprestados, os Cursos Regionais de Catequética.

Oportunamente daremos mais pormenores sobre o programa e elenco dos temas que vão ser desenvolvidos.

(«Correio do Minho», de Braga)

Monumento a Mons. Alves da Cunha

O Clube Trasmontano de Angola, através da sua Comissão Executiva, tem promovido a recolha de donativos para ser erigido, em Luanda, o Monumento a Monsenhor Alves da Cunha, como preito de homenagem publica que todos nós lhe devemos.

Espera-se, em breve, a contribuição pedida a algumas das grandes organizações, encerrando-se deste modo a recolha de donativos.

Em seguida promover-se-á a construção do Monumento no montante das dádivas.

(«O Intransigente», de Luanda)

O mercado

No leilão realizado no Grémio da Lavoura de Estremoz, em 4 deste mês, as lãs concentradas por este Grémio e pelo de Sousel, nas quantidades de: branca, 83.630 quilos e preta, 67.109 os preços máximos e mínimos oscilaram entre 422$00 e 366$00 a lã branca e 330$00 e 293$00 a lã preta.

Os lotes gerais brancos de Estremoz foram vendidos por 382$00, 390$00, 385$00, 389$00 e os pretos por 312$00 — 310$00. Os lotes brancos de Sousel, por 411$00 e 410$00 e os pretos por 321$00 e 317$00.

No Grémio da Lavoura de Evora e de Viana do Alentejo e Cooperativa Ovina de Evora, realizou-se em 15 do corente um leilão de 90 mil quilos de lã Saragoça e de 90 mil quilos de lã branca

Os preços por arroba foram os seguintes: lã Saragoça — lotes individuais, 340 escudos, 330, 325, 324, 323, 320, 319, 318, 311 310 e 305 escudos; lotes gerais, 318, 316, 315 e 311 escudos.

Lã branca — lotes individuais 441, 440, 437, 433, 420, 405, 390 e 370 escudos; lotes gerais, 429, 428, 417, 405, 396 e 374 escudos.

(*Jornal de Moura*, de Moura)

Vão começar as obras de pavimentação das ruas

Conforme estava previsto e oportunamente anunciámos, vão começar as obras de pavimentação total das artérias que foram danificadas, por motivo da grande obra de saneamento.

Vão, por isso, necessáriamente surgir alguns incómodos para o publico que, todavia, deverá compreender que os mesmos são infinitamente menos arreliantes que os derivados do mau estado dos pavimentos que ora se vão consertar definitivamente.

A medida que os trabalhos vão passando de rua, o transito nesses locais será repentinamente impedido, o que obrigará, em certos casos, de um modo especial os veículos a realizarem manobras com as quais os seus condutores não contariam.

Todavia, os Serviços tomarão as providências necessárias para reduzir ao mínimo os inconvenientes desta natureza, pois, sem rejuízo do transito, até onde o mesmo possa efectuar-se, não se deixará de prevenir a existência dos trabalhos, a fim de ser evitado o avanço de veículos em pontos onde lhes seja vedada a passagem.

Por outro lado, a aceleração dos trabalhos de revestimento e calcetamento — consoante a classificação dos arruamentos — far-se-á de molde a prejudicar o menos possível o comércio, os transportes e o publico em geral, o qual, decerto, manifestará espírito compreensivo, pois ele como ninguém suspira pela pronta execução de tão importante tarefa.

(*O Setubalense*, de Setubal)

Um quadro de Yolanda Fiévre

O Oniroscópio [illegible]

a pintura [illegible]

Isabel Meyrelles, poetisa e escultora portuguesa que há cerca de 10 anos vive em Paris, conta-nos:

—Travei conhecimento com Yolande Fièvre duma maneira curiosa, cedendo-lhe uma parte do meu *atelier*, que eu ocupava de manhã e ela de tarde. Durante um ano só nos falámos através de bilhetes pregados na parede, até que ficando no mesmo prédio outro *atelier* livre, ela passou a ser minha vizinha e pudemos assim travar mais amplo conhecimento.

De origem bretã, Yolande Fièvre fez os seus estudos de pintura na Escola de Belas-Artes de Paris e expôs em vários «Salons» e individualmente, tendo sido muitos dos seus quadros comprados pelo Estado, até 1939.

Foi a partir desta época que ela começou a fazer experiências muito pessoais, que culminaram no Oniroscópio e nas Sedas-Ficção. O Oniroscópio introduz pela primeira vez na forma espacial do quadro a concretização do movimento, que até aí só fora conseguido no domínio pictural através de composições abstractas ou figurativas. Quanto ás Sedas-Ficção revelam-nos o fantástico espacial fixado num movimento quaternário.

Perguntei um dia a Yolande Fièvre — elucida-nos Isabel Meyrelles:

—O que é para si o Oniroscópio?

—E' um quadro que se move, é também um gerador de imagens que pode ser movido indefinidamente, e que revela ao espectador as imagens que ele próprio traz consigo. E' a porta aberta para o sonho.

—E as Sedas-Ficção?

—E' outra das minhas experiências, que descreve um mundo interior, que é o meu universo pessoal.

Para construir estradas com a rapidez exigida pelo seu turismo os Suiços recorrem ao cimento

Na linha mestra do movimento turístico actual, condicionado por ele e condicionando-o, situa-se o problema das vias de comunicação.

O turismo nasce na encruzilhada! As estradas, os caminhos de ferro, as carreiras aéreas e marítimas, são as coordenadas que determinam o ponto de encontro de gentes de todo o Mundo, que partem dos seus lares á procura da encruzilhada. E quantos mais forem os caminhos que levam a Roma, maior será o numero de forasteiros que visitará a cidade de César

Bem consciente deste problema, a Suiça, uma das grandes pátrias do turismo, encarou-o com maior inteligência, edificando dentro do seu próprio país uma poderosa rede de estradas, em ligação directa com os nucleos de caminho de ferro, que veio responder a uma série de necessidades internas e armou uma teia espessa, na qual o turista, naturalmente encantado, perde pela imensidade de caminhos que abriram na sua frente.

Mesmo sem contar com o grande movimento que lhe vem do exterior, a Suiça situa-se entre os países mais motorizados da Europa, acusando as estatísticas que num país de 5.000.000 de habitantes, 1 em cada 7 possui um veículo motorizado, e 1 em 13 tem automóvel. Para responder a esta ameaça de um tráfego sempre crescente, a Suiça empreendeu um plano de construção de cerca de 1.500 quilómetros de novas estradas.

Para atender ás suas necessidades, a Suiça formou um escol de técnicos especializados, que se coloca á frente dos melhores do Mundo. Dedicando-se especialmente a construção de estradas utilizando o betão armado, método já repetidas vezes usado entre nós, os técnicos suiços têm vindo a realizar notáveis progressos no que respeita ao domínio deste material. As nossas imagens mostram duas fases da construção de uma estrada em betão armado, vendo-se como são colocadas, sobre uma primeira camada de betão, as grelhas de aço em que assentara a camada de betão duro sobre a qual passarão velozes viaturas. Para conservar o betão humido enquanto se procede a trabalhos diversos antes da aplicação das referidas grelhas, os técnicos suiços utilizam folhas de plástico, que são aplicadas sobre a infra-estrutura da estrada.

Portugal que começa a tornar-se num importante centro turístico, tem dado, nos ultimos anos, especial atenção ao problema das vias de comunicação, respondendo, além do mais a exigências que são também de ordem interna.

De facto, pelos nossos 17.000 quilómetros de estradas, dos quais um terço é de vias de primeira classe, rolam mais de 200.000 viaturas motorizadas das quais 155.000 são veículos automóveis!

Antes de ser lançada a camada final de betão duro, que constituirá o próprio piso da estrada, são colocadas as grelhas metálicas que a ligarão ás infra-estruturas

Uma folha de plástico, aplicada sobre a infra-estrutura da estrada, conserva no betão o grau de humidade necessária até ao momento do posterior acabamento da estrada

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

A realidade extra na ficçao

Texto integral do conto de

MAURICE TOESCA

TERIA aí os seus trinta anos aquele indivíduo que caminhava de certa maneira estranha pela Rua da Republica... Observando-o, notar-se-ia que ele concentrava a sua atenção nos numeros ímpares; e, embora os seus passos, seguros, demonstrassem uma decisão firme, absoluta, o olhar traía a pressa em descobrir o numero procurado, por entre as ramagens das árvores que ocultavam os umbrais das portas.

Uma vez diante do oitenta e três, não vacilou e nem olhou ao menos para a fachada do prédio, aliás semelhante aos outros naquele quarteirão da mesma artéria.

Tranpôs rápidamente a entrada e galgou, resoluto, a grande escadaria, desdenhando da comodidade do elevador. Só parou ao atingir o quarto andar e tocou á campainha da porta do lado esquerdo. Olhou o relógio de pulso, que marcava nove horas em ponto.

*

Foi o próprio locatário, o célebre romancista Gilbert Roques, quem veio atender. Era na época das férias grandes, quando as donas de casa estão no campo ou nas praias, com as criadas.

Olhando fixamente para o desconhecido, imóvel e enigmático, diante da porta, o romancista inquiriu:

— Que deseja?

— Apenas conversar um pouco com o senhor!... — respondeu o desconhecido, entrando sem quaisquer cerimónias.

Roques fechou a porta e, antes de oferecer uma cadeira ao misterioso visitante, fez-lhe a pergunta tradicional:

— Com quem tenho a honra de falar?

— O meu nome, senhor, nada lhe diria, pois sou um desconhecido... A unica coisa que «exijo» é que suporte a minha presença durante... meia hora!...

— Mas, senhor!... — atalhou Gilbert Roques, que começava a sentir-se terrívelmente só em sua casa, lamentando, pela primeira vez, a ausência da sua encantadora mulher.

— Meu caro senhor: aqui estou e cá fico!

E' percorrendo a saleta com um olhar perscrutador, exclamou:

— Ah! aqui temos uma formosa e expressiva aguarela de Utrillo... Uma banhista de Chabas!...

Perturbado, e sem se atrever a gritar por socorro, Roques continuava de pé, supondo estar diante de um louco, e arriscou:

— Finalmente, senhor, pode dizer-me o motivo da sua presença em minha cada?!

O desconhecido tocou-lhe com o dedo na banda do casaco e o escritor sentiu-se ainda mais apavorado a esse contacto.

— Ah! Ah!... a roseta da «Legião de Honra»! — casquinhou e, após alguns momentos de reflexão, perguntou subitamente:

—Ora, diga-me, senhor: que pensa das mulheres? E' contra ou a favor do casamento? Responda, mas fale francamente!

— Senhor! — respondeu Gilbert Roques —. Talvez o assunto me interessasse, se não tivesse começado por me inquirir... Peço-lhe o favor de sair!...

— Sair?... O senhor disse: sair?... Sei! ...Sei muito bem que é esse o seu mais veemente desejo!

Roques fez um expressivo gesto de aprovação.

— Sei-o perfeitamente; e por essa razão não sairei! Já passaram dez minutos sem que me respondesse ás perguntas que lhe diz e vêm a ser: o que pensa das mulheres e se é a favor ou contra o casamento.

*

O escritor, que, no enredo dos seus romances, imaginara, tantas vezes, a intervenção de um herói providencial e vingador nos momentos trágicos, não despregava os olhos do tecto, atraídos pelos dois pequenos hemisférios da campainha de alarme, interrogando-se a si próprio sobre qual seria o dedo mágico que faria vibrar entre eles o martelinho salvador...

— Vamos, senhor, não quer responder?... — insistiu o misterioso visitante, após um longo e enervante silêncio —. Pois não responda! Esperarei! E' a terceira vez que consulto o meu relógio e verifico que faltam só três minutos!...

E, ante o olhar alucinado do romancista, o desconhecido continuava a fixar o mostrador do seu relógio de pulso e ia dizendo, martelando as palavras num ritmo exasperante:

— Mais dois... mais um... Mais trinta segundos... vinte segundos... dez segundos... cinco... quatro... três... dois... um...! — e bateu as mãos ruidosamente.

Gilbert Roques, trespassado de pavor e já resignado a tudo, incapaz de reagir, preparava-se para lhe implorar piedade em nome da mulher e dos filhos. Ficaria á mercê dele, oferecer-lhe-ia uma soma, fosse qual fosse, quando o desconhecido avançou na sua direcção, de mão estendida:

— Bem! meu caro senhor!... Já que a pessoa que devia vir a sua casa, hoje ás nove horas e meia, não apareceu, nada mais tenho aqui a fazer!

— Mas quem?... Qual pessoa?... Eu não esperava ninguém!... — acudiu Roques, intrigado e no meio de grande confusão.

— O senhor é «mesmo» o conde de Auverset?

— Está enganado, senhor! — quase gritou Roques, respirando fundo e agora sorrindo, descontraindo-se, numa expansão de alívio —. O conde de Auverset mora no andar de baixo.

E enquanto abria a porta, presuroso, ao importuno visitante, o escritor pensava:—«Eis uma abertura estupenda para o meu próximo romance!»

— Aceite, caro senhor, as minhas desculpas, muito sinceras! — volveu o desconhecido, que fez uma pequena pausa para acrescentar:

— Antes de me retirar faço questão, porém, de lhe deixar o meu cartão de visita!...

Gilbert Roques passou-lhe a vista e leu: «Jean Passot — homem de letras». Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, o visitante pôs ponto final na cena:

— Caro mestre: quis experimentar, pessoalmente, o efeito do primeiro capítulo do meu primeiro romance!... Se me dá licença, mandar-lhe-ei um exemplar!...

Ora aqui têm duas belezas de cães, de olho vivo, orelha caida, lingua e dentes afilados como navalhas. O que fazem eles, assim de pé sobre a tábua, prontos a saltar á primeira voz e a filar seja quem for? Nada. Estão á espera, numa furgoneta que levou cavalos para a Exposição Hípica Internacional de White City, em Londres. Os cães de guarda também terão o seu dia, na exposição

Anedotas e episódios da vida de pessoas célebres

LXXXVI — CRISTIAN DIOR

Ninguém poderá negar celebridade a este espantoso artista, que teve interesses comerciais em 24 países, chegando a fazer uma receita bruta de mais de cinco biliões de francos por ano.

Tendo começado práticamente a sua vida profissional aos trinta anos de idade, até aí aparecia apenas nos meios artisticos de Paris, invariàvelmente, de gola de veludo e chapeu de coco.

Aos dezoito anos abandonou os estudos. Seu pai, burguês de posses, tentara em vão encaminhar o filho para a carreira diplomática: a vocação de Christian não era essa. Convenceu o pai a abrir uma galeria de arte, que foi sol de pouca dura. Em 1935, o futuro ditador da moda começou a trabalhar como figurinista, vendendo, com facilidade, desenhos de modas.

* * *

A sua primeira passagem de modelos constituiu um formidável êxito mundano. No elegante salão cinza e oiro, da Avenida Montaigne, acumula-se o autentico «tout-Paris». Duas horas dura a sensacional passagem. Jornais de todo o Mundo começam a ocupar-se do costureiro mágico. E, nesse ano, Dior decreta: «Aconselho a linha livre. Livre como o ar de Paris. Livre de escolher entre o estreito e o largo. Livre para usar ou não cinto».

A multidão feminina rejubilou. Christian estava consagrado.

* * *

Dior, que a morte levou, quando muito havia ainda a esperar dele, era também um bom psicólogo, profundo conhecedor do sexo que lhe deu fortuna e fama.

Ditador da moda, essa deusa volúvel, que tanto atrai o chamado sexo fraco, disse um dia, mostrando grande conhecimento de causa:

«As mulheres, que estão agora a aplaudir as saias curtas, vão passar a usar os vestidos mais compridos. Hão-de submeter-se com facilidade, que eu conheço-as muito bem...

«O joelho é uma parte do corpo que só tem vantagem em estar tapada. É um osso e, com franqueza, um osso pouco atraente».

Claro que Dior, mais um vez venceu, como vencia sempre.

* * *

Dos doze mil vestidos que Dior produzia anualmente em França, setecentos milhões de francos em modelos iam para o estrangeiro. Dior preparava as suas colecções de manhã, tomando uma chávena de chá de hortelã. Todos os vestidos que o seu bom gosto idealizava eram minuciosamente inspeccionados pelo grande costureiro que, de avental branco, sentado numa cadeira, mandava trocar um laço, tirar uma costura, etc.

Criava propositadamente alguns modelos estranhos, para conseguir protestos da Imprensa da especialidade. Um processo de publicidade como outro qualquer.

* * *

Uma francesa elegante é capaz de perder uma hora a procurar a tonalidade da meia que deve ser usada com determinado vestido.

Dior tinha uma grande consideração pelas milhares de parisienses (que ele considerava as mulheres mais elegantes do Mundo), que procuravam a sua casa. Nunca se aborrecia com elas, pelo contrário.

Sempre conhecedor do sexo que o celebrizou e enriqueceu, Dior dizia:

«Uma vez que poucas mulheres passam dos quarenta (!), o seu poder de fascinação pode continuar indefinidamente. A mulher não precisa realmente de «chic», senão depois de ter perdido um pouco do fulgor juvenil, quando a sua mente começa a vaguear. É então que chega o momento do disfarce»

* * *

Dior tinha crises de choro, motivadas pela emoção. As passagens de modelos eram para ele dias horríveis. Refugiava-se na sala do lado e só quando ouvia aplausos abria timidamente as cortinas para ver qual era o modelo que a sua assistência festejava.

«Na idade da máquina em que vivemos — dizia ele — a costura é um dos ultimos refugios do humano, do pessoal, do inimitável. Numa época sombria como a nossa, o luxo deve ser defendido palmo a palmo».

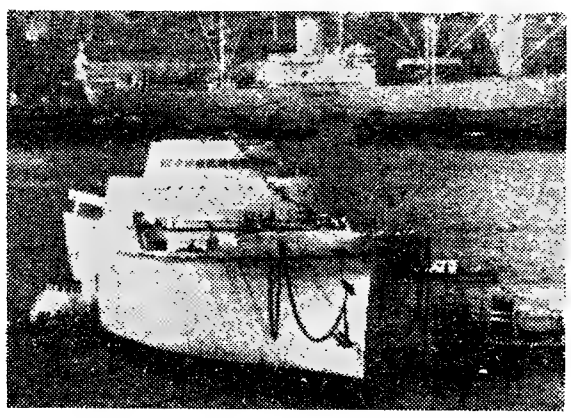
Finda a guerra, o famoso costureiro decretou, com certa poesia:

«Saímos de um período de guerra, de uniformes, de mulheres-soldados com ombros de pugilistas. Vou transformá-las em flores, de ombros suaves, colos exuberantes, cinturas finas e saias abrindo-se como corolas».

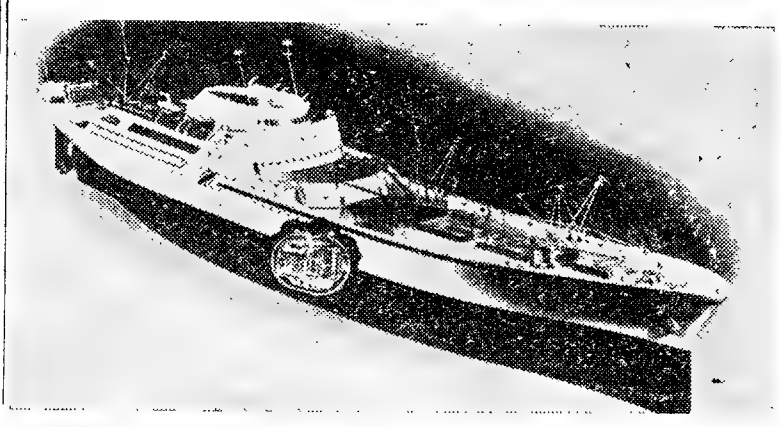
No escasso meio século que andou por este Mundo, deixou um nome que ainda hoje se recorda.

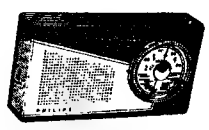
L. R.

O primeiro navio atómico



Eis o Savannah, o primeiro navio mercante propulsionado por energia atómica. Tendo o nome do primeiro navio a vapor norte-americano, desloca 10.000 toneladas e transportará 60 passageiros em primeira classe de luxo, á velocidade de cruzeiro de 21 nós. E' capaz de percorrer 350.000 milhas sem renovar o seu combustível, ou seja o equivalente a cruzar o Atlantico 100 vezes. Completo, terá custado ao Tesouro dos Estados Unidos qualquer coisa como 1 milhão e 125 mil contos. Nas gravuras vemos um modelo do «Savannah» e o navio quando foi lançado, á água, terça-feira, em New Jersey. Foi sua madrinha a esposa do presidente Eisenhower.





RÁDIOS PORTÁTEIS

PHILIPS

TOTALMENTE TRANSISTORIZADO À VENDA DESDE 55$00 MENSAIS

No AGENTE OFICIAL

PHILIPS

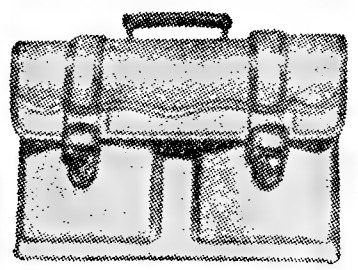
Agora na

Travessa Henrique Cardoso, 48-A

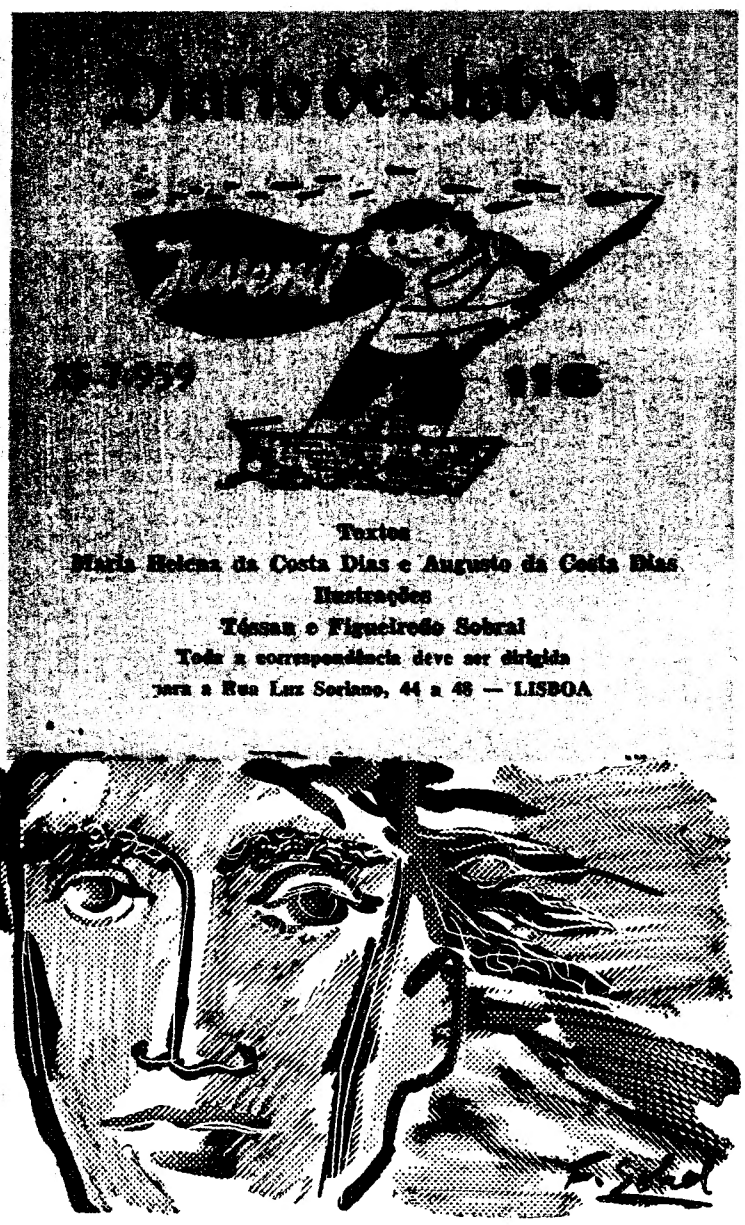
(Junto à Av. de Roma)

Telef. 76 49 14

PASTAS



30 anos de fabrico todos os modelos fornece ao comércio *A Comprido*—R. Madalena, 97



SIMPLES

por MARIA LUISA RODRIGUES **(Amigo 339)**

RAPAZ SIMPLES,
EU GOSTO DE TI!

COMO A PAPOILA DO CAMPO,
COMO VENTO QUE PASSA DEPRESSA
E NÃO OUVE LOUVORES,
ÉS SIMPLES: OS SIMPLES ACENDEM
AMORES.

RAPAZ SIMPLES,
EU GOSTO DE TI!

COMO AS PEDRAS DA CALÇADA
SE DEIXAM PISAR POR TODOS,
POR OUTRO, MESMO POR MIM,
TU TAMBÉM.
— ÉS SIMPLES; QUISERA SÊ-LO:
TODOS QUEREM
O QUE NÃO TÊM.

POR ISSO,
RAPAZ SIMPLES,
EU GOSTO DE TI!

Uma jóvem em Londres

A Margarida Losa escreve-nos de Londres. Não era uma carta para publicar; mas a nós pareceu-nos muito util revelar a experiência duma jovem para quem os «problemas insoluveis» não existem.

Se a nossa amiga se zangar com esta publicação não autorizada, nós estaremos dispostos a sofrer o castigo...

«Acabei agora mesmo de ouvir uma lição de musica na rádio, emitida para as escolas. Intitulava-se hoje, «jazz». Nunca na minha vida tinha visto coisa mais bem organizada e mais eficiente. Colossal! No outro dia ouvi uma, também para as escolas, sobre a Lei inglesa no que diz respeito aos jovens. Era um advogado que falava. Aprendi muita coisa, além do inglês que me entrou pelos ouvidos dentro.

Desculpa não ter escrito há mais tempo, mas a culpa não é minha, Arranjei hoje, por um milagre, uma hora de vago. Uma hora de vago não quer dizer que não tenha nada para fazer, mas simplesmente que os seis habitantes desta casa se ausentaram todos, ficando a casa vazia durante uma hora. Infelizmente, dessa hora, já só restam dez minutos. Porque tive de lavar a loiça, limpá-la e fazer duas camas. Depois, abri o rádio e aí fiquei durante um quarto de hora como que empedernida pelo... interesse. O interesse também desvia muito boa gente dos seus deveres...

E agora... finalmente sentei-me á

(Continua na 4.ª página)

CONCURSO
GIGANTES DA HUMANIDADE

DESTE genial dramaturgo e contista russo escreveu Vercors — o grande escritor francês — as seguintes e justíssimas palavras:

«A mim próprio pergunto se existe hoje (1954) algum romancista que possa afirmar não haver sofrido — directa ou indirectamente — a sua influência.
... ...

A influência da sua obra na literatura mundial da época em que viveu foi enorme. Um escritor como a grande contista inglesa Katherine Mansfield, por exemplo, deve-lhe tudo. Outros lhe deveram menos, mas ele revolucionou no seu tempo a arte do conto».

Filho dum pequeno merceeiro de Tagauroy, nasceu em 1860 e morreu em 1904. E' considerado um dos criadores do conto moderno, deixando vários volumes de criações do género. Entre as suas peças de teatro (no qual traçou também um caminho á parte) destacam-se «A Gaivota», «As três irmãs» e «Tio Vania».

As respostas devem estar no «Juvenil» até ao dia 31 de Julho, acompanhadas da menção dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana e do nome completo, morada, data de nascimento, numero de ficheiro (caso já o tenham). Além dos habituais prémios haverá um especial, para o melhor trabalho sobre o grande escritor que hoje homenageamos.

O MENINO DE CALÇAS REMENDADAS

por MARIA DE LOURDES TERESA MARTINS

Era um menino de calções remendados, cabeça rapada e pés descalços, que vivia na serra, lá muito distante da civilização.

O pai tinha uma adega e nem sempre lá podia estar. Era preciso tomar conta dela. E lá ficava o menino todo o dia, divisando, por detrás do tosco balcão, a serra cinzenta, para lá da qual o Sol se escoava á tarde, devagarinho. Quando a serra ficava escura, a porta da escola abria-se e saía uma multidão de rapazinhos barulhentos. O menino gostava muito de olhar para cada um deles. Imaginava que sabiam um aglomerado de coisas belas que ele não podia saber. O pai não consentia que ele fosse á escola, porque, para a vida que levavam, era desnecessário aprender a ler.

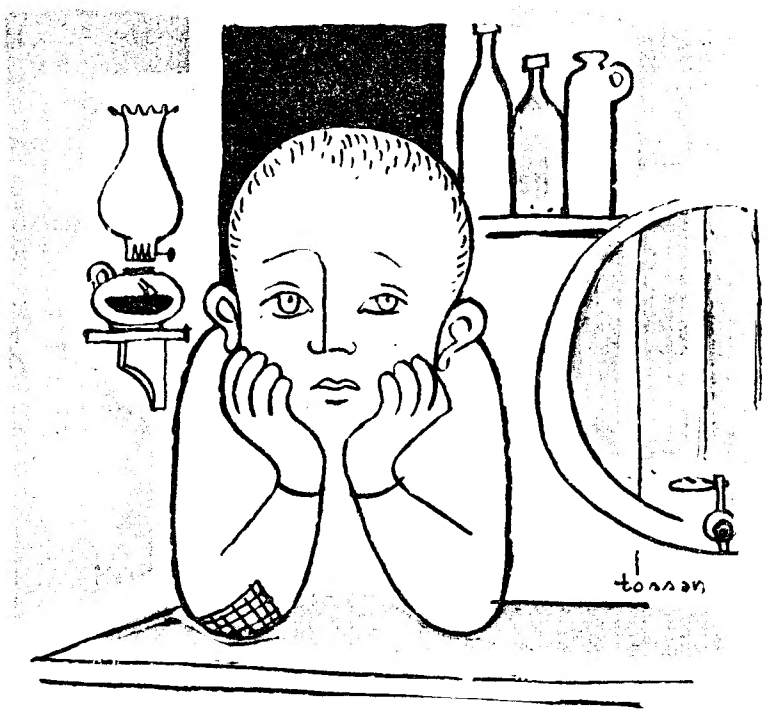
Quando o dia raiava, o menino sentia muito desgosto de não poder correr com os outros para a escola, onde descobriria o mistério dos livros. Ah! Aquele livro do Zé era tão grande! Continha talvez a história da morte de um burrinho como a que lhe tinha contado a avó; ou então o conto de um soldado heroi. Como seria feliz se o pudesse ler! E ficara-se a sonhar, por detrás do balcão, enquanto lágrimas quentes lhe escorregavam, silenciosamente, pelo rosto miudo.

Um dia, aproveitando a hora da sesta, em que a taberna estava vazia, não podendo conter por mais tempo a ansiedade que fervia em si, esgueirou-se de mansinho até á escola. As janelas eram baixas e, fácilmente pôde trepar para uma delas. Os outros rapazes, que faziam, sossegadamente, um problema, mal o viram, começaram a rir e a troçar da sua ousada resolução. O professor mandou-os calar autoritáriamente e, com um sorriso bom, deixou que o menino se sentasse no parapeito.

Várias vezes lhe sorria, quando passava pela taberna e o via imóvel, sonhando. Várias vezes pensara nele e tentara descobrir a razão do seu triste olhar sonhador. Quem sabe se não seria o desejo imenso mas insatisfeito de aprender a ler?...

E daí em diante consentia, que ele se sentasse todos os dias no parapeito, á hora calma da sesta. Então o menino escutava, extasiado, lições que lhe enchiam a alma de maravilha. O professor, interessado, pelo seu desejo de aprender, dirigiu-se um dia ao dono da taberna, pedindo-lhe que deixasse entrar o filho para a escola. O pai

(Continua na 4.ª página)



O QUE PENSAM OS JOVENS DE OUTROS PAISES

CONTINUAMOS na recolha de depoimentos de jovens franceses... e de jovens portugueses. Agrada-nos verificar que as criticas dos nossos jovens são excelentes, como o demonstraram a Maria Helena da Cunha Rato e o

Ao enviarem e ao verem publicados os seus trabalhos — os nossos dois amigos contraíram responsabilidades. Os seus depoimentos possuem óptimo nível, revelam espírito crítico e lucidez na forma como enfrentam problemas do seu tempo.

São, pois, verdadeiros jovens do seu tempo — com ideias e com facilidade em expô-las. Eis razões mais que suficientes para colaborarem activamente no «Juvenil» com sugestões, iniciativas culturais e trabalhos para publicarmos.

*

Jean-Michel Gardair, que hoje apresentamos aos nossos leitores, tem 16 anos e grandes ambições literárias. Alcançou o segundo prémio de Filosofia, mas confessa: «Interesso-me por ela mais como amador do que como profissional».

Seguirá o curso da Escola Normal Superior. Para poder comprar livros dá explicações de Latim e de Grego... Grande moço!

GOSTO DE ME DISTRAIR COM AS PALAVRAS

— diz Jean-Michel Gardair, jovem de 16 anos

No ultimo tomo do «Tempo Perdido», Proust explica-se, fala desta imperiosa necessidade que tinha de criar e que acabou por vencer o respeito que dedicava aos mestres: Saint-Simon, Ruskin, Thomas Hardy. Necessitou de quinze volumes para bem conceber na ideia que a sua pequena «madeleine» era tão rica como «Judas, o Obscuro» ou as «Memórias».

Assim acontece talvez com cada um de nós «nós outros artistas, incertos de o ser, mas certos de não sermos outra coisa» — como o escrevia Albert Camus — de nós que não podemos desapegar-nos da ideia de criar. Não com o desígnio de levantar qualquer facho ou mensagem, mas porque sentimos que existem em nós virtudes essenciais e nos supomos ricos por sermos o fruto da nossa singularidade.

Escrever romances? Talvez. Pela razão de que sei melhor distrair-me com palavras do que com um pincel ou com uma pauta de musica, porque, como Rimbaud, adoro o verbo e as suas alquimias... «O poeta não é mais sensível do que um outro qualquer ser, é-o por vezes menos do que uma donzela» — escrevia Malraux; «não ama os

(Continua na 4.ª página)

OS CAVALEIROS da TÁVOLA REDONDA

Mas acredita em dragões?

AO chegarem ao topo duma ladeira viram do outro lado do monte um tapete verde que se estendia a perder de vista.

— Será que haverá dragões ali? — perguntou a jovem cavaleira com um bafo de susto a embargar-lhe a voz.

— Dragões? — riu Lançarote — Acredita em dragões? Dragões são os homens uns para os outros quando se esquecem de que são homens. Precisamos de ter toda a cautela, agora, pois a floresta que temos de atravessar presta-se a toda a sorte de ciladas. Quando nos embrenhar-

TRUIE

mos nela precisamos de seguir colados um ao outro e com as espadas nuas e bem seguras na mão. Assim evitaremos ser atacados da esquerda e da direita, ao mesmo: os golpes vindos dum lado serão aparados por vós; os que surgirem do outro oposto, encontrar-me-ão a recebê-los.

— Assim? — disse a jovem, desembainhando a espada e erguendo-a na mão.

Lançarote fez estacar o cavalo e olhou a moça que, de braço cómicamente erguido, parecia um general a saudar o exército. Foi o que o cavaleiro lhe confessou, depois de ter rido com gosto.

— Senhora, mais pareceis o soberano que dá as boas-vindas aos seus homens de armas.

— Então como é?

— Não dissesteis que me querieis acompanhar?

— Porque mo perguntais?

— Ora, senhora, porque vo-lo pergunto... Então não é verdade que a nossa empresa exige os olhos bem abertos e a espada bem empunhada?

— Mas ensinai-me, senhor cavaleiro! Mostrai que nobre sois.

— Nesse caso, se não sabeis empunhar uma espada porque teimas tes em vir?

Lançarote tinha enorme vontade de rir ao ver a aflição da companheira; mas dominava-se e fazia o ar mais carrancudo que lhe era possível.

— Quero ajudar a libertar meu pai — exclamou a moça, com os olhos brilhantes de lágrimas — e serei capaz de aprender tudo o que for necessário para isso. Não mo querereis ensinar? Ou não sabeis?

Lançarote sorriu. Deu uma palmada leve no pescoço do cavalo. Depois desembainhou a espada e segurando-a com o antebraço à altura da barriga, esporeou o cavalo. Fê-lo andar à roda, da rapariga que o olhava, estupefacta.

— E' assim, senhora minha... Com o punho da espada pela cintura e a vista sempre atenta aos mínimos movimentos...

A jovem fez o mesmo: desembainhou a espada, empunhou-a á altura indicada e cavalgou monte abaixo direita á floresta.

«Rapariga endiabrada!» — pensou o cavaleiro. «Não irá agora fazer uma asneira?» Esporeando a montada, seguiu-lhe no encalço. Era próximo da floresta quando se juntaram.

— Está disposta a ir sozinha? — perguntou-lhe Lançarote com um tom de censura na voz.

A moça ficou calada e quieta. Fingia olhar a floresta, mas a vontade que tinha de rir não conseguia escondê-la. Então o cavaleiro seguiu paralelamente á orla da floresta e a jovem veio-se-lhe colocar á esquerda, as montadas quase a roçarem uma na outra.

— Vamos a ver se encontramos qualquer vereda neste intrincado de árvores — murmurou dai a pouco o homem.

— Os camponeses dizem que o melhor caminho é o que está junto a um enorme carvalho que logo se distingue pela estatura singular. Fica a três tiros de besta, se me não engano.

Excitando os cavalos, prosseguiram num galope cerrado. A floresta descrevia uma curva e de subito viram uma árvore que sobressaia de todas as demais.

— E' ali! — apontou a jovem que, afinal, se chamava Rosamunda.

— Então é melhor afastarmo-nos para, nas imediações da árvore, podermos abarcar com a vista a tal vereda e as redondezas.

Assim fizeram. Atrás dum arbusto, deixaram-se ficar, quietos.

— Claro que nada conseguiremos verificar — concordou Lançarote, como se alguém o tivesse criticado. O melhor é partirmos. Mas devagar.

Quando estavam a penetrar na vereda assobiou-lhes ao ouvido uma seta. Imediatamente esporearam os cavalos que partiram á desfilada, quase colados um ao outro. Os primeiros metros corridos na vereda foram feitos sob uma trovoada de flechas. Nenhuma ferira os animais, o que era o principal, pois os cavaleiros estavam em grande parte defendidos pelas armaduras; só uma, de ricochete, magoara Lançarote na face. Depois tudo assossegou e no silêncio apenas se ouvia o tropel dos cavalos. A vereda começou a alargar; as árvores tornaram-se menos densas: e abriu-se uma grande calva onde pululavam cabanas de colmo.

O galope dos cavalos atraiu camponeses ás portas; as crianças acenavam alegremente com as mãos. Lançarote resolveu então informar-se sobre o melhor caminho para encontrar Turquino-Mão-Ferro. Fez-se um enorme silêncio quando os pobres servos ouviram o nome do cavaleiro maldito; os mais timoratos voltaram mesmo costas e entraram nas cabanas.

— Amigos! — exortou Lançarote — Porque tendes medo? Sabei que eu sou um Cavaleiro da Távola Redonda, vassado do nosso Rei Artur.

— Como vos chamais, senhor? — inquiriu um velho de olhinhos vivos e pequeninos como contas. Esperando a resposta pôs a cabeça de banda, com uma das orelhas voltada para o cavaleiro.

— Eu sou Lançarote do Lago.

— Por Deus, que sois Lançarote! Eh amigos! — e voltou-se para os outros camponeses: Agora podemos confiar neste homem. Ouvi que é Lançarote e nunca a sua espada se baixou sobre os pobres. Ele diz que procura o Cavaleiro Maldito e podeis crê-lo.

Restolhou á sua volta um murmurio de aprovação. O velho voltou-se para Lançarote e disse:

— Ah! senhor, que grande é a aventura em que vos metestes assim sem resguardo de boas gentes de armas. Turquino não se pode combater só. E' covarde e procura atacar ás ocultas. Certo podereis estar que ele não aceitará vosso leal desafio. Hão-de seus besteiros crivar-vos de setas e só quando vos vir estendido no solo será valente para vos trespassar com a espada.

O «Diário de Lisboa Juvenil», publica-se para ti, aos sábados

Concurso da semana

CONCURSO DAS ADIVINHAS PORTUGUÊSAS

Mais uma adivinha muito popular que tirámos do livro «Qual é coisa, qual é ela», da autoria de Fernando de Castro Pires de Lima:

Qual é a coisa, qual é ela,
Que, mal entra em casa,
Vem logo á janela?

As respostas devem estar até ao próximo dia 31 de Julho, no «Juvenil», acompanhadas da menção dos três artigos que mais lhes agradaram esta semana e do nome completo, morada, data do nascimento, numero de ficheiro (caso o tenham já).

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO N.º 114: «Qual é coisa, qual é ela?» — E' O CHAPÉU DE CHUVA; «Gigantes da Humanidade» — VELASQUEZ.

VENCEDORES

1. — Amigo 1661 — José de Sousa Garcia e Abreu (Lagares da Beira).

2. — Amigo 293 — M.ª Luisa Horta (Lisboa).

3. — Amigo 1639 — M.ª Eduarda Reis Colares (Lisboa).

4. — Amigo 593 — Louise Briar Russell (Estoril).

5. — Amigo 1036 — Jaime Gonçalves da Silva (Porto).

6. — Amigo 461 — António Carlos Santiago (Queluz).

7. — Amigo 367 — Delfim Hasse Ferreira (Lisboa).

8. — Amigo 559 — João Fernando Moura Pimenta (Queluz).

9. — Amigo 348 — Manuel António Ferreira dos Reis (Caseais).

10. — Amigo 705 — António da Silva Dias Ferreira (Lisboa).

11. — Amigo 1038 — Maria Helena Sousa Cavaco (Lisboa).

12. — Amigo 1647 — Carlos Manuel Myra Dores (Lisboa).

PRÉMIOS

1. — «O QUE É A FISICA?», por Romulo de Carvalho (Editora Arcádia).

2. — «VERDES AMORES», de Colette (Estudios COR).

3. — «VIGDIS; A INDOMÁVEL», por Sigri Undset (Estudios COR).

4. — «CICLONE NA JAMAICA», por Richard Hughes (Estudios COR).

5 e 6 — «PÁSCOA FELIZ», por José Rodrigues Migueis (Estudios COR).

7. — «CICLONE NA JAMAICA», por Richar Hughes (Estudios COR).

8. — «A FECHA NEGRA», da coleç. Dos Rapazes (Portugália Editora).

9. — «OS MELHORES CONTOS AMERICANOS, da Portugália Editora.

10. — «OS MELHORES CONTOS INDIANOS», da Portugália Editora.

11. — «OS MELHORES CONTOS INDIANOS», da Portugália Editora.

12. — «SCARAMOUCHE», por Sabatini, da Portugália Editora.

Prémio especial para o melhor trabalho sobre Diogo da Silva y Vellasquez:

13. — Amigo 1539 — Heitor Fernando Ferreira da Silva (Porto).

13. — «SCARAMOUCHE», por Sabatini — da Portugália Editora. «PÁSCOA FELIZ», por José Rodrigues Migueis — de Estudios COR.

Os prémios podem ser levantados na Av. de Roma, 78 — 2.º, Esq.º, em Lisboa, todos os dias uteis, das 9 ás 13 — das 15 ás 19 horas. Os prémios destinados á província seguem pelo correio.

Pedimos a todos os premiados, desde o n.º 103 que ainda não levantaram os seus prémios, o favor de o fazerem o mais depressa possível, no seu próprio interesse.

DIÁRIO DE BORDO

Amigo 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa): Gostaria que nos disesses se já levantaste os prémios que ganhaste.

Amigo 416 — Maria Helena Lima Coelho (Lisboa): Claro que podes continuar a pertencer á nossa pequena e já bem crescida Familia. Sentimos muito prazer por teres voltado a escrever. Claro que gostamos de saber que, mesmo não escrevendo, vocês lêem o «Juvenil», mas gostamos mais de receber notícias, de vez em quando... para não pedir muito. Sabemos bem quanto tempo levam os estudos. E a avalanche de correspondência desta ultima semana, mostra claramente o alivio que as férias trazem.

Amigo 461 — António José Santiago (Queluz): Aguardamos, pois, a tua visita. Temos sempre um grande prazer em que apareçam.

Amigo 593 — Louise Briar Russell (Estoril): Diz se recebeste os prémios. O teu amigo pode mandar o trabalho; porque não? Ficamos satisfeitos por saber quanto aplicas á nossa lingua. Deves escrever as cartas sem ajuda de ninguém, para que possamos avaliar dos teus progressos.

Amigo 1068 — Ana Maria Lory (Lisboa): Salvé, Amiga, que há tanto tempo andavas arredia! Vou tratar do teu assunto. Escrever-te-ei directamente se conseguir alguma coisa. Mas creio que isso talvez se possa arranjar, pelo Instituto Francês ou Liceu Charles Lepierre. Vê se tratas também, para ir mais depressa.

Amigo 1632 — João Maria Grucho (Lisboa): Não, o livro não irá pelo correio; terás de o vir ou mandar buscar. Mas manda o cartão de identidade, para sabermos que pode ser entregue, sim?

Amigo 1633 — Manuel Sousa Mealha (Loulé): fixa o teu numero, por favor. Já deves ter recebido a esta hora, com certeza. Os prémios têm de demorar uns dias, o bastante para os recebermos dos Editores e depois os que levam no correio. Manda dizer logo que os recebas, sim?

Amigo 1656 — Francisco Manuel Bastardinho (Faro): Não haverá engano na data do teu nascimento? Se nascente na verdade em Julho de 1959, como poderás ler os livros que te sairem? Só se te mandarmos uma chupeta valeu

Amigo 1196 — Fernanda Elizabeth Rijo Rodrigues (Lisboa): Recebemos com prazer a tua carta. Parabens pela passagem de ano. Podes concorrer, sempre que escrevas. De uma cajadada, matas dois coelhos... como se costuma dizer.

Amigos novos

entrados esta semana

1656 — Francisco Manuel Bastardinho (Faro); 1657 Maria Leonor de Carvalho e Branco (Dafundo); 1658 — José Manuel Palminha (Manda a morada); 1659 — Mário Augusto Alves Pais; 1660 — Adelino Clemente Gomes (Bragança); 1661 — Eurico Queirós (Lagares da Beira); 1662 — Tiago Rui Meneses Bettencourt (Porto); 1663 — Maria Manuela Pires de Melo (Aveiro).

Mais uma vez lembramos aos Amigos que ainda não levantaram os seus prémios (desde o «Juvenil» n.º 103) a necessidade de o fazerem, no seu próprio interesse. Os Amigos da provincia devem acusar a recepção dos livros.

Muita atenção

Os nossos Amigos de Lisboa e arredores a quem saiam prémios nos concursos semanais devem ir buscá-los, cinco dias depois da publicação dos resultados á Avenida de Roma, 78, 2.º, Esq.º.

Os Amigos da província continuarão a receber os seus prémios pelo correio.

Opinião de uma amiga

O Amigo n. 854 — Maria de Lourdes dos Santos Martins (17 anos), diz-nos umas palavras que nos dão, já se vê, muita alegria:

«Vejo, ou melhor sinto, que o «Juvenil» me ajuda a descobrir as minhas possibilidades, que são poucas por ora, mas que desejo sejam maiores no futuro».

Muito nos agrada que o «Juvenil» te tenha sido util; não deves, porém, esquecer-te que não fizemos mais do que publicar poemas teus em que viamos grandes qualidades; deves, pois, fundamentalmente estar contente contigo, e deves ler muito os bons poetas modernos, meditar, estudar, nunca te contentares com as produções demasiado expontaneas. Aquilo que, nos grandes artistas, parece expontaneo, brotado directamente para o papel é fruto de muito trabalho, de muito esforço para tornar a sua obra o mais simples possível.

As poesias que nos mandas serão publicadas próximamente.

Dicionário Universal *da Pintura*

Queixam-se os nossos jovens leitores por não encontrar em português boas obras de arte que lhes dê uma sólida base para outras leituras artísticas mais experimentadas.

A Editorial «Estudios Cor» lançou agora o primeiro fascículo duma grande obra sobre arte

Dicionário Universal da Pintura

dirigida pelo Dr. Mário Tavares Chicó e colaborada pelo Dr. Artur Gusmão e por José Augusto França.

Eis uma obra fundamental que os nossos leitores poderão comprar sem dar por isso, pois cada fascículo, a sair mensalmente, custa apenas 25$00 e inclui numerosas reproduções a cores.

PARA QUE SER EGOISTA

Joaquim de Almeida era um homem muito rico mas muito avarento. Nunca dava esmola a um pobre. Julgava-se mais do que ninguém. Vivia numa quinta que o pai lhe deixara, na aldeia. Era solteiro, segundo ele não havia mulher que o merecese, por ali.

Dizia isto com ar orgulhoso, e por vezes irritante...

Ninguém gostava dele. Mas todos o respeitavam, coisa de que muito se orgulhava o ricaço. Dava ordenm a todos os trabalhadores como se fossem seus escravos. Ordens a que eles, embora de má vontade, obedeciam, pois precisavam dele. Era na sua quinta que ganhavam o pão de cada dia, para eles e suas famílias.

Eis que um dia, estava o sr. Joaquim sentado numa cadeira, debaixo do alpendre da residência, quando se aproximou dele um pobre que lhe pediu, por favor, uma esmolinha.

Ele sorriu desdenhosamente e respondeu, atirando ao mesmo tempo com uma pedra ao pobre:

— Vai trabalhar, mandrião. Tu pensas que eu, lá por ser rico, posso sustentar mandriões?

E o pobrezinho lá se foi, muito triste, esfregando as costas no sitio onde a pedra o tinha atingido. E o ricaço ficou a gozá-lo com gargalhadas.

Acontece, porém, que o dinheiro é bom de gastar. E um dia, o nosso ricaço, ao levantar-se de manhã, encontrou a casa e a quinta seladas. Toda a propriedade. Não havia duvidas, estava na miséria, Sózinho no Mundo, sem dinheiro e sem amigos.

Os próprios camponeses, já cansados dele, tinham-no abandonado. Então, os olhos dele brilharam de indignação e raiva. Não podia aceitar a ideia de ir mendigar.

Mendigar, ele! Ele que sempre detestara os mendigos!...

Mas a fome pode mais do que a vontade das pessoas e como não sabia fazer nada, o sr. Joaquim teve que estender a mão á caridade.

Aconteceu, um dia, que ao bater a uma porta, o receberam com um sorriso desdenhoso, mas nem por isso deixaram de dar-lhe esmola. Pelo contrário, deram-lhe a melhor esmola que jamais tinha recebido em toda a sua vida de mendigo.

Mas quando o sr. Joaquim olhava toda aquela comida e aqueles agasalhos, reparou que, entre eles, se encontrava uma pedra.

Olhando a pedra, lembrou-lhe então do homem a quem a tinha atirado. Baixou os olhos e murmurou:

— Sim, não há duvida. Foi este o pobre a quem eu atirei a pedra, um dia, do alpendre da minha antiga casa!

Sentiu-se corar de vergonha e de arrependimento. Agradeceu e foi-se embora.

Era, sim, aquele o pobre a quem atirara a pedra, agora rico, vivendo muito bem, mas lembrando-se sempre que também já tinha sido pobre.

Por isso nunca desdenhou de um pobre. Nem mesmo daquele que o apedrejara, um dia...

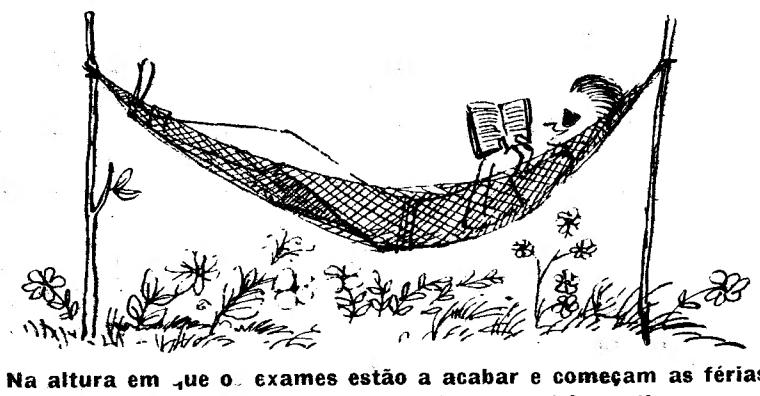
(AMIGO 1344)

POR

MARIA AMÉLIA VICTOR

(14 anos)

Crítica: Aqui tens o teu trabalho publicado. Verifico que este melhorou muito em relação aos anteriores; não, pelo conteudo, que sempre tem interesse e um fundo moral, mas nos erros ortográficos. Deves fazer muitas cópias, muitas. Não deves desanimar, pois tendo apenas a instrução primária, e feita há muito tempo, só mereces os nossos elogios. Estamos sempre prontos para ajudar-te em tudo o que seja preciso. Continua, pois, Amiguinha.



Na altura em que os exames estão a acabar e começam as férias, recomendamos aos nossos amigos os ultimos livros publicados pela PORTUGALIA EDITORA:

COLECÇÃO JUVENIL

O RAPTO — por R. L. Stevenson (3.ª edição)

BIBLIOTECA DOS RAPAZES

HISTÓRIA DUM MARINHEIRO — por Marryat (2.ª edição)
SCARAMOUCHE — por Rafael Sabatini

BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS

MARGARIDA DESFOLHADA — por Berthe Bernage (2.ª edição)
OITO PRIMOS — por Luísa Alcott (2.ª edição)

FORA DE COLECÇÃO

O COLÉGIO DA AMEIXOEIRA por Maria Paula de Azevedo (2.ª edição)

SONHAR

POR

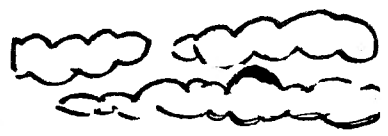
JOSÉ LENCASTRE (10 anos)

I

Eu queria ser passarinho
E queria poder voar
Percorrer o Mundo todo
Andar perdido no ar

II

Ver as colinas, os montes
Os passarinhos nas fontes
E o seu gorjear.
Ver as terras e o mar.



III

Ver as plantas e as flores
Ver o Sol a brilhar
Ver os bebés a sorrir
E as crianças a brincar.

IV

Percorrer o Mundo todo
Desde a choupana ao paço
Andar livre, sempre livre
Embriagado do espaço.

V

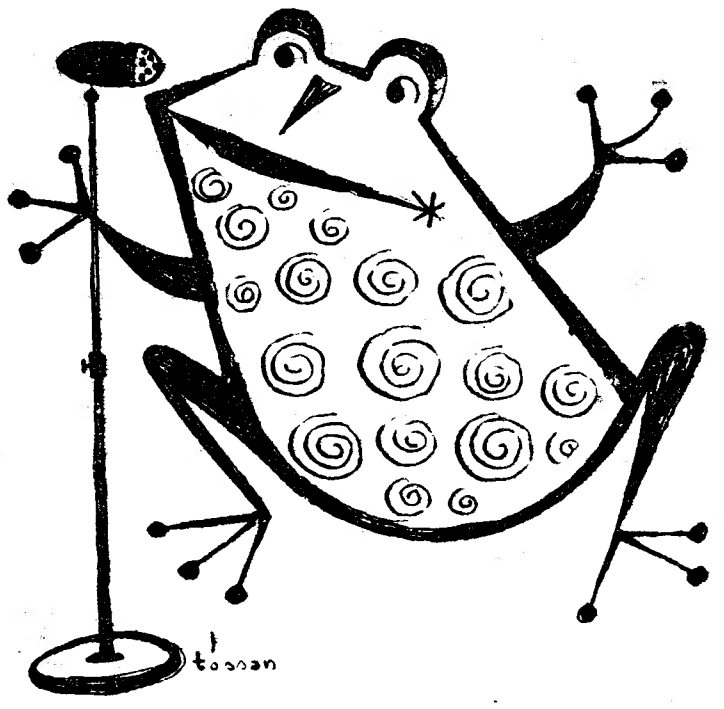
Brincar com as nuvens rosadas
E voar no azul do céu
E por cima destas coisas
Ter o espaço só meu.

VI

E de manhãzinha, cedo
Pousar no verde dum prado
Depenicar uma flor
Beber o orvalho perfumado.

VII

Voar sempre, sempre, sempre
Sem nunca ter saudade
Dos homens,
Da sua maldade.



ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

UM CONCERTO NA FLORESTA

E' possível que nunca tenhas reparado, Amiguinho, pelas tardes quentes de Verão ou nas noites cálidas da Primavera, no sossego dourado do Outono ou mesmo entre o vozear intranquilo do Inverno — nas inumeras vozes que vêm dos campos?

Dos charcos, do alto das árvores, dos campos ceifados, dos beirais dos telhados, surgem vozes: dir-se-ia que por toda a natureza existem cantores e musicos

E é verdade. Todos os seres vivos cantam, embora nem todos possuam, o que podemos chamar uma boa voz de contralto ou de barítono. Mas mesmo feias que sejam as vozes que nos vêm da Natureza animada, elas trazem-nos a alegria e a tranquilidade da vida, da vida que desliza e se perpetua, do dia que renasce, do amor que paira no ar, da beleza, enfim, que a vida comporta.

Por MARIA HELENA DA COSTA DIAS

E sabes quem nos dá esta alegria de viver: os animais.

Escuta, como aquele melro canta bem. Será que a vida é, para ele, só prazer? Talvez não, talvez que as aves chorem também, mas não o fazem como nós e fazem-no então, de uma forma que nos é desconhecida, mas que nos encanta. E aquela andorinha, já reparaste, que belo trinado lança daquele fio eléctrico? E no entanto a vida é dura para ela. Veio de muito, muito longe, sobrevoou o mar imenso, atravessou desertos escaldantes e ventosos, viu morrer muitas companheiras pelo esforço da viagem... e tudo isto porquê? Porque o destino lhe manda perpetuar a raça. E nos nossos beirais, nas varandas, um ninho, dois ninhos, muitos ninhos surgiram, de barro e saliva. Que bela arquitectura e que exemplo de carinho! Eu vi um ninho destruido por rapaziada cruel. E sabes o que aconteceu? Com a mesma paciência, o mesmo carinho, o mesmo cuidado, elas construiram, sobre as ruinas do primeiro, um outro ninho igualzinho ao primeiro. Parecia que desafiavam a maldade humana incipiente naqueles pedaços de gente. E, de novo, lá surgiram quatro cabecinhas doidas, penugentas, de grandes bicos amarelos e ávidos. A voz das andorinhas, depois disso, pareceu-me que tinha outro encanto, era um verdadeiro hino á Vida...

E naquele charco, já reparaste que as plantas mexem e que alguma coisa salta e se fica ao sol e canta? São rãs, rãs de todos os tamanhos. E cantam também... E nas tardes calmas do Verão, esse canto que dá vida ao charco que parecia, antes, tão feio na sua água lodosa!

A cegonha bate o bico, como dois pedaços de madeira, Mas mesmo esse ruído ritmado tem o seu encanto. A cegonha canta os filhotes que deixou no cimo daquelas árvores mais altas, tão altas que nenhum garoto maldoso lá chegará. Debaixo das árvores, pelo prado além, cantam os grilos, de casaca negra. Cantam o seu cri-cri monótono e agudo e dão, aos campos, a sonolência dum cair de tarde quente. Mas os grilos não cantam com a garganta, não, embora o significado da sua canção seja a mesma dos outros animais. Canta a alegria de viver, esfregando as asas ásperas. E saltitando, o gafanhoto canta também com ele,, afinando o violão; com as longas patas traseiras munidas de ganchos, raspa as ass denteadas.

E então, do alto das árvores, dos campos ceifados, dos beirais dos telhados, as cegonhas, os ralos e os grilos, os gafanhotos e as rãs e as andorinhas, todos á uma dão o concerto da bicharada, entoando o eterno Hino á Vida...

VICTOR HUGO

Nos dois próximos numeros de Juvenil publicaremos uns artigos sobre este genial poeta francês; publicaremos também duas poesias suas — «Le Roi Soudard» e «La Terre»; e daremos como prémio á melhor tradução que os nossos amigos nos enviarem, destas poesias, a grande biografia de Victor Hugo, escrita por André Maurois e editada por Livros do Brasil.

Outras biografias que recomendamos aos nossos amigos e publicadas também por Livros do Brasil.
PICASSO — por Antonina Valentin
GOYA — por Antonina Valentin
Que belos livros para se ler em férias!...

Uma jóvem em Londres

(Continuação da 1.ª página)

mesa para te escrever. Quero-te só avisar que daqui a cinco minutos chega a minha hospedeira mais nova (cinco anos) que é muito paciente, muito boa e muito amiga. Mas que conversa comigo em inglês enquanto estou a escrever... porque traz sempre muito que contar e quer ser amável.

Estás a perguntar-me que tal a Inglaterra? Primeiro, o mais importante. Gosta imenso de cá estar. Segundo, os ingleses, são de modo geral, muitíssimos amáveis. A família com quem estou tem sido muito boa para mim. Amanhã, por exemplo, vou assistir ás aulas numa escola infantil.

O meu contrato é trabalhar durante a manhã. Mas hoje, como a senhora (formada em Oxford coisa muito difícil e rara) teve de sair e fiquei de serviço á tarde, tendo portanto amanhã todo o dia livre.

... ...

Afinal, só seis horas depois (são 9 horas da noite) consegui retomar o fio á tua carta. Quando a Margery chegou, senti piedade dela, porque não sabia o que havia de fazer, pois destinara a tarde para ir á piscina e, devido ao tempo, não podia ir. Resolvi, por isso que o melhor seria irmos apanhar morangos para o lanche, antes que começasse a chover outra vez. Apanhámos uma data deles.

A' hora do lanche vim para a cozinha prepará-los e encontrei o resto da família, pelo caminho: o John (10 anos), a Helen (15 anos) e a Susy (gémea do John). Lanchámos todos.

A's seis horas a Margery e eu fomos para cima. Dei-lhe um bom lanche e meti-a na cama (expressão figurada, que ela veio pelos seus próprios meios) com um livro nas mãos. Vim para baixo fazer o jantar. Quando o acabei chegou o respeitável chefe de família. Os dois gémeos enfiaram-se rápidamente na cama e nós os três jantámos. A Helen foi depois estudar e eu e o patrão fomos lavar a loiça do jantar e ouvir um disco de Schumann — «A 4.ª sinfonia». Quando o disco acabou e a loiça também, pensei que seria tempo de pegar de novo nesta carta. Entretanto chegou a patroa. Tivemos uma longa conversa acerca de assuntos domésticos (jantar, banhos, etc.) e... pronto, aqui estou»...

O professor esqueceu-se que Lafontaine era um jóvem

— Diz JOSÉ MANUEL PALMINHA

ESTUDANTE DE MEDICINA

José Manuel Palminha tem 19 anos e é estudante de Medicina. Mais do que manifestar a sua opinião sobre o depoimento de Jacques Lafontaine, ou faz-lhe uma crítica (criticar não é «dizer mal», mas sim analisar e formular uma opinião sobre o que se analisou) — o nosso amigo proferiu «compreendê-lo, explicá-lo». É uma forma de considerar o problema, mas nós preferiamos que José Manuel Palminha nos apresentasse as suas ideias sobre o cinema como instrumento de cultura, como distracção util. Poderemos esperar isso, sobre a forma de carta, de artigo, enfim, amigo, como quiseres? esperamos que sim.

E agora, eis as considerações do nosso novo amigo:

«Belo trecho, este de Jacques Lafontaine. Ao lê-lo procurei desenhar mentalmente esse jovem.

Vejo-o numa encruzilhada sem saber porque caminho seguir. Lafontaine, já um adolescente, procura tactear e encontrar a certeza desta vida. O relógio sem ponteiros, a partida de xadrez com o morte são visões, são abstraccionismos, são simbolismos da incerteza em que vivemos.

A alusão ao trecho de Vigny:

(«A vida humana... uma multidão de homens surpreendidos num sono profundo... A prisão... não sabem onde os levam e sabem que jamais o saberão) — reflecte bem o pensamento actual de Jacques Lafontaine.

Dizia Lamy: a maior desgraça do homem é ignorar para que nasce, sofre e morre.

Na ansia de contactar com problemas metafísicos põe de lado temas sem conteudo e volta-se para Bergmann.

Mas não encontrava Lafontaine tudo isso, na literatura? Ele próprio o afirma. O cinema, porém, mais do que uma obra literária, põe-no mais perto desses problemas.

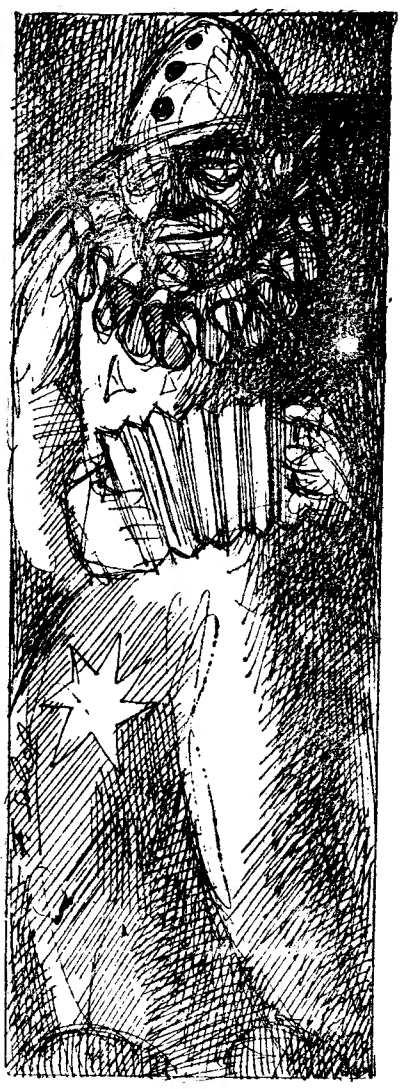
A crítica de Jean-Louis Curtis é um pouco desfavorável. Dizer que a ideia a tirar do texto é a de que o perigo do cinema reside no lugar comum, não basta. É muito pouco. Curtis viu Lafontaine por um prisma muito... cinematográfico. Esqueceu-se de que ele era um adolescente ávido de problemas metafísicos. Apenas acertou, dizendo que o moço adorava o cinema, a sério.

O «retrato» que fiz atrás, do moço francês, é talvez a melhor crítica a Curtis».

Não se nos afigura que o jovem Lafontaine esteja «ávido de problemas metafísicos». De resto, que entender por esta expressão? Que o jovem quer cultivar-se, conhecer o que se passa á sua roda, iniciar a sua intervenção na vida, solucionar os problemas que impedem a sua felicidade? Eis então uma mão cheia de questões concretas e não metafísicas.

O nosso amigo José Manuel Palminho pode levantar na Avenida de Roma, 78, 2.º, Esq., os livros seguintes:

«Prosa doutrinal portuguesa» — Antologias Universais — Portugália Editora. «Cangaceiros» — José Lins do Rego — Livros do Brasil, Ld.ª.



O PALHAÇO

por **MARIA DO CEU ALVARES DE GUERRA** (16 anos)

Ouve-me velho palhaço
a tua vida faz lembrar a minha
tu sofres, tu choras, tu amas
sob uma máscara que ri
que ri sempre,
mesmo que os teus olhos
vertam lágrimas.
Ouve-me, querido palhaço
sob a tua voz pausada e rouca
existe um soluço que mal se adivinha
e tu ris e dizes graças
ris para animar os outros
que pagam para te ver vir
ris-te do mundo que ri
ris deles e ris de ti...

Velho palhaço
velho boneco de circo
a quem ninguém dá importância
de dar o nome de homem
levas a vida a sorrir
és um tanto fantoche, um bonec
para os outros, p'ra ti não
e entre o bulicio que espalhas
entre a animação que crias
ninguém a não ser tu
se lembra que és um homem
e que como homem
existe em ti também um coração.

(Amigo N.º 1648)

CARTAS DA SEMANA

1

O nosso amigo n.º 505 — António de Carvalho e Branco, depois de desejar que o *Juvenil* fosse maior, manda-nos as seguintes sugestões:

«Muito gostaria de ver no *Juvenil*, por exemplo, pequenos artigos sobre musica, teatro, até mesmo poesia e demais literatura. Das secções que me têm despertado mais interesse, são: «Os problemas dos jovens visto pelos jovens», as poesias, pequenos contos, ensaios, os concursos, as Notas de Leitura.»

Nm postal mais recente o António de Carvalho e Branco considerou magnífica a nova secção — «O que pensam os jovens de outros países».

Esta secção já faz parte das alterações que há muito pensávamos realizar no *Juvenil* a fim de que os jovens leitores agitassem ideias, prbolemas, fossem postos em frente de concertos diferentes dos seus e os pudessem discutir com respeito.

Faz também parte de melhoramentos há muito reclamados, a organização regular de sessões de cinema (a partir das férias). Já um grupo dos nosos leitores se encarregou de assegurar essas sessões. Quererás tu, António de Carvalho e Branco, fazer parte daquele grupo?

Quanto aos artigos sobre musica, teatro etc. — teremos muto gosto em satisfazer o teu pedido.

2

O Porto, onde possuimos dedicadissimos amigos, escreve-nos pela primeira vez o amigo Tiago Rui de Meneses Bettencourt (de catorze anos e a fazer presentemente o 5.º ano liceal). São muito amáveis as suas palavras:

«Primeiramente queria felicitar-vos pela forma util e optimista como dirigem este suplemento. Para mim, e julgo que para todos, é esta a revista ideal da juventude»

Esperamos também com a tua boa colaboração, que o *Juvenil* continue a merecer sempre o teu agrado.

Sobre os trabalhos que enviaste nos pronunciaremos dentro em breve.

3

Amigo n.º 1545 — Manuel Paula de Campos! Estamos á espera do teu artigo sobre cinema. Tivemos muita pena que não respondesses ao depoimento de Jacques Lafontaine sobre o cinema («O cinema faz meditar»).

Já recebeste carta do José Carlos Tonça de Morais? Ele pertence ao grupo dos amigos que organizarão as sessões de cinema.

Outra coisa que desejávamos lembrar-te: é preciso que arranjes muitos amigos em Castelo Branco.

Colaboração dos leitores

Alguns amigos queixam-se do tamanho que temos imposto para os originais enviados pelos nossos jovens leitores. Estudado o assunto, resolvemos aceitar colaboração de qualquer, especialmente para

Caso os trabalhos não possam ser publicados num só numero, sê-lo-ão em dois ou mais. Que o unico obstáculo á publicação do trabalho dos nossos jovens amigos seja apenas o mérito, eis o que pretendemos.

O MENINO DE CALÇAS REMENDADAS

(Continuação da 1.ª página)

ainda exitou, mas depois lá o deixou ir.

Quando pisou pela primeira vez o soalho da sala de aula, o menino tremia, como se estivesse cheio de frio. Um entusiasmo anormal borbulhava em si, e começava a sentir-se mais capaz, mais feliz e cheio de esperança Um dia... Ah! Um dia seria grande, grande de corpo e de espirito! Seria um homem digno e valoroso.

Cada dia que passava, o professor descobria nele uma superioridade sobre todos os outros.

Assim, passaram meses.

Quando chegou o dia dos exames todos apareceram na escola de fato e sapatos novos. Vinham nervosos e inquietos. Ele não. Levava na alma uma felicidade imensa; os pés iam descalços como sempre; as calças eram as memas — remendadas, mas muito limpas.

Sentou-se no seu lugar, encolhidíssimo, esquecido, no meio de tantos outros, bem vestidos.

No princípio, ninguém o notava. Mas, quando se dirigiu para o professor, firme e calmo e começou a mostrar, simplesmente, o que valia, todos os corações presentes, vibraram de comoção.

Então o professor pegou-lhe ao colo, emocionado e beijando-o, paternalmente, na testa, apertou-o de encontro ao coração, num misto de ternura e orgulho. Era aquele menino, que ele tinha junto de si, aquele pobre menino de pés descalços, o mais rico de todos, pela sua extraordinária inteligência, pela sua admirável vontade.

Foi aquele menino que depois cresceu, estudou, se fez homem (um homem grande, como sonhara) e se tornou pai, o pai a quem orgulhosamente chamo meu!

O QUE PENSAM OS JOVENS

(Continuação da 1.ª página)

poentes, ama os belos versos».

Decidi-me a escrever — creio eu — no dia em que um amigo me censurou por ter fixado dum romance apenas belas frases e não fortes pensamentos.

Os pensamentos são para os ensaios ou para os manuais de Filosofia».

*

Agora a crítica do professor e escritor Jean-Louis Courtis:

PROUST, citado no primeiro parágrafo, teria usado o verbo «realizar» no sentido aqui empregue? Teria escrito dum pastel que era «tão rico» como um livro? Estas pequenas fraquezas de estilo deverão evitar-se nos seus futuros romances, em que voluntáriamente já acredito, porque este depoimento revela já um verdadeiro temperamento de escritor».

Nota: 16 v.

* * *

Que pensam os nossos amigos das opiniões do Jean-Michel Gardair? Vale a pena meditar no que nos comunica: a vocação, o papel do escritor, a idéia que faz da diferença entre este e os comuns mortais; e, finalmente, que a criação literária é, antes de mais, uma beleza e um prazer construído com palavras.

A melhor crítica apresentada terá, como de costume, o prémio de dois bons livros.